



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**A BIBLIOTERAPIA NA REALIDADE BIBLIOTECÁRIA NO BRASIL:
A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Mariana Giuberti Guedes

Orientadora:
Prof^a Dr^a Sofia Galvão Baptista

**Brasília
2013**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

MARIANA GIUBERTTI GUEDES

**A BIBLIOTERAPIA NA REALIDADE BIBLIOTECÁRIA NO BRASIL:
A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, na área de Profissional da Informação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sofia Galvão Baptista

**Brasília
2013**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1006332.

G924b Guedes, Mariana Giuberti.
A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil
: a mediação da informação / Mariana Giuberti Guedes. --
2013.
187 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Faculdade de Ciência da Informação, Programa de
Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2013.
Inclui bibliografia.
Orientação: Sofia Galvão Baptista.

1. Biblioterapia. 2. Bibliotecários. I. Baptista,
Sofia Galvão. II. Título.

CDU 028.02



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “A Biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da Informação”

Autor (a): Mariana Giubertti Guedes

Área de concentração: Gestão da Informação

Linha de pesquisa: Organização da Informação

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre** em Ciência da Informação.

Dissertação aprovada em: 07 de março de 2013.

Aprovado por:

Prof^ª. Dr^ª. Sofia Galvão Baptista
Presidente (UnB/PPGCINF)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Alice Guimarães Borges
Membro Externo (UnB/FCI)

Prof^ª. Dr^ª. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque
Membro Interno (UnB/PPGCINF)

Prof^ª. Dr^ª. Dulce Maria Baptista
Suplente (UnB/PPGCINF)

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus que está sempre ao meu lado com Seu amor incondicional e Sua misericórdia!

Dedico esse trabalho à minha família que sempre me apoiou em todos os momentos, principalmente quando decidi fazer o mestrado. Aos meus pais, Antonio Lúcio e Adriana, agradeço todo o apoio emocional e financeiro, sem vocês não conseguiria realizar esse sonho. À minha irmã e melhor amiga, Carol, agradeço por estar ao meu lado me dando forças e ânimo.

Dedico também ao Raphael, meu grande amor e companheiro. Obrigada pelo apoio e por sua presença em minha vida!

E por fim, dedico àqueles que amam a leitura e que de alguma forma tem a prática da biblioterapia em sua vida, seja atuando seja participando!

Essa vitória é para todos aqueles que acreditaram em mim!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais uma vitória em minha vida, por todo o sustento e amor diário, que me deu forças para prosseguir a cada segundo da minha vida!

Agradeço à minha família:

Meus pais pelo amor e cuidado por toda uma vida.

Ao meu pai agradeço tudo o que me proporcionou, por tanto amor e carinho demonstrado a cada dia! Graças a ele, nada faltou em minha vida!!

À minha mãe agradeço pelo exemplo que foi para mim, dela herdei o amor imenso aos livros e aos estudos!

À minha irmã agradeço por estar ao meu lado em todos os momentos alegres e tristes, por tantas vezes me ouvir e me ajudar a superar tudo. Minha maior alegria é ter uma amiga tão maravilhosa que compartilha tantos gostos e alegrias!

Aos meus irmãos Victor e Ricardo, com muita saudade, eu agradeço tantos momentos felizes. Obrigada por toda a força que me deram!

Aos meus avôs e minhas avós Maria, José (In Memoriam), Neuza e Dirceu que sempre acreditaram em mim!

A tantos outros da minha família que fizeram parte da minha vida e da minha história!

Agradeço ao Raphael por ser um companheiro maravilhoso que me acompanhou nesta etapa de estudo, me ajudando com sugestões e críticas que só melhoraram meu trabalho. Te amo demais e sou muito feliz ao seu lado!

Agradeço especialmente minha querida orientadora Dra. Profa. Sofia Galvão Baptista que me auxiliou com tudo que precisei e sempre esteve disposta a me ajudar. Obrigada pela paciência constante!

Agradeço à Dra. Maria Tereza Machado Teles Walter pelas contribuições na qualificação que só melhoraram minha pesquisa.

À Profa. Dra. Maria Alice Guimarães Borges agradeço a ajuda constante desde a graduação, sempre disposta a me atender e compartilhar seu conhecimento!

Agradeço à Profa. Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque que, com tanta gentileza, me ajudou muito!! Obrigada por aceitar fazer parte da banca e por sua análise do meu trabalho, que possibilitou seu maior aperfeiçoamento!

Agradeço à Profa. Dra. Dulce Maria Baptista por me socorrer como suplente e por sua grande contribuição em todo mestrado.

Agradeço a Capes pela bolsa de estudo essencial para esta etapa da minha vida.

Agradeço todas as bibliotecárias que participaram da pesquisa, pela prontidão em responder os questionários, pelo compartilhamento de suas experiências e opiniões, bem como o apoio à pesquisa desse tema maravilhoso!

Agradeço ao querido Prof. Sebastião de Souza pela prontidão em me ajudar no compartilhamento de suas experiências e conhecimentos sobre biblioterapia.

Às secretárias da pós-graduação da FCI/UnB agradeço pela ajuda constante e paciência!!!

Agradeço aos queridos bibliotecários Karen, Neilia, Priscila, Angélica Jacyara, Raíssa, Diego, Fernando, Joanita e Thayse que me apoiaram sempre e me acompanharam na construção deste trabalho.

Agradeço às minhas amigas Mari e Vivi que sempre torceram muito por mim!

Agradeço a todos da BCE que me apoiaram em todo o mestrado.

The Rights of the Reader

by Daniel Pennac

illustrated by Quentin Blake



1 The right not to read.



2 The right to skip.



3 The right not to finish a book.



4 The right to read it again.



5 The right to read anything.



6 The right to mistake a book for real life.



7 The right to read anywhere.



8 The right to dip in.



9 The right to read out loud.



10 The right to be quiet.

10 rights - 1 warning
Don't make fun of people
who don't read -
so they never will.



Illustrations by Quentin Blake

Illustrations © 2000 Quentin Blake

WALKER BOOKS
www.walkerbooks.co.uk

Reader's Bill of Rights: 1. The right to not read; 2. The right to skip pages; 3. The right to not finish ; 4. The right to reread; 5. The right to read anything; 6. The right to escapism; 7. The right to read anywhere; 8. The right to browse; 9. The right to read out loud; 10. The right to not defend your tastes" — Daniel Pennac

RESUMO

A presente dissertação estuda a realidade do bibliotecário brasileiro na aplicação da biblioterapia e de seu papel como mediador da informação nesse processo. Tem como objetivo geral analisar a atuação do bibliotecário em atividades biblioterapêuticas como mediador da informação por meio de relatos de suas experiências. Os objetivos específicos da pesquisa são: analisar a biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação (CI) como forma de comunicação da informação; compreender histórico, conceitos, objetivos e características das práticas biblioterapêuticas; identificar a evolução da função dos bibliotecários na aplicação das atividades biblioterapêuticas; identificar o preparo profissional dos bibliotecários para a participação de práticas biblioterapêuticas e verificar a contribuição do bibliotecário na biblioterapia. O referencial teórico engloba a relação dos temas: biblioterapia, mediação da informação e bibliotecário. Neste levantamento é considerada a comunicação da informação na prática biblioterapêutica como processo de fluxo da informação e da transformação cognitiva, bem como a atuação do bibliotecário como mediador da informação. No ponto de vista do profissional, considera a formação e o perfil do bibliotecário. A pesquisa tem caráter exploratório e utilizou entrevistas e questionário, com profissionais especialistas no assunto, buscando identificar as experiências, numa análise de conteúdo. A pesquisa teve como resultado a identificação da mediação da informação nas experiências dos bibliotecários que atuaram com biblioterapia, bem como, a diversidade de aplicação por parte dos bibliotecários e a escassez de treinamento e formação específica da área.

Palavras-chave: Biblioterapia. Biblioterapeuta. Bibliotecário. Mediação da Informação.

ABSTRACT

This dissertation studies the reality of application of bibliotherapy by Brazilian librarian and its role as an information mediator in that process. It aims at analyzing the role of the librarian as information mediator in bibliotherapy activities through reports of their experiences. The specific objectives of the research are: to analyze the bibliotherapy within the Information Science as a way of communicating information; understand historical concepts, objectives and characteristics of bibliotherapy practices; identify the evolution of the role of librarians in the implementation of bibliotherapy activities, identify the professional training of librarians to be able in application of bibliotherapy and determine the contribution of the librarian in bibliotherapy. The theoretical framework includes the list of topics: bibliotherapy, information mediation and librarian. It was considered the communication of information in bibliotherapy as process flow of information and cognitive processing, as well as the role of the librarian as mediator of information. In view of professional training there was a study about training and librarian profile. The research is exploratory and used interviews and questionnaires with professional experts in order to identify the experiences, using a content analysis. The result of search is the identification of the mediation of information on the experiences of librarians who worked with bibliotherapy, as well as the diversity of application of librarians and the scarcity of specific training in the area.

Key-words: Bibliotherapy. Bibliotherapist. Librarian. Mediation Information.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos três tipos da biblioterapia	38
Quadro 2 – Análise comparativa da Ciência da Informação com a biblioterapia ..	60
Quadro 3 - Principais abordagens alternativas em pesquisas sobre necessidades e usos da informação	66
Quadro 4 – Trabalhos biblioterapêuticos realizados	73
Quadro 5 – Desenho da pesquisa	87
Quadro 6 – Especializações	104
Quadro 7 – Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado	105
Quadro 8 – Atuação Profissional	110
Quadro 9 – Público atendido	115

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processo e componentes biblioterapêuticos.....	40
Figura 2 – O processo biblioterapêutico segundo Silverberg.....	42
Figura 3 - Fluxos internos e externos de informação.....	57
Figura 4 – Ciclo informacional.....	59
Figura 5 – Esquema de Comunicação.....	65
Figura 6 – Modelo conceitual de Mediação da informação na biblioterapia.....	85
Figura 7 – Pirâmide das Necessidades.....	134
Figura 8 – Comunicação da Informação na biblioterapia.....	140

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados aproximados dos anos de atuação das bibliotecárias114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Projetos biblioterapêuticos.....	124
Tabela 2 – Tipos de produção sobre biblioterapia.....	125
Tabela 3 – Produções sobre biblioterapia.....	126

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEBD – Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação

ALA - American Library Association

CI – Ciência da Informação

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ELSP - Escola Livre de Sociologia e Política

FBN – Fundação Biblioteca Nacional

FCI – Faculdade de Ciência da Informação

HIAS - Hospital Infantil Albert Sabin

HMJ - Hospital Municipal Jesus

HUGG - Hospital Universitário Graffree Guinle

HU/UFSC – Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina

IES – Institutos de Ensino Superior

IFF - Instituto Fernandes Figueira

IPMG - Instituto de Puericultura Martagão Gesteira

MS – Ministério da Saúde

NAAC - Núcleo de Apoio a Criança com Câncer

NUCEPEC - Núcleo Cearense de Pesquisa e Estudos da Criança e do Adolescente

PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

UnB – Universidade de Brasília

VA - Veterans Administration

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	18
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA	21
1.2.1 OBJETIVO GERAL	21
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA	22
2 REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1 BIBLIOTERAPIA	23
2.1.1 RESUMO HISTÓRICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI	25
2.1.2 CONCEITOS E OBJETIVOS DA BIBLIOTERAPIA	34
2.1.3 A BIBLIOTERAPIA E SUA APLICAÇÃO	36
2.1.3.1 SELEÇÃO DE MATERIAL PARA ATIVIDADES BIBLIOTERAPÉUTICAS	43
2.1.3.2 MÉTODOS DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA	44
2.1.3.3 OS EFEITOS DA BIBLIOTERAPIA	49
2.1.3.4 OS PROJETOS BIBLIOTERAPÉUTICOS NO BRASIL	51
2.2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A BIBLIOTERAPIA	55
2.2.1 COMUNICAÇÃO, MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTERAPIA	61
2.3 BIBLIOTECÁRIO E A BIBLIOTERAPIA	69
2.3.1 BIBLIOTERAPEUTA E MEDIADOR DA INFORMAÇÃO	71
2.3.2 FORMAÇÃO E TREINAMENTO EM BIBLIOTERAPIA	78
3 METODOLOGIA	80
3.1 REFERENCIAL TEÓRICO	82
3.1.1 MODELO CONCEITUAL	83
3.2 DESENHO DA PESQUISA	86
3.3 UNIVERSO E AMOSTRA	88
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	89
3.4.1 PRÉ-TESTE	89
4 ANÁLISE DOS DADOS	91
4.1 FASE EXPLORATÓRIA	92
4.2 PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO QUE APLICA BIBLIOTERAPIA	103
4.2.1 FORMAÇÃO	103
4.2.2 ATUAÇÃO PROFISSIONAL	109
4.2.3 MOTIVAÇÃO	111
4.2.4 TIPO DE APLICAÇÃO	113
4.2.5 ATUAÇÃO COM OUTROS PROFISSIONAIS	117
4.3 CONTRIBUIÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS À PRÁTICA BIBLIOTERAPÉUTICA	121
4.3.1 PROJETOS E ATIVIDADES REALIZADOS	121
4.3.2 PRODUÇÃO CIENTÍFICA	125
4.4 PROBLEMAS IDENTIFICADOS NA PRÁTICA DA BIBLIOTERAPIA	127
4.5 A MEDIAÇÃO NA PRÁTICA BIBLIOTERAPÉUTICA DO BIBLIOTECÁRIO	131
4.5.1 SERVIÇOS PRESTADOS	131
4.5.2 BIBLIOTECÁRIOS	144
5 CONCLUSÃO	150
5.1 SUGESTÃO PARA ESTUDOS FUTUROS	152
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE	162
ANEXO	166

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) tem como foco principal o estudo do fluxo da informação, pois a comunicação é um ato no qual a informação é um produto (LE COADIC, 2004). Sendo assim, a Ciência da Informação situa-se no campo das ciências sociais, buscando esclarecer as questões relacionadas à informação, com foco na necessidade da sociedade. Segundo Davanso e Zanaga (2009), esta área objetiva resolver problemas de registro e de comunicação do conhecimento para a sociedade, em que se estudam propriedades, comportamentos, fluxos e meios de processamento da informação, para promover sua utilização ao máximo.

Barreto (1994) defende que a informação está presente na evolução do homem, inclusive pontua o papel da informação à produção de conhecimento dos indivíduos. O presente trabalho, portanto, baseia-se nos fundamentos de Barreto (1994) em que a informação é qualificada como um instrumento que modifica a consciência do indivíduo e da sociedade. O conhecimento, segundo o autor, somente se realiza se a informação for percebida e aceita como tal pelo indivíduo, e este, se apresenta num estágio melhor de convivência consigo e com toda a comunidade ao redor.

O bibliotecário, neste contexto, é um agente que trabalha com o acesso à informação, e dentre suas atribuições está identificar e disponibilizar informação para suprir as necessidades informacionais de usuários, permitindo a fluidez da informação em uma sociedade e seu desenvolvimento. A comunicação e a mediação da informação, portanto, é a parte do ciclo informacional em que se tem a conexão do usuário e da informação.

A presente pesquisa parte da premissa que o bibliotecário, apenas em sua formação básica, não se torna apto a exercer todas as atividades possíveis à profissão. Dependendo do campo de atuação haverá necessidade de especialização por parte do profissional. Borges (2004) defende que o bibliotecário, como profissional da informação, tem a exigência do mercado de uma consistente formação técnica, ter uma abordagem econômica direcionando-o a realização de serviços com eficiência, além de ser um profissional que saiba interagir com uma

sociedade atual, sempre buscando um aperfeiçoamento profissional com especialização e qualificação adequada à sua função. O bibliotecário também necessita ter a capacidade de trabalhar em equipe, com atitudes comportamentais, e buscar uma educação continuada constantemente.

O bibliotecário é um dos profissionais que pode atuar com a biblioterapia, porém sua contribuição depende de sua preparação profissional e acadêmica (LEITE, 2009). As aplicações são possíveis em diversos ambientes e públicos, sendo relevante inclusive o estudo do bibliotecário em atuações específicas. No Brasil, entretanto, as informações relacionadas à área são limitadas, apesar de que pesquisas internacionais, em alguma medida, suprem esta falta de literatura no Brasil, apontando técnicas e a eficiência da atividade (MIRANDA, 2006).

Segundo Leite (2009), a biblioterapia é uma área do conhecimento interdisciplinar que, mediante aplicação de leitura terapêutica e atividades lúdicas complementares, traz benefícios à sociedade. A autora, portanto, recomenda que os bibliotecários tenha uma postura profissional neste campo de atuação, desenvolvendo pesquisas que possam contribuir para o crescimento e valorização da profissão na atividade biblioterapêutica.

A biblioterapia tem aspectos da comunicação e mediação da informação, pois apesar de ser uma atividade com perfil terapêutico, a base de seu processo está no compartilhamento e na interpretação de informações pré-definidas para atender determinado público, tendo o bibliotecário como um possível agente atuante, como defendem Lucas, Caldin e Silva (2006). O uso da biblioterapia como tema de pesquisa se justifica, segundo Leite (2009), “para o crescimento e evolução do conhecimento científico, pois evidencia as novas possibilidades de campos de atuação e produção do conhecimento em Biblioteconomia e Ciência da Informação.”

Frente a esse contexto, questiona-se: de que forma o bibliotecário brasileiro tem atuado no processo biblioterapêutico? Esta proposta apresenta a necessidade de compreender o bibliotecário no processo biblioterapêutico como um agente mediador da informação e do conhecimento, buscando o entendimento das variáveis relacionadas à aplicação da biblioterapia por bibliotecários. Entre elas estão: questões relacionadas à mediação da informação na atividade biblioterapêutica, a

preparação deste profissional para o exercício desta atividade, os problemas encontrados em relação à sua atuação na biblioterapia e a sua contribuição.

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A informação é todo o conhecimento registrado em um suporte que possibilite o tratamento, a disseminação e o surgimento de novos conhecimentos (LE COADIC, 2004). Borges (2004, p. 67) pontua que “desde os primórdios a informação é o insumo básico do desenvolvimento. Quando o homem associou a fala e a imagem e criou a escrita, ele permitiu a armazenagem e a transmissão da informação”.

A transformação do conhecimento é um fenômeno humano, que se efetua na interação entre indivíduos, que transmitem e recebem mensagens, permitindo a circulação de informações. Já a comunicação da informação se caracteriza pela circulação e mediação, sendo uma forma de difundir informação num processo caracterizado pelo diálogo entre pessoas, tendo a participação de agentes como mediadores de informações.

O bibliotecário ao lidar com os usuários é um agente mediador da informação, porém a mediação do bibliotecário não se caracteriza somente no serviço de referência, mas em toda atividade em que o bibliotecário atua, desde a seleção até a disseminação (ALMEIDA JÚNIOR, 2008). A mediação e a comunicação da informação se tornam essenciais para que o ciclo informacional se concretize, pois é o que une informação e usuário.

O bibliotecário, como um profissional da informação, tem dentre suas atribuições selecionar, adquirir, catalogar, classificar, organizar, disponibilizar e disseminar a informação, sempre se preocupando com a necessidade do usuário. Portanto, como mediador, o bibliotecário precisa estar apto a passar a informação correta ao usuário e suprir sua necessidade.

Vale destacar que o presente trabalho visa o estudo da mediação da informação e não da mediação da leitura que também pode ser identificada no processo biblioterapêutico. Almeida Júnior e Bortolin (2007) propõe a distinção dos dois termos, sendo que a mediação da informação é o processo que o bibliotecário

atua auxiliando o usuário na recuperação da informação desejada, já a mediação de leitura se justifica no ato do fomento à leitura.

Na atual sociedade, os indivíduos sofrem vários distúrbios emocionais e sociais, tendo como exemplo, depressão, estresse, violência, entre outros. Portanto, essa situação exige a criação e uso de métodos que visem à melhoria na qualidade de vida das pessoas, proporcionando a diminuição de anomalias na dinâmica social. Neste contexto, surge aos poucos no Brasil a biblioterapia, uma atividade que tem como objetivo ajudar indivíduos em seus problemas emocionais, comportamentais ou até mesmo sociais por meio da leitura e de atividades lúdicas específicas para sua necessidade. Inicialmente, foi aplicada em bibliotecas de hospitais por médicos em conjunto com outros profissionais, que promoviam atividades de leitura com pacientes e familiares para lidarem com seus conflitos. Ao longo do tempo foi-se trabalhando em outros locais como escolas, orfanatos, asilos e prisões.

A biblioterapia é uma atividade que auxilia o indivíduo a se adaptar ou superar determinadas situações e pode ser uma alternativa no contexto defendido acima. Sua aplicação é benéfica, justificada pelo suporte emocional que proporciona a vários indivíduos de uma sociedade, tornando-se uma ação social. Pode-se listar, segundo Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 402), objetivos de leitura com possibilidades terapêuticas:

[...] proporcionar a catarse; favorecer a identificação com as personagens; possibilitar a introjeção e a projeção; conduzir ao riso; aliviar as tensões diárias; diminuir o stress; facilitar a socialização; estimular a criatividade; diminuir a timidez; ajudar no usufruto da experiência vicária; criar um universo independente da vida cotidiana; experimentar sentimentos e emoções em segurança; auxiliar a lidar com sentimentos como a raiva ou a frustração; mostrar que os problemas são universais e é preciso aprender a lidar com eles; facilitar a comunicação; auxiliar na adaptação à vida hospitalar, escolar, prisional, etc.; desenvolver a maturidade; manter a saúde mental; conhecer melhor a si mesmo; entender (e tolerar) as reações dos outros; verbalizar e exteriorizar os problemas; afastar a sensação de isolamento; estimular novos interesses; provocar a liberação dos processos inconscientes; clarificar as dificuldades individuais; aumentar a autoestima.

A biblioterapia é uma atividade baseada no ato da leitura e da interpretação, remetendo a questões pessoais com um olhar crítico. Tal atividade, além de

proporcionar momentos de catarse¹ e humor, supre a necessidade da informação em atividades de entretenimento.

O livro é o principal objeto de trabalho (ALVES, 1982), geralmente do tipo literário, em que se procura compreender as situações, interpretá-las e relacioná-las à vida do sujeito. A leitura terapêutica e outras dinâmicas podem ser realizadas em grupo ou individual. A atividade biblioterapêutica tem experiências baseadas em técnicas, tendo em toda ação registros de resultados parciais e totais referente à atividade e ao público-alvo. Relatórios são elaborados para documentar todo o processo realizado, como também sugestões, críticas e opiniões, tanto dos profissionais envolvidos como também das pessoas do grupo trabalhado.

Muitos estudos sobre a biblioterapia são realizados em outros países. As formas de aplicação são bem variadas, com o objetivo de auxiliar indivíduos com todo o tipo de distúrbio ou angústia (ataque de pânico, estresse, depressão, entre outros). A realização da biblioterapia acompanha as necessidades da sociedade, inclusive sendo utilizada cada vez mais pelo indivíduo mediante leitura de livros de autoajuda.

No Brasil, esta prática é pouco difundida e discutida (ALMEIDA, 2011), principalmente se for entre profissionais de áreas distintas. O interesse de alunos de graduação por essa atividade é identificada na quantidade de monografias sobre o assunto em cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação de diversas universidades e faculdades brasileiras, porém, depois de formados estes profissionais não encontram disponibilidade no mercado para atuação em biblioterapia.

Neste contexto, a presente pesquisa aborda a problemática de identificar a realidade da atuação do bibliotecário em aplicações biblioterapêuticas no Brasil e identificar seu papel como mediador da informação nesse processo.

¹ Segundo Caldin (2010) a catarse tem uma definição diferente em áreas distintas como Psicologia e Filosofia. Neste trabalho a catarse é considerada a característica da leitura em trazer sensações agradáveis.

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

A atuação do bibliotecário como mediador da informação pode ser identificada na disseminação da informação, principalmente em serviços de biblioteca, porém as diretrizes que o definem como mediador podem se associar a outros tipos de atividades, como por exemplo, a biblioterapia. Neste trabalho busca-se o entendimento do processo de mediação da informação na atuação de bibliotecários que aplicam a biblioterapia no Brasil. Neste contexto, os objetivos são:

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar o papel e a atuação do bibliotecário brasileiro em atividades biblioterapêuticas por meio de sua experiência como um agente mediador da informação.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são:

- a) Analisar a biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação (CI) como forma de mediação da informação;
- b) Identificar os conceitos, objetivos e características das práticas biblioterapêuticas;
- c) Identificar a evolução da aplicação das atividades biblioterapêuticas pelos bibliotecários no Brasil;
- d) Identificar o perfil profissional e as características de formação dos bibliotecários atuantes em biblioterapia no Brasil;
- e) Verificar a contribuição do bibliotecário em atividades biblioterapêuticas;
- f) Identificar os problemas que os bibliotecários enfrentam na prática biblioterapêutica;
- g) Avaliar a atribuição do bibliotecário brasileiro que aplica a biblioterapia no âmbito da mediação da informação.

1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA

Para responder ao problema de pesquisa elaborado e alcançar os objetivos do presente trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma de campo. Na pesquisa bibliográfica foram abordados autores que puderam contribuir para o entendimento do conceito, da história e amplitude da biblioterapia bem como a sua aplicação no Brasil. Buscou-se, também, o entendimento do profissional bibliotecário na atuação da biblioterapia e as características de mediação e comunicação da informação envolvida neste processo.

A presente pesquisa tem caráter exploratório, pois reúne “dados, informações, padrões, idéias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior” (MUELLER, 2007, p.25). Seu caráter é qualitativo, pois “[...] difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema” (RICHARDSON, 2011, p. 79). Não se pretende nem medir nem numerar, mas analisar uma problemática com conotação qualitativa.

Em uma fase exploratória, professores foram entrevistados para a contextualização desta área no universo da biblioterapia. O roteiro da entrevista foi elaborado para identificar, mediante suas experiências pessoais e em orientações acadêmicas, a situação da biblioterapia no ponto de vista da Biblioteconomia.

Para o grupo de estudo foram definidos bibliotecários brasileiros que atuam ou atuaram em atividades biblioterapêuticas após a graduação. Esses bibliotecários foram identificados por trabalhos publicados e/ou defendidos, como: dissertações, teses, artigos, relatórios e relatos de experiência, que demonstram sua experiência com a atividade. Para a identificação do perfil desses profissionais foi realizada, também, uma pesquisa na Plataforma Lattes do portal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Para a pesquisa de campo elaborou-se um questionário, somente com questões abertas, dando o máximo de liberdade aos respondentes, para obter a opinião profissional com relação ao papel do bibliotecário na biblioterapia, para entender suas experiências biblioterapêuticas e também as dificuldades encontradas. As respostas foram tabuladas e analisadas com análise de conteúdo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 BIBLIOTERAPIA

A leitura é um ato importante para o ser humano, pois permite o desenvolvimento intelectual e criativo. A biblioterapia surgiu do uso da leitura para auxiliar pessoas a melhorar a qualidade de vida, encarando seus medos, anseios, problemas e situações difíceis. Não é o simples ato de ler que possibilita esta situação, mas a leitura de informações para análise e interpretação, destacando seu caráter modificador e transformador.

Antes de abordar esta atividade na realidade bibliotecária, é necessário entender primeiro sua origem, seus conceitos e suas características. A biblioterapia, portanto, é a prática de usar a leitura e a interpretação para ajudar pessoas a lidar com os seus problemas, seja de caráter social, emocional ou moral. A sua aplicação pode ser realizada em diversas instituições, principalmente naquelas que lidam com pessoas em situação traumática como, por exemplo, prisões, asilos e orfanatos ou em processo de tratamento de saúde, no caso daquelas feitas em ambientes hospitalares. Este método permite que a pessoa desenvolva um senso de identidade com novas perspectivas que conduzam a motivação no comportamento, para se adaptarem de maneira satisfatória às diferentes situações em suas vidas. (HASSE, 2004).

A atividade biblioterapêutica permite o indivíduo entender uma situação conflitante por intermédio de leitura e interpretação, sendo uma condição favorável a todos que tem uma necessidade de superar sua incapacidade de lidar com determinadas situações. Todo o processo não se resume só a designação de pessoas para um momento de leitura, antes disso há planejamento e análise da realidade dos participantes para um resultado efetivo, pois ao ler ou ouvir uma história devidamente selecionada, o leitor se depara com um personagem ou uma situação da qual pode se identificar e participar de sua experiência, tendo assim um distanciamento de seus próprios problemas, permitindo uma autoanálise. Ao mesmo tempo, o leitor encontra a possibilidade de encarar seus conflitos, sem medo, ansiedade ou autocrítica.

A preocupação da escolha do texto que deve ser lido é importante, pois a “seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura, e avaliação dos resultados” é necessária (RATTON, 1975, p. 199). Os resultados são variados, dependendo do método utilizado (leitura, atividades lúdicas, hora do conto, dramatização e outros). É nesta etapa de escolha do texto que se percebe a importância da participação do bibliotecário que deve conhecer tanto os livros como os leitores, de forma a selecionar a melhor literatura (didática ou ficcional) para se atingir os efeitos terapêuticos pretendidos.

Através da biblioterapia, pode-se constatar o nível emocional, social e cultural de cada paciente bem como o seu grau de depressão e ansiedade, sua própria reação a sugestão de leitura e alusão a outros livros ou histórias podem trazer informações importantes. (FONTENELE et al., 1995, p. 16).

O ser humano por meio da leitura pode ter um envolvimento emocional com o texto, aplicando o que leu em sua própria vida. Ao proporcionar catarse, a literatura se torna um aliado no envolvimento do leitor com a informação do texto, sendo essencial o papel da interpretação nas atividades biblioterapêuticas, pois é a oportunidade de unir a percepção objetiva e subjetiva. (OUAKNIN, 1996).

Segundo Ouaknin (1996), a biblioterapia é, antes de tudo, uma filosofia existencial, sendo também, uma filosofia sobre a leitura, em que o indivíduo constrói uma relação com o livro. Dessa forma, a leitura possibilita o homem compreender o texto e se compreender, pois na interpretação, o leitor passa a fazer parte do texto. A interpretação é a união da explicação objetiva do texto e de uma compreensão subjetiva, pois nela se descobre outro mundo com variações imaginativas que a literatura opera sobre o real. Neste contexto, a biblioterapia propõe práticas de leitura com a interpretação dos textos.

Segundo Ouaknin (1996), a biblioterapia é, antes de tudo, uma filosofia existencial, sendo também, uma filosofia sobre a leitura, em que o homem constrói uma relação com o livro. Desta forma, Caldin (2001) pontua que a leitura possibilita o homem compreender o texto e se compreender, pois na interpretação o leitor passa a fazer parte do texto. A interpretação é a união da explicação objetiva do texto e de uma compreensão subjetiva. A biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura com a interpretação dos textos.

O tipo de leitura realizado por um indivíduo depende de um determinado propósito, podendo ser para entretenimento, aprendizado, entre outros. No caso da leitura terapêutica o objetivo é obter auxílio por meio da leitura, seja individual, seja com um profissional. A leitura terapêutica faz parte de um processo terapêutico, que requer uma relação mais profunda com o texto. Este processo consiste numa atividade interativa baseada em interpretação de textos, destacando o diálogo. O diálogo é o fundamento da biblioterapia (OUAKNIN, 1996), ou seja, as etapas de entendimento de um texto incluem a interpretação em grupos que é o mais importante, pois permite a troca de informações além de proporcionar a garantia de que o indivíduo não está sozinho.

Em suma, a biblioterapia não deve ser entendida não só como a utilização de livros e leitura para auxiliar o processo de cura de pacientes, ou a reintegração social de presos, mas sim uma seleção de literatura dirigida com complemento das atividades lúdicas, para essas e outras questões, de forma a contribuir para a melhora do indivíduo, em sua condição específica e especial, trabalhando com sua inteligência emocional².

2.1.1 RESUMO HISTÓRICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI

A concepção de biblioterapia não é recente, tanto os egípcios como os gregos associavam a leitura como forma de tratamento espiritual e médico. Ferreira (2003) relata que, no antigo Egito, as bibliotecas eram consideradas espaços de conhecimento e espiritualidade e eram denominadas “casas de vida”, segundo Montet (1989 apud CRUZ, 1995, p. 13). Como exemplo desta realidade destaca-se o ato do Faraó Ramsés II que ordenou colocar no frontispício de sua biblioteca “Remédios para a alma” (ALVES, 1982).

Na porta da Biblioteca de Tebas estava inscrito “lugar de cura da alma” o que demonstra que, na Grécia antiga, o método de curar por meio de livros fazia parte de sua cultura. Roberts (1984 apud PEREIRA, 1996, p.36) destaca a importância, desde a antiguidade, dos livros sendo usados para transmitir informações sobre a

² Termo utilizado para o ato do indivíduo de reconhecer e lidar com as próprias emoções.

vida, destacando biografias e a Bíblia, a qual auxiliaria com conforto e cura espiritual em circunstâncias trágicas, ou seja, uma forma de biblioterapia pessoal.

Até então, a biblioterapia era uma idealização, diferente do que se refere à prática biblioterapêutica atual. Apesar das discussões de como se originou o termo biblioterapia, Pereira (1996, p.37) afirma que surgiu na América do Norte, na primeira parte do século XIX, em trabalho relacionando biblioteca e ação terapêutica.

Ao final do século XVIII, os livros começaram a ser usados como tratamento para doentes mentais na França, Inglaterra e Itália. Segundo Pereira (1996), Rush, um médico americano, em 1802, buscou usar o método de incentivo à leitura para doentes comuns em hospitais. Num estudo realizado para conferência sobre a construção e administração de hospitais, em 10 de novembro de 1802, recomendou dois tipos de leitura, sendo o primeiro para entretenimento e o segundo sobre assuntos filosóficos, morais e religiosos. O médico Galt II, que ficou conhecido pelo seu ensaio tratando da leitura, recreação e diversão no tratamento de pessoas com demência, em 1853, também recomendou a leitura como parte do tratamento de pacientes (ALVES, 1982). Posteriormente, no começo do século XIX, tal método foi empregado na América em prisões e hospitais para doentes mentais (PEREIRA, 1996, p.38).

A biblioterapia passa a ser considerada um ramo da Biblioteconomia um pouco mais tarde, “[...] em 1904, quando a biblioteca do Mc Lean Hospital, em Massachussets, iniciou um programa envolvendo os aspectos psiquiátricos da leitura.” (RATTON, 1975, p. 199).

Por outro lado, há informações de que a biblioterapia floresceu recebendo um grande impulso, durante a Primeira Guerra Mundial, quando bibliotecários leigos, notadamente da Cruz Vermelha, ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do Exército. Desde aquela época que o Bureau dos Veteranos dos Estados Unidos teve um grande papel na biblioterapia. (PEREIRA, 1996, p. 38).

Três artigos foram publicados durante a Primeira Guerra Mundial, dentre eles está o de Crothers (1916) intitulado *A literacy clinic*³, sendo o primeiro a utilizar o termo biblioterapia. O autor cita que “*Bibliotherapy is such a new science that it is no wonder that there are many erroneous opinions as to the actual effect which any*

³ Tradução nossa: Leitura clínica.

*particular book may have*⁴. (BEATTY, 1962, p. 106). Os outros dois artigos publicados, na época, foram de Robinson (1916) intitulado *Institution libraries of Iowa*⁵, com a cooperação de uma bibliotecária e um professor de neurologia clínica, Green e Schwab, que publicariam em 1919, *The therapeutic use of a hospital library*⁶, trabalho que apresentam o serviço bibliotecário de disseminação e preservação de livros.

Este método biblioterapêutico passou a ter impacto na década de 1930 e sua intensificação na área médica deu-se na década seguinte, passando a ser tratada como uma área que necessita de estudo científico. Só posteriormente a técnica foi aplicada em caráter preventivo nas crianças, adolescentes e jovens, em escolas, bibliotecas e centros comunitários. Ferreira (2003) ressalta em seu estudo, que Rosenblatt (1938) indica pela primeira vez os benefícios do uso da biblioterapia:

- Aumentar a compreensão social, permitindo ao sujeito colocar-se no lugar de outra pessoa e sentir suas necessidades, sofrimentos e aspirações;
- Ajudar o paciente na assimilação de padrões culturais, por meio do reconhecimento das atitudes e expectativas do seu grupo;
- Liberar o sujeito de uma atitude provinciana pela ampliação da consciência quanto à formação adquirida na família e na comunidade.

Na década de 1930, segundo Beatty (1962), os casos de uso da biblioterapia aumentam e estudiosos vêem a necessidade de um estudo científico, o que indica que os profissionais buscavam referências deste tema em catálogos de bibliotecas hospitalares. Muitas contribuições vieram neste período, Peterson-Delaney (1938) publicou *The place of bibliotherapy in a hospital*⁷, uma contribuição para estudiosos da área.

Sendo uma atividade recente, muitos questionamentos aparecem nos trabalhos, como por exemplo, Jones (1937), no artigo *Mental Patients can read*⁸,

⁴ Tradução nossa: Biblioterapia é uma ciência tão nova que não é surpresa haverem tantas opiniões errôneas quanto ao verdadeiro efeito que qualquer livro possa ter.

⁵ Tradução nossa: Bibliotecas das instituições de Iowa.

⁶ O uso terapêutico de uma biblioteca hospitalar.

⁷ Tradução nossa: O lugar da biblioterapia no hospital.

⁸ Tradução nossa: Doentes mentais podem ler.

reluta usar a palavra biblioterapia, defendendo que não há metodologia suficiente para justificar seu uso. Vários profissionais surgiram com trabalhos sobre aplicação e estudo da atividade, Kamman (1938), em seus estudos, defende o aperfeiçoamento da atividade na cooperação de médicos e bibliotecários, enquanto que o Menninger (1937) registrou cinco anos do programa biblioterapêutico na Clínica Menninger. Enquanto alguns trabalhos discutiam a aplicação, Bryan (1939) publicou *Can there be a science of bibliotherapy?*⁹, questionando o valor científico da atividade e não avaliando sua ação.

Produções da década de 1940 se destacam pela abordagem de outras vertentes da biblioterapia, como por exemplo, Davie (1940) no artigo intitulado *The function of a patients' library in a psychiatric hospital*¹⁰, discutindo sobre o profissional biblioterapeuta e sua capacitação para o exercício e o que a biblioterapia necessita para se firmar como ciência.

Em outro exemplo de cooperação entre bibliotecário e médico, Mascarino e Goode (1940, apud BEATTY, 1962) relataram a primeira experiência da atividade com pacientes que sofrem de doenças específicas. Gagnon (1942, apud BEATTY, 1962) publicou dois artigos¹¹ relatando como fazer funcionar o trabalho biblioterapêutico. Bry (1942) em seu trabalho *Medical aspects of literature: a bibliographical outline*¹² aborda várias formas de relacionar a literatura e a medicina, sendo analisada: a aplicação médica da literatura, medicina na literatura, análise da literatura médica e estudos de resposta da literatura. Jones (1944) publica outro artigo¹³ em que abordou as bibliotecas hospitalares, destacando a necessidade de se treinar biblioterapeutas para a atividade obter resultados pontuais. Com relação ao estudo bibliográfico, destacam-se os trabalhos de Schneck (1945, apud BEATTY,

⁹ Tradução nossa: Existe ciência na biblioterapia?

¹⁰ Tradução nossa: A função da biblioteca para um paciente de um hospital psiquiátrico.

¹¹ *Organization and physical set-up of the mental hospital library e Is reading therapy?* Publicados no periódico *Diseases of the nervous system*, v.3. Tradução nossa: Organização e configuração física da biblioteca hospital psiquiátrico e Estar lendo é terapia?

¹² Tradução nossa: Aspectos médicos da literatura: um esboço bibliográfico.

¹³ *Hospital libraries: today and tomorrow*. Tradução nossa: Bibliotecas hospitalares: hoje e amanhã.

1962). Seus dois artigos¹⁴ abordam a bibliografia da biblioterapia em bibliotecas hospitalares, sendo que, no primeiro artigo, obteve uma listagem de 350 referências.

A aplicação da biblioterapia antecede seu estudo, a produção científica sobre a prática e a filosofia biblioterapêutica surge em meados da década de 1920, mas faltava uma estrutura científica. Segundo Pereira (1996, p.38) “No século XIX [...] a biblioterapia adquiriu maior amplitude tornando-se profissionalizada e especializada”. Vários registros, neste período, são reportados, abordando métodos e experiências, inclusive os métodos cada vez mais semelhantes aos utilizados neste século, incluindo o uso de literatura de ficção e a atividade em grupo.

O primeiro trabalho acadêmico foi a tese de doutorado de Shrodes (1949), iniciando as publicações acadêmicas relacionadas à atividade biblioterapêutica, seguida de outras duas dissertações de mestrado, em 1950, uma de Rust¹⁵ e outra de Stein¹⁶ e uma tese de doutorado, em 1951, de Hartman¹⁷. (BEATTY, 1962, p.110-111).

Pereira (1996) aponta um fato relevante em relação a época da Segunda Guerra Mundial, 1939-1945. A autora demonstra que foram produzidos trabalhos significativos no campo da biblioterapia, justificado pela guerra e suas conseqüências que trouxeram mudanças, incluindo novas terapias, pois a terapia individual não foi capaz de atender tantos pacientes. Outro fato que a autora aponta, seria o trabalho bibliotecário em hospitais e para veteranos.

Na década de 1950, Oathout (1954) publica o artigo *Books and mental patients*¹⁸ de referência para o campo biblioterapêutico, defendendo três níveis para

¹⁴ *A bibliography on bibliotherapy and hospital libraries* e *A bibliography on bibliotherapy and libraries in mental hospital*. Tradução nossa: Uma bibliografia sobre Biblioterapia e bibliotecas hospitalares e A bibliografia sobre Biblioterapia e bibliotecas em hospital psiquiátrico.

¹⁵ *Bibliotherapy in mental hospitals and tuberculosis sanatoria*, dissertação defendida na Carnegie Institute of Technology em 1950. Tradução nossa: Biblioterapia em hospitais psiquiátricos e sanatórios de tuberculose.

¹⁶ *Bibliotherapy: a discussion of the literature and an annotated bibliography for the librarian*, dissertação apresentada para obtenção do título de mestre defendida na Western Reserve University, em 1950. Tradução nossa: Biblioterapia: uma discussão da literatura e uma bibliografia comentada para o bibliotecário.

¹⁷ *Imaginative literature as a projective technique: a study in bibliotherapy*, tese apresentada na Standford University, em 1951. Tradução nossa: Literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo em Biblioterapia.

¹⁸ Tradução nossa: Livros e doentes mentais.

utilizar a biblioterapia e as necessidades teóricas para tornar-se ciência. A partir desse período, estudos biblioterapêuticos começam a serem realizados fora da área médica, Flandorf (apud BEATTY, 1962), por exemplo, registra o trabalho com crianças.

A atividade começa a ser aplicada em grupos e individualmente (BEATTY, 1962, p.111). Beatty (1962) destaca os trabalhos de Darling¹⁹ e Fiermans²⁰ que discutiam os dois objetivos da biblioterapia, tanto de cura quanto de prevenção. Seus trabalhos vão além do ambiente hospitalar, da mesma forma que Floch²¹ ao afirmar que o uso da biblioterapia é válido também em prisões e destaca a necessidade de treinamento dos biblioterapeutas, uma argumentação constante de estudiosos da área.

Beatty (1962) avalia estudos realizados sobre a biblioterapia da década de 1920 até a década de 1950, tendo na década de 1920 escritos sobre os primeiros trabalhos avaliando os efeitos do uso de livros em bibliotecas hospitalares. Segundo o autor, a história da biblioterapia pode ser dividida em três grupos: entusiasmo, arte e ciência. O entusiasmo foi relatado no trabalho de Craigie (apud BEATTY, 1962) ao defender a poesia como um instrumento de ânimo aos veteranos do Hospital Bureau. A arte pode ser identificada nos artigos de Creglow, Peterson-Delaney e Webb (apud BEATTY, 1962), sendo que os três abordam métodos variados, não tendo uma uniformidade apesar de estar na mesma vertente. O grupo com visão científica pode ser encontrado em resultados vistos nos casos e relatórios analisados pelos autores Bruce-Porter e Ireland (apud BEATTY, 1962).

Silverberg (2003), em sua análise histórica do processo biblioterapêutico, destaca que “[...] na década de 1960, com o florescimento das ciências sociais e comportamentais, a capacidade do ato de ler para produzir uma mudança de atitude e comportamento tornou-se amplamente reconhecida” (SILVERBERG, 2003, p.132,

¹⁹ *Mental hygiene and books. Bibliotherapy as used with children and adolescents*, publicado em 1957. Tradução nossa: Higiene mental e livros. Biblioterapia usada com crianças e adolescentes.

²⁰ *Bibliotherapy in psychiatry*, publicado em 1957. Tradução nossa: Biblioterapia e psiquiatria.

²¹ *Bibliotherapy and the library*, publicado em 1958. Tradução nossa: Biblioterapia e a biblioteca.

tradução nossa). Em 1962, a *Library Trends*²² publicou onze artigos sobre o tema biblioterapia, que abordaram a revisão histórica, a teorização da atividade, programa de treinamento, a biblioterapia em ambientes hospitalares, a aproximação com a psicoterapia, a questão do profissional que a aplica e sua formação, além da publicação do estudo de Tews (1962) para a *American Library Association* (ALA) sobre a conceituação da área. Neste mesmo ano, segundo Hasse (2004), a ALA patrocinou o primeiro workshop sobre biblioterapia, havendo um segundo em 1964, em que foram discutidos os avanços das pesquisas na área.

Pereira (1996) afirma que a ALA realizou três pesquisas pelo *Bibliotherapy committee* do *Hospital Library Division of ALA*, que refletem as filosofias e práticas da biblioterapia no período de trinta anos. A primeira pesquisa foi realizada em abril de 1956, sob orientação de Hanningan (apud PEREIRA, 1996), sobre os serviços da biblioterapia. A segunda pesquisa, em 1961, foi realizada sob a direção de Tews (apud PEREIRA, 1996), que conduziu um grupo selecionado que conhecia o tema e entendia da prática terapêutica com livros, para buscar um consenso em relação à prática e à formulação de uma definição. A terceira pesquisa foi conduzida em 1975 com as duas finalidades.

Por volta de 1950, mais de 400 artigos de jornais sobre biblioterapia foram publicados. De 1950 a 1960, mais de 100 artigos haviam sido publicados, apenas tratando da biblioterapia para adultos, em pacientes hospitalizados. 2/3 das publicações no campo, durante a década, foram publicados em jornais não-médicos. De 1960 a 1975, 195 artigos, mais 32 dissertações e estudos de pesquisas foram publicados. Dos 131 artigos de 1970-1975, 35% apareceram em jornais bibliotecários e 65% em periódicos de outros campos tais como enfermagem, terapia ocupacional, psiquiatria e educação. biblioterapia é claramente e deve ser desenvolvida como uma atividade interdisciplinar. (PEREIRA, 1996, p.42).

Muitas atividades e estudos biblioterapêuticos foram realizados na instituição norte-americana *Veterans Administration*²³, contribuindo para o aperfeiçoamento da área. Diversos projetos foram realizados no hospital e na biblioteca, pela forma como a instituição encara a saúde dos veteranos de guerra, elaborando e aplicando

²² Periódico de publicação trimestral editada por Johns Hopkins University Press. Abrange os desenvolvimentos internacionais e os caminhos futuros nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Cada edição é dedicada a um único tópico de interesse.

²³ A criação da *Veterans Administration* ocorreu em 1930, quando o Congresso autorizou o presidente a "consolidar e coordenar as atividades do governo que afetam veteranos de guerra". (UNITED, 2012, *online*)

atividades biblioterapêuticas para a melhoria na qualidade de vida, demonstrando a importância da atividade e aumentando o número de relatos e artigos na área.

The VA health care system has grown from 54 hospitals in 1930, to include 152 hospitals; 800 community based outpatient clinics; 126 nursing home care units; and 35 domiciliaries. VA health care facilities provide a broad spectrum of medical, surgical, and rehabilitative care. The responsibilities and benefits programs of the Veterans Administration grew enormously during the following six decades. World War II resulted in not only a vast increase in the veteran population, but also in large number of new benefits enacted by the Congress for veterans of the war. The World War II GI Bill, signed into law on June 22, 1944, is said to have had more impact on the American way of life than any law since the Homestead Act of 1862. Further educational assistance acts were passed for the benefit of veterans of the Korean Conflict, the Vietnam Era, Persian Gulf War, Iraq and Afghanistan wars. (UNITED, 2012, *online*)²⁴.

Sciabassi, em 1970, faz uma revisão de literatura classificando a pesquisa em quatro áreas profissionais: medicina geral, psiquiatria, educacional e corretiva, e categoriza a intervenção biblioterapêutica em quatro níveis: intelectual, social, emocional e comportamental (FERREIRA, 2003).

Rubin (1978) publicou trabalhos considerados referências no estudo da área, *Bibliotherapy sourcebook*²⁵ e *Using bibliotherapy: a guide to theory and practice*²⁶, em 1978, sendo que no segundo livro, a autora identifica a técnica de discussão após a leitura como essencial na atividade. Também foi publicado o artigo *Uses of bibliotherapy in response to the 1970s*²⁷, publicado no periódico *Library Trends* em 1979. (HASSE, 2004, p. 37).

²⁴ Tradução nossa: O sistema de cuidados de saúde da VA cresceu de 54 hospitais, em 1930, para incluir 152 hospitais, 800 ambulatorios comunitários; 126 unidades de cuidados de enfermagem em casa, e 35 unidades domiciliadas. As instalações de cuidados de saúde da VA fornecem uma ampla estrutura para cuidados médicos, cirúrgicos e de reabilitação. As responsabilidades e benefícios do programa da *Veterans Administration* cresceram enormemente durante as seguintes seis décadas. A Segunda Guerra Mundial resultou não apenas de um aumento grande na população dos veteranos, mas também aumentou o número de novos benefícios promulgados pelo Congresso para os veteranos da guerra. O GI Bill, da Segunda Guerra Mundial, lei assinada em 22 de junho de 1944, diz-se que teve mais impacto no modo de vida americano do que qualquer lei desde Homestead Act em 1862. Mais atos de assistência educacionais foram passados para o benefício dos veteranos da Guerra da Coréia, a do Vietnã, Guerra do Golfo Pérsico, o Iraque e do Afeganistão.

²⁵ Tradução nossa: Fonte de Biblioterapia.

²⁶ Tradução nossa: Usando Biblioterapia: um guia para a teoria e a prática.

²⁷ Tradução nossa: Usos da Biblioterapia em resposta a década de 1970.

Nos anos 1970, procurou-se uma base para o desenvolvimento da biblioterapia como campo, incluindo cursos sobre a técnica, enquanto que nos anos 1980 o investimento nesta área foi de preparação de profissionais, com padrões e certificados para biblioterapeutas treinados, não se esquecendo da busca constante de teorias e da necessidade de pesquisas e métodos. (PEREIRA, 1996, p. 45-46). Em 1980, Bodart (apud HASSE, 2004) faz um estudo de revisão da biblioterapia, avaliando seu passado e presente e, em 1990, Pardeck (apud HASSE, 2004) publica vários livros sobre biblioterapia e ressalta que como qualquer outra terapia, há precauções e limitações, devendo ser vista como um adjunto a outras terapias.

A abordagem filosófica é retratada em 1994 no livro de Ouaknin, cujo título original é *Bibliothérapie: lire, c'est guérir*²⁸, traduzido para o português em 1996. Nele o autor retrata a biblioterapia sob o ponto de vista da hermenêutica existencial.

Muitos estudos foram realizados nos Estados Unidos, principalmente de experiências em bibliotecas, porém, com o passar do tempo, outros países começam a realizar este estudo, principalmente na América Latina. A biblioterapia, em seu histórico, começou a ser utilizada em áreas médicas e educativas e só foi aplicada à área de Biblioteconomia no século XX. Rosa (2006, p. 21) dentro deste contexto conclui que

[...] devido ao fato de ter desenvolvido principalmente no ambiente dos hospitais e clínicas de saúde mental, a biblioterapia foi aplicada quase de forma corretiva, e voltada para aspectos clínicos de cura e restabelecimento de pessoas com profundos distúrbios emocionais e de comportamento.

No século XXI surge uma maneira informal de se usar a biblioterapia no uso de livros de autoajuda. Spagnulo (2001) afirma que “[...] *il termine biblioterapia viene oggi impiegato con tre diverse accezioni: autoterapia involontaria attraverso la lettura, letteratura di autoaiuto, letteratura psicoeducazionale e sussidiaria*²⁹.” Sua afirmação demonstra essa transição da forma de realização da atividade. Brewster

²⁸ Tradução nossa: Biblioterapia: leitura é cura.

²⁹ Tradução nossa: O termo biblioterapia é usado agora com três significados diferentes: autoterapia não intencional através da leitura, literatura de autoajuda, literatura e psicoeducacional subsidiária.

(2007) destaca essa perspectiva na sua dissertação de mestrado intitulado *Medicine for the soul: bibliotherapy and the public library*³⁰.

Em 2008/2009 a *Veterans Administration*, agora intitulado *Department of Veterans Affairs*, elaborou um guia³¹ de recursos para a aplicação da biblioterapia. São listados materiais de uso biblioterapêutico, tanto livro como *website*, para as seguintes situações: depressão, transtorno bipolar, Transtorno do humor, desregulação emocional, trauma sexual, trauma de combate, ansiedade, esquizofrenia, abuso de substâncias, raiva, saúde, bem-estar e bem-estar para os idosos.

This brief guide is designed to provide VA clinicians, as well as administrators, peers, and veterans, with information about bibliotherapy resources that can serve as supplements to treatment. It is intended that this guide will promote the use of such resources both in specialty mental health settings, as well as in primary care, where VA is integrating mental health services nationally. (UNITED, 2012, *online*)³²

Artigos publicados nos Estados Unidos no período de 2001 a 2012 apontam o estudo da biblioterapia no atendimento de todo tipo de distúrbio, tanto emocional quanto social, validando-o no âmbito da Psicologia. As pesquisas atuais também acrescentam a tendência de desenvolverem a ideia de autoaplicação da biblioterapia, como um processo de autoajuda, pois as publicações recentes sobre o tema, nos Estados Unidos, estão voltadas para esse objetivo. No Brasil, entretanto, ainda busca-se o entendimento da realização desta atividade em grupo, principalmente no ponto de vista da Biblioteconomia, identificando a vertente tanto científica como prática.

2.1.2 CONCEITOS E OBJETIVOS DA BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia nasceu dos termos derivados das palavras latinas *biblion* (livros) e *therapein* (tratamento), segundo Caldin (2001). Seu significado se resume

³⁰ Tradução nossa: Medicina para a alma: biblioterapia e a biblioteca pública.

³¹ Anexo E

³² Tradução nossa: Este pequeno guia foi feito para proporcionar aos médicos da VA, bem como administradores, colegas e veteranos, informações sobre os recursos de biblioterapia que podem servir como suplementos para tratamento. Pretende-se que este guia promova o uso de tais recursos, tanto em configurações especiais de saúde mental, bem como na atenção primária, em que a VA é a integração de serviços de saúde mental a nível nacional.

basicamente ao tratamento por intermédio da leitura. Foi constatado na literatura que os conceitos de biblioterapia se assemelham, tanto nos profissionais da área de informação como nos profissionais da área de educação, de psicologia e de medicina, porém há discrepâncias em como ela é definida para estudo, se é uma área do conhecimento, um campo de atuação ou uma técnica (SILVA, 2005). Sendo uma atividade interdisciplinar, cada área encara a importância deste método de forma diferenciada. Basicamente, se entende que a biblioterapia é fundamentada numa filosofia hermenêutica-existencial³³, o que sugere à pessoa a capacidade de infinitas formas de resolver um impasse.

Bryan (1939) defende o caráter terapêutico da atividade. A importância de se trabalhar o desenvolvimento emocional está em quase todos os conceitos, quando se afirma que é um método para o autoconhecimento, com característica reflexiva, para uma ação preventiva ou corretiva. Esse desenvolvimento pode ser relacionado ao tema da área de psicologia denominado “inteligência emocional”, que se constrói na ideia de se tomar decisões baseada no trabalho emocional, pois “[...] a verificação das relações entre cognição e emoção poderia resultar no reconhecimento da capacidade do homem lidar com seu mundo emocional de forma inteligente, compatível com seus objetivos mais amplos de vida.” (WOYCIEKOSKI; HUTZ, 2009, p. 1).

As primeiras conceituações são voltadas para a aplicação na área médica coerente com o período do começo da aplicação da biblioterapia, trabalhada em hospitais. Bryan (1939) defende a biblioterapia para a melhoria de vida, em que se trabalha a questão emocional do indivíduo com o uso de informações necessárias para conduzi-lo à ação. Percebe-se que mesmo defendendo a aplicação em hospitais, sua formação bibliotecária influencia na forma em que se trabalha tal atividade.

Bryan (1939) defende uma lista de cinco objetivos:

- 1) mostrar ao leitor que ele não é o primeiro a sentir o problema;
- 2) evidenciar que existe mais de uma solução para o problema do leitor;

³³ Filosofia hermenêutica-existencial se fundamenta pelo filósofo Heidegger como a ideia de interpretar a si mesmo. É um processo de autocompreensão pela vivência.

- 3) ajudar o leitor a ver os valores envolvidos na sua experiência;
- 4) oferecer fatos necessários para a solução de seu problema e
- 5) encorajar o leitor a encarar o seu problema.

Rosenblatt (1938) divide os objetivos, podendo ser tanto de cura ou de prevenção. Nos objetivos de cura, a autora se assemelha a visão dos autores anteriores, porém ela defende que com tal atividade pode-se cuidar do indivíduo de modo que ele possa ter um aperfeiçoamento ao lidar com seus conflitos posteriores. Orsini (1982), por sua vez, classifica os objetivos em quatro níveis: intelectual, social, emocional e comportamental.

Mas de todas as definições apresentadas, é sem dúvida, a de Caroline Shrodes, a referência até os dias de hoje. Em 1943, Shrodes já desenvolvia estudos sobre a aplicação da literatura com fins terapêuticos. Mais tarde, em 1949, baseando-se em Alice Bryan, Tweeffort, Kenneth Appel e Rosenblatt, formulou um conceito de biblioterapia como sendo um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo. (ROSA, 2006, p. 19)

Mattews e Lonsdale (1992, apud CALDIN, 2001) conceituaram a biblioterapia na prática terapêutica, em que se trabalha um texto de literatura imaginativa num processo mais complexo de interpretação e identificação com o texto, diferente dos autores até então discutidos. Eles incluem algumas características básicas da biblioterapia, como por exemplo, projeção, introspecção e catarse. Os autores, ao defender os objetivos biblioterapêuticos, distinguiram três tipos de terapia pela leitura: a de crescimento, a factual e a imaginativa, destacando a característica lúdica tanto quanto a característica de cura e de prevenção.

Caldin (2002), na experiência de estudo e aplicação do ponto de vista da Biblioteconomia, aponta o trabalho terapêutico de grupo, além de pontuar a importância de expressar os sentimentos nesse processo.

2.1.3 A BIBLIOTERAPIA E SUA APLICAÇÃO

A psicoterapia, muitas vezes chamada apenas de terapia, é um termo associado à relação de dois sujeitos, um com problemas e outro com o intuito de

auxiliá-lo. “As psicoterapias podem ser vistas como tentativas de construir experiências que permitirão às pessoas enfrentar a vida de uma forma mais satisfatória e produtiva.” (DAVIDOFF, 2009, p. 594). As psicoterapias têm várias subdivisões (MORO; LACHAL, 2008), que podem ser relacionadas às variáveis trabalhadas ou com a perspectiva teórica. A biblioterapia como um processo terapêutico tem características de vários tipos de psicoterapia, destacando-se como exemplo, as psicoterapias de grupo³⁴, as psicoterapias de apoio³⁵ e terapias comportamentais³⁶, dependendo do tipo de biblioterapia utilizada.

A aplicação da biblioterapia se baseia em qual indivíduo se busca orientar e depende do objetivo a ser atingido. Os processos de aplicação, de acordo com Marcinko (1989), têm diferentes objetivos, podendo ser para desenvolvimento pessoal ou para processo clínico de cura. O trabalho da biblioterapia não se restringe a um tipo único de tratamento e pode ser então classificada em três tipos: institucional, clínica e desenvolvimental. Tanto Campos et al. (2007) quanto Pereira (1996) e Marcinko (1989) definem os diferentes tipos de biblioterapia, que podem ser resumidas da seguinte maneira:

- **Institucional:** é caracterizada pelo uso de textos de equilíbrio mental, geralmente usado para pessoas hospitalizadas. Busca auxiliar um grupo ou uma instituição, prestar informação ao usuário e esclarecê-lo sobre um problema específico, ajudá-lo na tomada de decisão e reorientação de seu comportamento conforme o objetivo definido para o trabalho. É utilizada uma literatura didática. Essa terapia pode ser usada em grupo ou individual, aplicada por médicos ou bibliotecários.
- **Clínica:** busca trabalhar o comportamento das pessoas em seu desenvolvimento com questões emocionais. Sua atividade é feita em hospitais, clínicas e organizações de saúde mental. Seu objetivo é fazer com que os pacientes modifiquem suas atitudes e comportamento, encontrando soluções ou melhoras em sua atitude quanto ao seu problema. Neste caso é

³⁴ Reunião de pessoas de comum característica em busca de um objetivo terapêutico.

³⁵ Conjunto de técnicas, algumas vezes distante das técnicas psicanalíticas, que visam dar ao paciente um auxílio para superar uma crise e restabelecer seu equilíbrio (MORO; LACHAL, 2008)

³⁶ Técnica que busca redirecionar o indivíduo a determinada conduta.

utilizada a literatura imaginativa e pode ser realizado por bibliotecários, psicoterapeutas e médicos.

- **Desenvolvimental:** tem a finalidade de ajudar as pessoas em tarefas comuns além de auxiliar a lidar com problemas pessoais do cotidiano. É voltada para o desenvolvimento pessoal, tem o caráter preventivo e corretivo, utilizado muito em instituições educacionais. É empregada a literatura didática e imaginativa. Como não é ligada à medicina é realizado por bibliotecários, educadores, e outros.

As principais características de cada tipo são apresentadas abaixo:

Quadro 1 - Características dos três tipos da biblioterapia

	INSTITUCIONAL	CLÍNICA	DESENVOLVIMENTAL
FORMATO	Individual ou grupo geralmente passivo em uma instituição voltada para o trabalho	Grupo ativo, voluntário e involuntário	Grupo ativo Grupo voluntário
CLIENTE	Paciente médico ou psiquiátrico, prisioneiro ou cliente em prática privada	Pessoas com problemas emocional ou comportamental	Pessoa em uma situação de crise ou institutos educacionais
CONTRATANTE	Sociedade/ Instituição	Hospitais, Clínicas, Organização de saúde mental	Individual
TERAPÊUTICA	Equipe médica ou bibliotecária	Médico, instrutor mental ou bibliotecário	Bibliotecário, professor e outros
MATERIAL USADO	Tradicionalmente didático	Literatura imaginária	Literatura imaginativa e ou didática
TÉCNICA	Discussão de material	Discussão de materiais com ênfase nas visões e reações do cliente	Discussão do material com ênfase nas visões e reações do cliente
LOCAL	Prática de instituição pública ou privada	Prática de instituição privada ou de comunidade	Comunidade
META	Geralmente informativo com visão interna	Visão interna e ou mudança comportamento	Comportamento normal e auto-realização

Fonte: Pereira (1996, p. 59), com adaptação

Tem outros profissionais que vêem a variação biblioterapêutica de outra maneira, Vicente (2000), por exemplo, entende que a atividade tem três variantes: ajuda ao processo terapêutico, terapia própria e disciplina de desenvolvimento e crescimento pessoal. Hasse³⁷ (2004) entende dois tipos de biblioterapia, o primeiro sendo uma atividade que tem a orientação de um profissional e o segundo aquele que não há intervenção externa, como uma autoajuda. O primeiro tipo pode ocorrer de duas maneiras: leitura sugerida para o paciente e leitura realizada em seção com o terapeuta.

Rosa (2006) categoriza a variação da biblioterapia como arte ou ciência. A aplicação como arte seria o que utiliza para cura, mas com profissionais não ligados a área médica, em que se busca autoajuda com a seleção de livros para o próprio indivíduo se beneficiar sem intervenção de terceiros. Por sua vez, a aplicação como ciência foca o tratamento de problemas emocionais, acompanhados da orientação de um profissional da saúde. “Em síntese, a biblioterapia como ciência requer um planejamento cuidadoso, conhecimentos médicos e considerações psicológicas”. (ROSA, 2006, p. 27). Neste mesmo contexto, Bryan (1939) defende que na biblioterapia pode haver ciência, mas destaca que o campo precisa de um corpo de pesquisadores que aprimorem o estudo da área. Outra forma de lidar com o questionamento da arte e da ciência na biblioterapia, segundo Pereira (1996), é considerar os dois como aspectos e não tipos.

Na pesquisa realizada por Pereira (1996), ela identificou outra subdivisão da biblioterapia, explícita e implícita. Os termos são usados para distinguir a terapia, sendo a implícita aquela utilizada por conselheiros de leitores e a explícita aquela feita por terapeuta treinado.

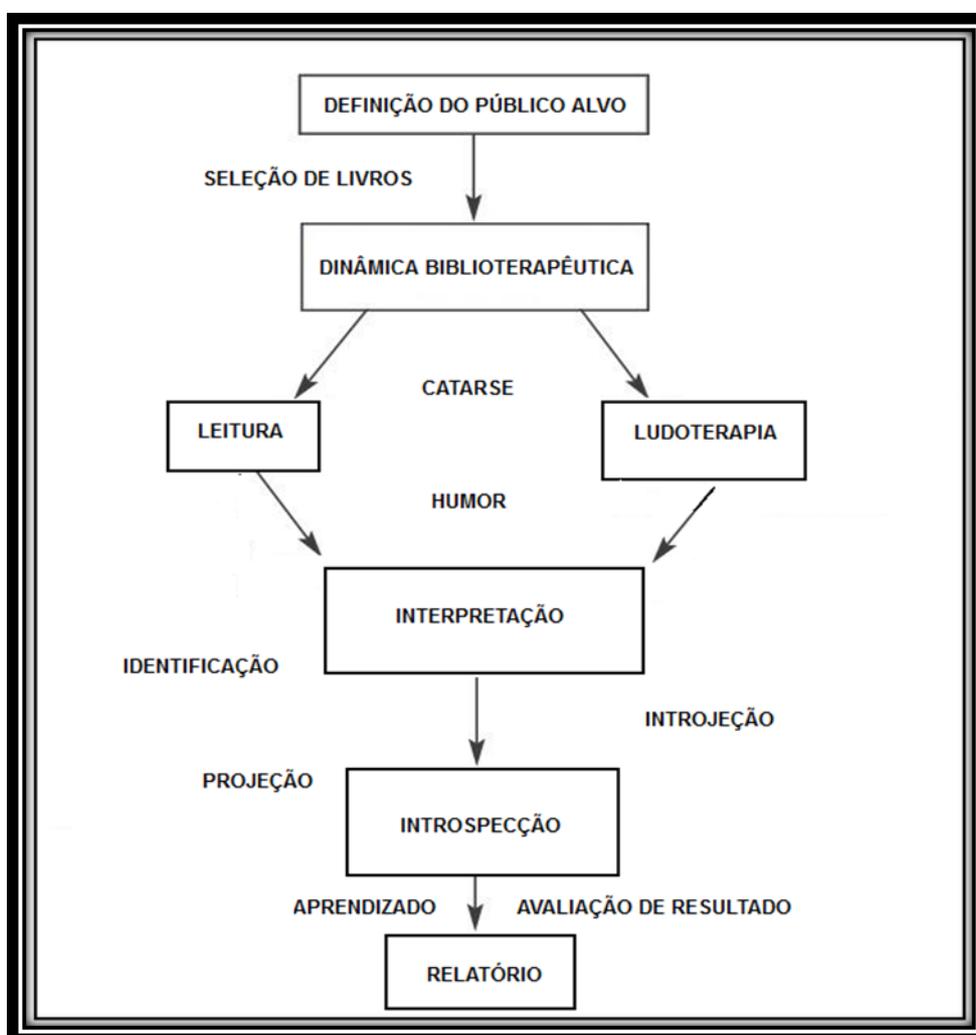
Hasse (2004) considera a biblioterapia praticada por terapeuta como uma ciência, já a praticada por bibliotecários como arte, sem um controle científico necessário. No entanto, Ouaknin (1996) diz que a diferença entre a biblioterapia e a psicoterapia é que, na biblioterapia, o contato é realizado por leitores, podendo cada um desempenhar o papel de terapeuta com o outro, enquanto que na psicoterapia, é o encontro entre paciente e o terapeuta, em que o trabalho conjunto também pode

³⁷ A autora considera a biblioterapia como um processo psicoterapêutico auxiliar das terapias.

ser realizado, pois “[...] o bibliotecário deve, juntamente aos demais profissionais envolvidos com a biblioterapia, conduzir a informação de que necessitem e exercer o papel social de contribuição para a sociedade” (GUMIEIRO et al., 2007, p. 41).

O processo de biblioterapia é tão variado quanto as suas definições, porém sua aplicação segue uma lógica. O processo biblioterapêutico se constitui de vários componentes³⁸, de acordo com Caldin (2001): catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e a introspecção, demonstrado na figura abaixo.

Figura 1 – Processo e componentes biblioterapêuticos³⁹



Fonte: Da autora

³⁸ Componentes biblioterapêuticos são características que o processo possui que auxilia a efetividade da aplicação.

³⁹ Os elementos demonstrados na figura serão explicados ao longo do capítulo.

Este modelo demonstra que a atividade passa por um processo de desenvolvimento de idéias e aprendizado. Inicialmente é definido um público e a partir disto se elabora toda a atividade biblioterapêutica.

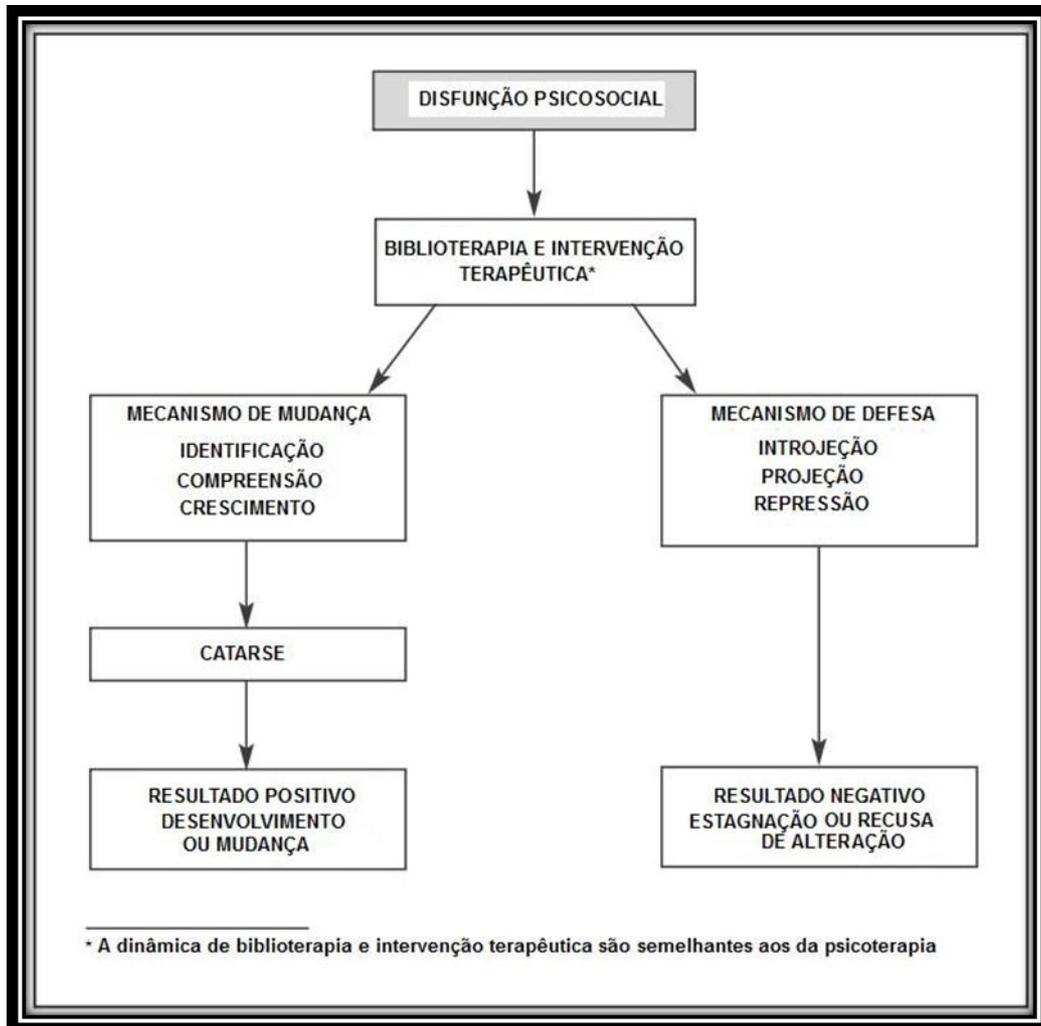
Silverberg (2003) visualiza a proximidade do processo biblioterapêutico com a psicoterapia e esquematiza o processo, demonstrado pela Figura 2, com o diferencial de incluir a análise do resultado.

The internal dynamics that occur during a successful treatment with bibliotherapy can be divided into two types. In this process, a positive outcome is sparked by the mechanisms of change. Alternatively, stasis or a negative outcome is a result of the patient-reader's defense mechanisms being aroused by this treatment modality. In bibliotherapy, the mechanisms of change expand the patient-reader's awareness, unmask and offer insight into latent personal issues, and suggest solutions that have helped others cope with feelings and situations similar to their own—including separation or loss caused by human interactions. (SILVERBERG, 2003, p.131)⁴⁰

Tais mecanismos demonstram que para alcançar o objetivo da atividade é essencial o interesse dos indivíduos de participar e dar oportunidade ao processo de comunicação e interpretação.

⁴⁰ Tradução nossa: A dinâmica interna que ocorre durante um tratamento bem sucedido da Biblioterapia pode ser dividido em dois tipos. Neste processo, o resultado positivo é provocado pelos mecanismos de mudança. Alternativamente, a estagnação ou o resultado negativo é um resultado de mecanismos de defesa do paciente-leitor sendo despertado por esta modalidade de tratamento. Em Biblioterapia, os mecanismos de mudança expandem a consciência do paciente-leitor, desmascarando e oferecendo uma visão latente das questões pessoais, e sugerindo soluções que ajudam os outros a lidar com sentimentos e situações semelhantes à própria - incluindo separação ou perda causada por interações humanas.

Figura 2 – O processo biblioterapêutico segundo Silverberg



FONTE: Silverberg (2003, p.132, tradução nossa)

Outro diferencial da abordagem de Silverberg (2003) é a associação de introjeção e projeção, inseridos no mecanismo de defesa, proporcionando ao leitor um respaldo negativo, o que vai contra as idéias de Caldin (2001) que considera os dois elementos como essenciais na atividade, pois permitem a interação pessoal do indivíduo com o texto lido.

2.1.3.1 SELEÇÃO DE MATERIAL PARA ATIVIDADES BIBLIOTERAPÊUTICAS

O planejamento é um dos processos mais importantes ao trabalhar com a biblioterapia, pois permite o controle das atividades realizadas como também a sua avaliação. A primeira etapa é a seleção de materiais de acordo com a necessidade do leitor, buscando a resolução de seus conflitos. Esta etapa é realizada pelo bibliotecário, pois “[...] o bibliotecário deve conhecer o livro e os leitores, bem como a importância daqueles para estes.” (GUMIEIRO et al., 2007, p. 41). Nas cinco leis da Biblioteconomia, Ranganathan (2009) defende que para cada livro o seu leitor e para cada leitor o seu livro. Percebe-se que é essa a idéia fundamental deste encontro biblioterapêutico, não só em relação a necessidade informacional mas a própria necessidade emocional.

Alves (1982) ressalta que a seleção de documentos deve, dentre outras coisas, levar otimismo e alegria às sessões, evitando inibir ou deprimir o leitor ou o paciente, pois o material deve ser usado para ajudar na solução de problemas. Silverberg (2003) define dois tipos de materiais usados, o didático e o imaginativo, considerado neste trabalho como literário.

O material didático é utilizado num processo de cunho educacional e de instrução podendo ser sobre criação de filhos, casamento, sexualidade, conflitos de personalidade e até como lidar com o estresse, por exemplo, e seu uso se justifica pela busca de uma mudança direta. Já o material imaginativo (literário) tem a característica de dramatizar o comportamento humano por meio de várias formas literárias. (SILVERBERG, 2003, p.133).

A seleção dos livros é feita pelo profissional biblioterapeuta e não pelo leitor, com o propósito de alcançar uma meta específica. Porém, leva-se tempo em determinar o material usado além de avaliar o modo a utilizá-lo. Em determinados leitores é necessário a análise de um terapeuta. (RATTON, 1975).

É relevante destacar que a seleção de livros relacionada à biblioterapia muitas vezes não se caracteriza na construção de um acervo, mas sim no encontro de material a ser utilizado. É possível que a atividade seja continuada com determinados públicos, porém cada sessão se caracteriza como uma dinâmica única. Desta forma, a construção de um acervo com este objetivo não é necessário.

Seitz (2006b) relata sua experiência em constituir um acervo para o uso da atividade no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (HU/UFSC) e discorre que o acervo foi formado com base no conhecimento prévio dos pacientes. Pela observação constatou que eles possuíam baixa escolaridade, preferiam leituras de jornais e eram leitores em potencial, sendo assim, formou-se um acervo com revistas, jornais e livros de literatura infanto-juvenil e de autoajuda.

Apesar da possibilidade em se formar acervos para a atividade, a importância da seleção de material para a aplicação da biblioterapia está no objetivo a ser alcançado. Rossi, Rossi e Souza (2007) relatam a experiência em planejar a atividade com idosas na Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE) demonstrando que a essência da atividade não está só num texto e sim na informação que se busca passar. As autoras relatam que na elaboração da atividade foi escolhido o texto e a melhor dinâmica de apresentá-la, optando, no caso, pela encenação com bonecos de mão, pela música e por outras atividades que instigaram as internas a alcançar um resultado positivo.

A idéia inicial era dançar com as internas, mas, devido às limitações físicas e à quietude, optou-se por uma conversa sobre a encenação da peça, o show de sapateado e a vida fora e dentro da instituição. As internas relataram histórias sobre suas vidas e a convivência com as demais pessoas da casa; muitas contaram que gostam de viver na instituição, mas que sentem saudades da família que as abandonaram ou que já faleceram. Todas estas emoções vieram à tona em questão de minutos, confirmando a idéia da catarse como componente terapêutico. (ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007, p. 329).

Outra questão a ser considerada na seleção de materiais é a instituição em que é feita a atividade, pois essa já caracteriza a situação inicial dos indivíduos.

2.1.3.2 MÉTODOS DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA: ESTUDO DE GRUPO E INDIVIDUAL, LEITURA E LUDOTERAPIA

Em psicoterapias de grupo, segundo Moro e Lachal (2008), pressupõe-se que um conjunto de pessoas se reúnam com um objetivo terapêutico. As pesquisas realizadas sobre esse tipo de psicoterapia relata que ela era, inicialmente, feita em dois campos: psicologia social e psicanálise. Existem várias formas de aplicar

terapias em grupo, dentre elas, o diálogo, que é o princípio de aplicação da biblioterapia.

Para a aplicação da biblioterapia em grupo necessita-se de indivíduos com características homogêneas para trabalhar uma problemática em comum. Sendo a leitura o método utilizado com o objetivo de entendimento e interpretação de situações conflitantes, é essencial que o grupo tenha o mesmo nível escolar e intelectual. A característica do grupo define os instrumentos utilizados na atividade biblioterapêutica (leitura, dramatização, atividades lúdicas, entre outros).

Esse método é utilizado na maioria dos casos de aplicação, porém há o tipo de trabalho individual em processos terapêuticos, encontrados principalmente em hospitais pelo fato da dificuldade em locomoção dos pacientes. Seitz (2006b), na sua aplicação com pacientes do HU/UFSC, constatou que a atividade trazia um bem-estar aos pacientes que estavam carentes de carinho, atenção e apoio, e funcionar, inclusive, como era uma ação de fomento à leitura, pois pela situação de isolamento, os pacientes dificilmente conseguiam livros ou outros materiais. O trabalho era realizado individualmente com leitura e conversa, desta maneira, os pacientes verbalizavam seus sentimentos, sendo um exemplo claro de sua aplicação individual.

Segundo Caldin (2001, p. 4), “o método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem”. A dinâmica da leitura possibilita interpretações e por meio de determinados métodos esta leitura traz uma identificação para resoluções de problemas. Bamberger (1995, p. 20), que estuda a leitura envolvendo a pedagogia, ressalta que

A pesquisa sobre leitura, um dos ramos mais jovens da ciência, projetou nova luz sobre o seu significado, não só em relação às necessidades da sociedade, mas também às do indivíduo. O direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir. [...] Para os jovens leitores, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e convicção. Ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida, proporcionando-lhes casos exemplares, auxiliando na formação de perguntas e respostas correspondentes.

A leitura vai “[...] além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo.” (MARTINS, 1994, p. 8). A sensação de viver situações inesperadas torna o ato da leitura cada vez mais atrativo. A criança tende a ter uma maior disponibilidade a ler do que o adulto, pois para ela tudo é novo e desconhecido (MARTINS, 1994).

A leitura pode ser realizada com material didático e literário. O mais utilizado é a obra literária que, segundo Orsini (1982), oferece uma visão do mundo e permite que o leitor amplie seu universo perceptual e afetivo. A literatura, para Silva (1996), aumenta a possibilidade de conhecer o outro e de se autoconhecer, ampliando as alternativas de ver o mundo. Para o autor, o domínio de novos signos, novos horizontes, novos significados e novas alternativas amplia o projeto de existência do homem, tanto em relação cultural quanto a autodeterminação, busca de autenticidade e vida em propriedade.

Seitz (2006b), no resultado de sua experiência em hospitais, relata o papel da leitura para os indivíduos que participaram da atividade biblioterapêutica, demonstrando que a importância da leitura realizada está no efeito que se tem na pessoa.

Como fonte de informação, os jornais e revistas atuam como um elo com o mundo exterior, mantendo-os informados sobre os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, contribuindo para que continuem se sentindo parte da sociedade, o que poderá agir como estímulo à recuperação. Como atividade de lazer, a leitura proporciona tranquilidade, prazer, reduzindo a ansiedade, o medo, a monotonia, a angústia inerentes à hospitalização e ao processo de doença [...] No processo de sociabilização, a leitura pode levantar questões, com as quais, o paciente possa compartilhar e conversar com outras pessoas. O conhecimento da existência de outras pessoas com problemas semelhantes, ou piores do que os seus, pode dar mais coragem para enfrentar seus próprios problemas, diminuindo seu “isolamento” e solidão. (SEITZ, 2006a, p.169)

Ler, no fundamento da biblioterapia, significa buscar uma desestruturação da mentalidade humana (OUAKNIN, 1996, p.97). A identidade trabalhada nessa atividade é um processo contínuo, que busca o desenvolvimento do ser, como se fosse um trajeto e não um lugar. Portanto a identidade narrativa do processo

biblioterapêutico resulta numa mudança de atitude, em que o leitor percebe na narrativa a forma de fugir da mesmice e do pensamento estático.

Durante a leitura, o leitor capta as sensações do texto como, por exemplo, o humor que transforma o que seria objeto de dor em objeto de prazer. Tal característica se denomina *catarse*, utilizado como um componente biblioterapêutico. Caldin (2005) defende que o humor é uma forma de se proteger da dor. A leitura também proporciona uma sensação agradável que estimula a formação de emoções. Quando uma pessoa busca uma leitura nem sempre é pela necessidade do conhecimento, muitas vezes é pelo desejo de ter um momento de entretenimento, que é quando a leitura desempenha uma função catártica.

Uma das pioneiras no estudo e aplicação da biblioterapia, Shrodes (1949), considerou biblioterapia como um processo dinâmico entre leitor e texto literário, tendo o último a capacidade de provocar emoções no primeiro. Baseada na teoria da *catarse* aristotélica e na teoria freudiana da identificação verificou, por meio de estudos experimentais, que a literatura ficcional pode seduzir, produzir mudanças comportamentais e induzir ao riso. Dessa forma, a literatura proporcionaria a reconciliação entre o prazer e a realidade, agindo sobre o leitor tanto de forma consciente quanto inconsciente. (CALDIN, 2005, p. 15).

A leitura conduz o leitor a se familiarizar com alguma situação ou personagem do texto, se sentindo no lugar do personagem. Esta reação se chama *identificação*⁴¹. As pessoas sempre buscam um modelo para seguir ou se identificar e o leitor encontra isso na leitura. Caldin (2005) afirma que quando alguém se identifica com um personagem, permite vivenciar situações que parecem ser impossíveis na vida real. Este processo é contínuo, tendo inicialmente a identificação com vários personagens e situações diferentes.

O tipo de leitura que se utiliza nas atividades biblioterapêuticas é de grande influência. Dentre os vários tipos de aplicações, há tipos diferenciados de textos usados. A leitura literária é um tipo muito usado na prática biblioterapêutica, pois tem característica catártica que permite um entrosamento do leitor com o texto. A capacidade do leitor de se envolver com a história permite um processo modificador cognitivo. O grande diferencial na estrutura da literatura é a liberdade de produzir situações e personagens. O fator imaginativo das histórias torna possível uma

⁴¹ Componente biblioterapêutico que se caracteriza por seguir ou identificar-se com um modelo

infinidade de possibilidades de se desenvolver um tema, possibilitando utilizá-la no processo terapêutico.

A leitura, de acordo com Caldin (2010), por si só não proporciona o necessário para se tornar um método biblioterapêutico, pois é preciso ter um envolvimento emocional com o texto. Neste contexto, a história pode modificar a percepção humana.

Pode-se dizer que a literatura não se configura como uma fuga da realidade, mas como uma transformação da realidade, uma realidade mais palatável naquele momento que o ser humano, cansado da labuta diária, reservou para a leitura. Tal se dá porque a linguagem literária permite ao leitor inferir novos significados; a linguagem poética é depurada de barreiras conceituais e metodológicas, e, portanto, admite a imprevisibilidade e a transcendência. Isso implica dizer: o leitor não se encontra em estado de alienação, mas em estado criativo. (CALDIN, 2010, p.122).

Um método auxiliar no processo biblioterapêutico é a ludoterapia⁴², que é uma forma de intervenção psicológica para crianças que utiliza a brincadeira como forma de expressar seus sentimentos. Esta atividade auxilia no desenvolvimento físico, mental e social, e se caracteriza pelo uso de objetos lúdicos. “A ludoterapia é mais eficaz com crianças entre três e seis anos de idade. No entanto, com o uso de jogos e histórias, pode-se atender crianças de sete a doze anos, e até jovens adolescentes” (CARLSON; ARTHUR, 1999, p. 215).

A criança utiliza a brincadeira como forma de expressão da linguagem, ou seja, em vez de falar ela se expressa fisicamente. A ludoterapia permite a criança ser ela mesma. Durante a sessão ela é a pessoa mais importante, ninguém lhe diz o que fazer, e desta forma ela sente liberdade. É importante esta sensação, pois ela se sente segura neste ambiente. (NASCIMENTO, 2004)

A ludoterapia é uma forma de desenvolver as informações que se pretende passar de forma a ser entendido pelo público. Tal atividade não se restringe ao público infantil, pois muitas atividades lúdicas podem ser realizadas com o público adulto. A intenção de se usar tal método se justifica na possibilidade de envolver melhor os indivíduos à atividade, e de estarem abertos às informações que se pretende analisar.

⁴² Terapia por intermédio de atividades lúdicas.

2.1.3.3 OS EFEITOS DA BIBLIOTERAPIA: INTERPRETAÇÃO E APRENDIZADO

Na etapa da interpretação há dois componentes biblioterapêuticos: a introjeção e a projeção. No processo da leitura, o indivíduo tem uma análise pessoal da informação. Este processo é chamado de introjeção. Caldin (2005) ressalta que introjeção e projeção são ligadas a identificação, que é o primeiro passo no envolvimento pessoal do indivíduo com o texto.

No diálogo trabalha-se a interpretação, buscando o entendimento real do texto, sendo ato decisivo do processo. O leitor, portanto, precisa manifestar aquilo que foi assimilado, etapa denominada projeção, pois desta forma outros participantes podem internalizar ideias novas e desenvolver o tema com mais profundidade.

A leitura de livros pode ajudar o paciente no processo de socialização, oferecendo algo que ele possa compartilhar, possibilitando a troca de idéias com outras pessoas; geralmente, as pessoas podem encontrar novos caminhos e atitudes através dos livros. (PEREIRA, 1996, p. 62).

O diálogo na atividade biblioterapêutica se caracteriza pela busca da interpretação de determinado tema, oferecendo possibilidades por meio da livre circulação de ideias e resultando numa análise que se dá pelo processo de desconstrução de sentido. Na cooperação textual, cada um pode no processo hermenêutico, sugerir sentidos novos ou não, que se encaminham a um processo de tensão e de superação que resultam no desapego unilateral e rígido de conceitos (Ouaknin, 1996, p.157).

A hermenêutica, segundo Ricoeur (1977), é a teoria do processo de compreensão com relação à interpretação de textos, sendo que tal definição associa-se a uma fenomenologia⁴³ existencial hermenêutica. Da mesma forma, Heidegger (1962, apud SILVA, 1996) defende a compreensão como uma situação de entendimento do ser existencial. Portanto, ao buscar um sentido mais profundo na leitura é necessário situar-se em referências cognitivas relacionadas. (SILVA, 1996, p. 67).

⁴³ “A fenomenologia é um método, o que significa dizer que ela é o “caminho” da crítica do conhecimento universal das essências. Assim, para Husserl, a fenomenologia é o “caminho” (método) que tem por “meta” a constituição da ciência da essência do conhecimento ou doutrina universal das essências” (GALEFFI, 2000).

A obra do discurso, enquanto reveladora de um contexto existencial, deve conter em si proposições de mundo. Enquanto tal, a obra não responde (como faz o interlocutor de um diálogo), ela evoca, refere-se a – a referência da obra é a sua capacidade de abrir um novo mundo e adicionar novas possibilidades à existência do homem. Nestes termos, ler é o modo de manifestar a referência mediatizada através de uma obra ou, ainda, encontrar uma nova possibilidade de existir. (SILVA, 1996, p. 70).

A leitura de um documento escrito pode trazer uma multiplicidade de significados de acordo com a diversidade de leitores, desta forma, a interpretação necessita decifrar os sentidos, desdobrando os seus níveis de significação.

No final de todo o processo, o indivíduo lida com as situações que o levaram à busca de informações para superação resultante da reflexão individual do próprio leitor e de sua situação, comparando a sua análise do texto. Tal etapa se denomina introspecção, sendo o modo em que o leitor aplica em sua vida aquilo que foi lido e entendido.

[...] o leitor ou o ouvinte podem atribuir a si qualidades ou aspectos desejáveis da personagem da narrativa ficcional, absorvendo-os como se fossem seus, bem como atribuir à personagem suas dores, fraquezas e conflitos, para livrar-se momentaneamente de sentimentos angustiantes e poder lidar com os mesmos. (CALDIN, 2005, p. 16).

A inteligência emocional é o termo usado para explicar a capacidade intelectual de uma pessoa frente a desafios emocionais. Toda a inteligência ao ser aperfeiçoada lida com o aprendizado. Para resolver um exercício matemático é necessário entender fórmulas e equações para ter a capacidade de resolução, porém a inteligência emocional lida com a capacidade de resolução de problemas emocionais. Woyciekoski e Hutz (2009, p.1) defendem neste contexto, que para o indivíduo, “[...] a verificação das relações entre cognição e emoção poderia resultar no reconhecimento da capacidade do homem lidar com seu mundo emocional de forma inteligente, compatível com seus objetivos mais amplos de vida”.

Desta forma o processamento de informações emocionais pode ser entendido em quatro níveis (BUENO; PRIMI, 2003, p. 279-280):

a) Percepção, avaliação e expressão da emoção; b) a emoção como facilitadora do pensamento; c) compreensão e análise de emoções; emprego do conhecimento emocional; e d) controle reflexivo de emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

O processo biblioterapêutico baseia-se na capacidade do indivíduo de modificar o pensamento, obter respostas para seus problemas e identificar meios para seu crescimento, visto que durante todo o processo busca-se alcançar e modificar o estado emocional de cada um. A inteligência emocional, portanto, é a inteligência trabalhada no processo para o aprendizado no contexto biblioterapêutico.

2.1.3.4 OS PROJETOS BIBLIOTERAPÊUTICOS NO BRASIL

Vários projetos foram realizados no Brasil desde a década de 1970. Ribeiro (2006, p.117-118) associa a origem da biblioterapia no Brasil com os projetos de incentivo à leitura e acessibilidade informacional, tendo como exemplo, o projeto de extensão “Carro-Biblioteca” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A atividade se caracteriza por transportar livros infantis às vilas de Porto Alegre, para auxiliar as crianças em atividades escolares. Outro exemplo citado foi o projeto de leitura denominado “Núcleo da Hora do Conto”, realizado em hospitais, asilos, creches e escolas. Esse projeto iniciou-se com os alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e tinha como finalidade a realização de contação de história para o público infantil, juvenil e idoso.

Tais projetos podem ser considerados precursores da atividade biblioterapêutica pelo fato de reconhecer o papel da leitura para a sociedade, democratizando o acesso e buscando a melhoria na qualidade de vida por meio destes, apesar de não terem a sistemática da atividade.

Destacam-se os primeiros trabalhos biblioterapêuticos realizados no Brasil na década de 1980, Alves (1982), pioneiro destes trabalhos, aplicou a técnica em prisões para a reeducação social do presidiário, sendo que a atividade teve a aplicação interdisciplinar de bibliotecário, psicólogo e assistente social. Segundo Hasse (2004), a atividade também foi realizada com os idosos do Lar da Previdência Carneiro da Cunha, em João Pessoa, por Vasquez, que tinha como objetivo o incentivo da leitura para melhoria de vida e eram realizados programas de leituras

dirigidas em sessões de grupo e individual, tendo um resultado positivo em relação à diminuição da ansiedade e depressão dos internos.

Almada (2003, p.3) ressalta que, na década de 1990, a “Casa da Leitura” foi criada com a parceria Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O projeto foi gerenciado pelo Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) e “[...] dele nasceu a proposta de uma biblioteca infantil, na qual seriam realizadas sessões de contos infantis nas enfermarias pediátricas do Hospital Universitário Graffree Guinle (HUGG)” (ALMADA, 2003, p. 3).

Outro projeto realizado na década de 1990 foi “Biblioterapia no Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS)” que surgiu como um projeto de iniciação científica do curso de Biblioteconomia da UFC em 1994. No ano seguinte, o curso de Psicologia começou a participar do projeto por meio do Núcleo Cearense de Pesquisa e Estudos da Criança e do Adolescente (NUCEPEC). Também começou a participar, nesse ano, o curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) (FONTENELE, 2000).

O trabalho pioneiro da biblioterapia com deficientes visuais, no Brasil, foi realizado por Pereira (1996), em João Pessoa. Tal programa era para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas e tinha como objetivo a integração destes na sociedade. Em 1998/1999, Pereira (2000) participou do Projeto de Extensão no Instituto dos Cegos da Paraíba “Adalgisa Cunha” aplicando a biblioterapia nesta instituição, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos do instituto o conhecimento sobre biblioterapia e oferecer subsídios para solução de problemas e necessidades pessoais. Outra aplicação, no final da década de 1990, foi realizada na Clínica Médica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, realizada por Seitz (2006a). Tal atividade busca o fomento para o lazer e interação entre bibliotecário, paciente e enfermeiros, e para socialização dos pacientes.

Pinheiro (1998) apresenta uma experiência com outro projeto para idosos, o “Projeto Renascer”, que foi conduzido pela Universidade Federal do Ceará (UFC), através da Pró-Reitoria de Extensão e do curso de Biblioteconomia. O intuito era de reforçar valores e dissipar o isolamento do idoso.

Outro projeto, que segundo Ribeiro (2006), se aproxima do trabalho biblioterapêutico, denomina-se “Biblioteca Viva em Hospitais”, iniciada em 2000. Ele foi desenvolvido com o apoio do Ministério da Saúde (MS) entre outras instituições, que tinha como objetivo o desenvolvimento de sessões práticas de leitura de livros infantis, realizada por voluntários, em enfermarias pediátricas do Instituto Fernandes Figueira (IFF), do Instituto de Puericultura Martagão Gesteira (IPMG) e do Hospital Municipal Jesus (HMJ). Por último, Ribeiro (2006) destaca o trabalho biblioterapêutico realizado com crianças em hospitais por Caldin (2002) no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por Moreno (2003) no HIAS e por Pinheiro (2002) no Ceará e no Núcleo de Apoio a Criança com Câncer (NAAC), na Paraíba.

A disciplina de “Biblioterapia”⁴⁴ foi ofertada pela Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2002, com carga horária de 4 horas/aulas semanais e 80 horas/aulas semestrais, e a partir de 2003, foi ofertada pela mesma universidade como disciplina optativa no curso de Biblioteconomia, com 2 horas/aulas semanais e 36 horas/aulas semestrais. Nesta disciplina os alunos estudam conceito, histórico, fundamento filosófico, objetivos, metodologias e aplicações da biblioterapia, para então organizar um projeto desta atividade, executada em instituições previamente selecionadas, sendo considerado para a avaliação da disciplina, um relatório final apresentado em sala de aula (CALDIN, 2010, p. 43).

Várias atividades biblioterapêuticas foram realizadas a partir do grupo de pesquisa “Núcleo de Biblioteconomia, Bibliotecas Escolares e Leitura”, formada em 2004 pela UFSC⁴⁵, tendo uma linha de pesquisa nomeada “Biblioterapia”⁴⁶, que tem como objetivo “Desenvolver pesquisas que envolvam a utilização da leitura como atividade biblioterapêutica, tendo em vista os conceitos, os objetivos, o fundamento filosófico e o método biblioterapêutico” (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2012, *online*). Em 2006, segundo Leite (2009), surge no Brasil a Sociedade Brasileira de Biblioterapia Clínica, que tinha como objetivos principais:

⁴⁴ Ementa em anexo.

⁴⁵ Anexo A.

⁴⁶ Anexo B.

[...] formar profissionais para atuarem como biblioterapeutas; reunir pesquisas e trabalhos científicos sobre o tema; trocar experiências entre profissionais das áreas coligadas; disseminar a prática nas escolas, hospitais e centros de saúde da rede pública; fomentar a produção de material técnico sobre o assunto; mobilizar o mercado editorial para a importância da aplicação da biblioterapia; recolher material de cunho terapêutico; e regulamentar a profissão. (LEITE, 2009, p.26).

Cortez, Calazans e Vidal (2011) aborda o “Projeto de Manifestações de Artes Integrada a Saúde (Projeto MAIS)” do Hospital das Clínicas (HC) em Recife. Criado em 2007, esse projeto promove intervenções em espaços do hospital, com músicas, contação de histórias, teatro, entre outras manifestações. Em 2010, adiciona-se um projeto de extensão chamado “Projeto de Mediação de Leitura” que busca

[...] incentivar o gosto pela leitura e, por meio desta humanizar a assistência à saúde no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, cuidando do bem-estar biológico, psíquico e social dos seus usuários, familiares, profissionais, alunos e funcionários, atuando de forma preventiva e assistencial à saúde. (CORTEZ; CALAZANS; VIDAL, 2011, *online*).

Segundo os autores, essa atividade biblioterapêutica permitiu a redução de estresse de pacientes e profissionais do hospital, mostrando resultados positivos de aplicação e previsão de aperfeiçoamento do projeto.

Em 2012 surge um projeto de lei⁴⁷ que dispõe sobre o uso da biblioterapia em hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS. O foco do projeto é a aplicação da biblioterapia no âmbito da medicina.

Tais exemplos pontuados de atividades biblioterapêuticas demonstram a diversificação na aplicação e a disposição de profissionais em desenvolvê-las.

⁴⁷ Projeto de lei em anexo

2.2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A BIBLIOTERAPIA

A Ciência da Informação é uma área que surgiu da necessidade de organização, controle, recuperação, disseminação e uso crescente da informação, devido à explosão informacional ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, somada a inserção de novas tecnologias no cotidiano da sociedade (SMIT; TÁLAMO, 2007), sendo seu objeto de estudo a informação. A evolução de seu estudo proporcionou um entendimento cada vez mais interdisciplinar da área e de sua atuação na sociedade. A CI ao longo do tempo foi fundamentada pelas suas características social, cognitiva e interdisciplinar.

Nas ciências sociais e humanas, a informação teve destaque nos estudos relacionados a evolução cognitiva, tema da Psicologia, no sentido de identificar o indivíduo extraíndo informação mediante as propriedades físicas e químicas dos estímulos sensoriais. (CAPURRO; HJØRLAND, 2007).

Mas [...] o uso da palavra informação indica uma perspectiva específica, a partir da qual o conceito de comunicação do conhecimento tem sido definido. Esta perspectiva inclui características como novidade e relevância, ou seja, refere-se ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à seleção e interpretação dentro de um contexto específico. A discussão leva às questões de por que e quando este significado foi designado com a palavra informação (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p.150).

Sobre os aspectos sociais da Ciência da Informação, Le Coadic (2004) defende que esta é uma ciência que se preocupa com a necessidade do indivíduo suprir certa demanda informacional, situando-se no campo das ciências sociais, havendo busca de entendimento da realidade social e cultural. O autor também considera a interdisciplinaridade um aspecto da CI, justificado pelas diversas áreas que contribuíram para seu estudo e fundamentação, cooperando entre si, entre elas Sociologia, Psicologia, Lingüística, Informática, Matemática.

Outro item considerado na Ciência da Informação é a característica cognitiva, presente na preocupação em relação à dinâmica intelectual e à evolução do conhecimento. Wersig (1993), ao analisar a CI, defende que houve uma mudança no papel do conhecimento, de sua perda de personalidade no processo de comunicação e da fragmentação do mesmo. Deste modo, no processo estão envolvidas a produção, a representação e a necessidade de conhecimento.

A informação pode ser explicada como algo que propicia uma mudança no conhecimento de um indivíduo, porém tal situação só se concretiza se há o reconhecimento de uma informação relevante para o desenvolvimento cognitivo. Brookes (1980) elabora uma equação demonstrando a relação de informação e conhecimento: $K[S] + \Delta I = K[S + \Delta S]$, sendo $K[S]$ a atual estrutura cognitiva; ΔI a informação e $K[S + \Delta S]$ a estrutura cognitiva modificada, tendo ainda o ΔS como efeito da modificação. A complexidade da mudança cognitiva não é mensurável, então essa equação não deve ser encarada com a lógica matemática, mas como uma representação do comportamento cognitivo do ser humano com a informação.

A informação pode ser relacionada como propriedade da mensagem. Neste sentido, a informação resulta da interação de duas estruturas cognitivas: a mente e o texto externo (mensagem) que envolve o processo cognitivo e o ato de compreender. Saracevic (1999) analisa a importância da informação pela tomada de decisão, tendo duas possibilidades, uma sem informação e outra com recebimento e análise da informação. A diferença da decisão dessas duas possibilidades demonstra o valor que a informação possui para a sociedade.

Segundo Capurro (2010), o conhecimento é adquirido pelo processo de comunicação, e a informação é uma dimensão existencial do nosso estado de convivência no mundo com os outros. Para o autor, nosso modo de ser é, de acordo com a hermenêutica, diferente de outros e a existência do termo é um indicador dessa diferença. A Comunicação no sentido de compartilhar é um traço específico de estar no mundo. Aqui reside o fundamento existencial da CI, pois a informação, no sentido existencial-hermenêutico, significa compartilhar um mundo comum. A informação, portanto, não é o produto final de um processo de representação, ou algo transportado por indivíduos, ou algo separado a partir de uma subjetividade, mas uma dimensão existencial do ser humano no mundo com outros indivíduos.

Todo o processo em que a informação passa de seu surgimento até a sua recuperação e uso é denominado fluxo da informação ou ciclo informacional. Neste contexto, Smit e Barreto (2002) reconhecem os fluxos da informação em dois níveis: interno e externo, verificado na Figura 3.

Figura 3 - Fluxos internos e externos de informação



Fonte: Smit e Barreto (2002)

Pela figura acima, percebe-se três momentos nos fluxos da informação: a criação da informação num registro, o processo de armazenamento e recuperação da informação e, por fim, a apropriação da informação recuperada pelo indivíduo na transformação cognitiva.

Smit e Barreto (2002) conceituam os **fluxos internos da informação** como a prática de gerenciamento e controle da informação, bem entendido nas áreas de Biblioteconomia e Documentação, pois se baseiam nos procedimentos desenvolvidos por estas áreas. Os **fluxos externos da informação**, segundo os autores, são identificados no fenômeno de transformação cognitiva.

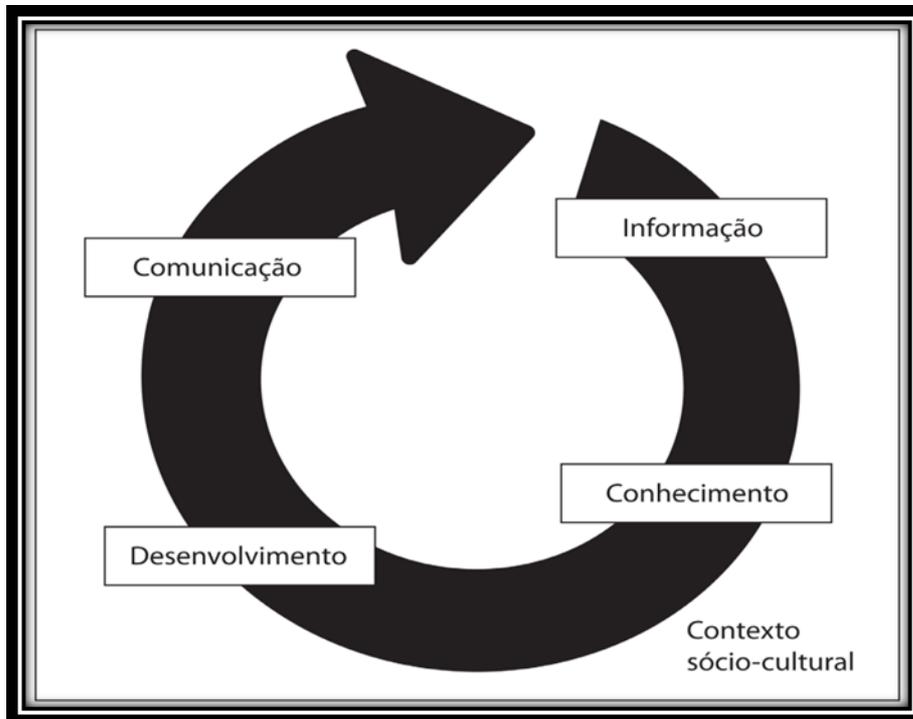
[...] os fluxos internos de informação, os quais se movimentam entre os elementos de um sistema que se orienta para sua organização e controle. [...] Os fluxos de informação de segundo nível são aqueles que acontecem nas extremidades do fluxo interno, de seleção, armazenamento e recuperação da informação. Os fluxos externos são aqueles que, por sua atuação, mostram a essência do fenômeno da transformação, um acontecimento raro e surpreendente entre a linguagem, suas inscrições e o conhecimento elaborado pelo receptor em sua realidade. (SMIT; BARRETO, 2002, p. 16).

O fluxo ou ciclo da informação se baseia na necessidade de informação. Segundo Davanso e Zanaga (2009, p. 2), “a busca pela informação é motivada por um

problema a resolver ou um objetivo a atingir e decorre de um estado de conhecimento insuficiente ou inadequado”.

Duarte (2009), por sua vez, esquematiza o ciclo informacional na Figura 4, representando que o aspecto da comunicação possibilita a evolução do conhecimento. O foco de seu modelo demonstra não as etapas da informação no ponto de vista da gestão, mas sim no ponto de vista da evolução cognitiva. As etapas demonstram uma evolução de estado do indivíduo frente ao aperfeiçoamento de seus conhecimentos e as formas de divulgá-los. Inicialmente se identifica uma nova **Informação**, que é processada e integrada ao estado cognitivo, um novo estado de **Conhecimento**. O **Desenvolvimento** seria a forma em que o indivíduo vivencia seu novo estado de **Conhecimento**, possibilitando, assim, a **Comunicação** para que o processo seja contínuo.

Portanto, a mediação e a comunicação da informação se tornam essenciais para que o ciclo informacional se concretize, pois é o que une a informação e o indivíduo. A comunicação na Biblioteconomia aparece na interação de bibliotecário e usuário no tratamento à disseminação da informação, em que todo o processo de gestão da informação visa sua recuperação.

Figura 4 – Ciclo informacional

FONTE: Duarte (2009, p.69)

A discussão da biblioterapia no contexto da Biblioteconomia surge no começo do séc. XX como uma dinâmica nova para o profissional da informação. Na sua aplicação fica claro que o profissional trabalha com informações essenciais e que estas, ao serem compartilhadas, trazem à pessoa uma qualidade de vida.

O Quadro 2 demonstra as características que aproximam a Ciência da Informação com a biblioterapia. A atividade biblioterapêutica é válida nas práticas sociais de desenvolvimento humano no suprimento de necessidades informacionais e emocionais, compatíveis aos fundamentos da Ciência da Informação, pressuposto usado para considerar a biblioterapia um tópico de estudo desta ciência.

Quadro 2 – Análise comparativa da Ciência da Informação com a biblioterapia⁴⁸

CARACTERÍSTICAS	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	BIBLIOTERAPIA
Responsabilidade Social	Tem vertentes sociais que têm como objetivo suprir as necessidades informacionais do indivíduo	Tem como objetivo a melhoria da qualidade de vida do indivíduo a partir da sua necessidade informacional
Mudança cognitiva	Desenvolver estado do conhecimento	Promover a mudança de estado cognitivo visando o amadurecimento pessoal, emotivo e/ou profissional.
Interdisciplinaridade na atuação	Possuem vertentes conceituais e de atuação que se identificam com diversas áreas como tecnologia, psicologia, Biblioteconomia, entre outros	Atividade que abrange a atuação de diferentes profissionais com competências específicas para atuação
Comunicação informacional	Mediação da informação para o usuário, circulação de conhecimento	Mediação da informação com interpretação e associação do conhecimento
Informação	Objeto de estudo abrangendo suas propriedades e os processos de construção, comunicação e uso.	Objeto essencial para a execução da atividade. Todo processo é estruturado pela informação fornecida
Profissional atuante	Profissional que tem competência de lidar com a informação em todo processo informacional, tendo o bibliotecário como um desses agentes informacionais.	Depende do tipo de atuação. Basicamente seria: médico, psicólogo, psiquiatra, educador e bibliotecário.

Fonte: Da autora

A biblioterapia é mais associada à Biblioteconomia pelo número de bibliotecários participando de tal atividade e pela escolha da biblioteca como ambiente de atuação, porém os fundamentos da Ciência da Informação abrangem

⁴⁸ Quadro proposto pela autora com informações adquiridas e analisadas na revisão de literatura.

aspectos da psicologia e da comunicação que a Biblioteconomia não aborda. Para fins desta pesquisa, a Biblioteconomia é considerada uma área de estudo da Ciência da Informação, como defende Wersig (1993).

A Ciência da Informação tem várias vertentes que podem ser estudadas, dentre elas está a comunicação da informação. O processo comunicativo no ciclo informacional é de extrema importância, pois proporciona o suprimento de necessidades informacionais ao usuário. A comunicação tem uma função social unindo os indivíduos e o conhecimento. Breton e Proulx (2011) defendem a crescente importância social da comunicação pela transformação intelectual da sociedade como consequência do ato comunicacional, pois a partir “[...] do século XIX, a comunicação social organiza-se em torno da mensagem e da circulação” (BRETON; PROULX, 2011, p. 58).

2.2.1 COMUNICAÇÃO, MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTERAPIA

Segundo Breton e Proulx (2011), as técnicas de comunicação tiveram um aumento de sua importância em determinados períodos da história, como por exemplo, na Revolução Romana, no Renascimento e na Revolução Francesa. Sua evolução está atrelada às transformações sociais e, com o tempo, a comunicação mudou de sentido, o que antes seria no sentido vertical de soberano e súditos passou a ser horizontal entre cidadãos iguais em direitos. As mídias, a telecomunicação e a tecnologia são fatores que influenciaram a evolução da comunicação, modificando-a de modo a ser mais democrática e dinâmica.

Da mesma maneira que a sociedade evoluiu no que diz respeito ao ato democrático da comunicação, as bibliotecas mudaram sua estrutura de uma organização preocupada com a preservação de informação para uma busca de disseminação desta informação, focando seus serviços ao usuário e as suas necessidades informacionais. Essa mudança, no entanto, não desvalorizou a necessidade de preservação da informação, mas sim adaptou seus objetivos para uma sociedade que busca o conhecimento e acesso a informações.

A comunicação e mediação são termos tratados diferentemente na literatura da área da Ciência da Informação, sendo que a comunicação da informação se

restringe ao ato, ou seja, seu estudo foca o entendimento do processo e de seus elementos: sujeito, mensagem, sinal, *feedback*, entre outros. A mediação da informação, no entanto, está relacionada ao processo de suprir necessidades informacionais destacando o papel do profissional mediador. Neste contexto, dois pontos podem ser explorados na interpretação da biblioterapia: seu caráter como processo de comunicação e a aplicação como forma de mediação da informação.

Dado, informação e conhecimento são conceitos básicos de entendimento na área de CI, mas também são elementos do processo de comunicação. Le Coadic (2004) relata o desenvolvimento cognitivo que surge da evolução um simples dado para informação e conhecimento. Já a comunicação pode ser entendida como a transferência de informação. Segundo Le Coadic (2004), a comunicação é o processo intermediário que permite a troca de informação entre as pessoas. A comunicação é relacionada com compartilhamento, sendo que o conhecimento depende da interação e compartilhamento de ideias e conceitos.

Na comunicação podem-se analisar duas vertentes: o diálogo e a transformação cognitiva. A primeira vertente está presente na troca de mensagens entre indivíduos, já a segunda vertente percebe-se na codificação e decodificação da mensagem. Duarte (2009, p. 62-63) afirma que:

[...] no processo de comunicação, o chamado sujeito comunicante, imerso numa realidade social particular, ao elaborar uma mensagem (conjunto de dados, quer seja manuscritos, quer através de imagens, ícones, sons, gestos, etc.) tem como ponto de partida seu próprio contexto social, sua gama de conhecimentos individuais e coletivos. Não é apenas a partir desta vivência que ele elabora seu discurso portador de sua mensagem. Leva em consideração, ainda, o receptor (sujeito interpretante) que deseja atingir: qual é a sua realidade psico-socio-cultural, quais são os seus conhecimentos prévios, de que modo ele provavelmente irá refigurar a mensagem recebida. O objetivo do sujeito comunicante é que a mensagem produza a informação desejada no sujeito interpretante a quem ela se destina. Portanto, a mensagem deve gerar um processo de informação capaz de alterar o estado de conhecimento do receptor.

A etapa cognitiva do processo remete à equação⁴⁹ de Brookes (1980), em que o autor justifica a equação como um esquema que demonstra a complexidade desse processo cognitivo, pois não é a simples adição de conteúdo, mas sim uma reestruturação do estado atual de conhecimento. Desta forma, entende-se no

⁴⁹ $K[S] + \Delta I = K[S + \Delta S]$

contexto informacional a comunicação como processo em que o indivíduo absorve mensagem (ou informação) transformando-a em conhecimento que é comunicado como mensagem, passado a outra pessoa que o absorve e assim por diante.

Um elemento relevante ao se considerar a comunicação é o ruído, sendo caracterizado pela dificuldade da mensagem ser recebida e entendida, ou seja, uma falha, ou segundo Pignatari (2008), uma possibilidade de erros. “Se a taxa de ruído é baixa, temos possibilidade de obter boa informação, mas se é grande a possibilidade de erros, também é elevada a taxa de distúrbio, o que reduz a possibilidade de boa informação.” (PIGNATARI, 2008, p. 22).

Várias coisas podem influenciar positivamente e negativamente o ato da comunicação, como por exemplo, o uso de tecnologia da informação como canal do conhecimento e um novo conjunto de possibilidades para tratar da informação. Se todos os agentes envolvidos no ato comunicativo tiverem acesso e entenderem a tecnologia utilizada, este processo será eficiente, mas se houver alguma falha no entendimento ou acesso da tecnologia, esta ferramenta se torna um ruído na comunicação.

Barreto (1994) defende que a distribuição e transferência da informação é condicionada por limitação contextual e cognitiva. Para gerar o conhecimento que promove o desenvolvimento, a informação deve ser transmitida e aceita.

Considerando tal contexto, Orsini (1982) defende que a biblioterapia é um modo de comunicação, pois a atividade em si contém elementos como emissor, receptor e mensagem, tendo um ciclo com *feedback* e possíveis ruídos. Comprovando tal afirmação, busca-se contextualizar a atividade biblioterapêutica com as variáveis abordadas.

A atividade é fundamentada no compartilhamento de informação do biblioterapeuta com os participantes da atividade, geralmente por meio de leitura de histórias, em que cada um interpreta a informação passada num processo cognitivo individual e posteriormente externa sua opinião num segundo momento de compartilhamento coletivo. No diálogo pode-se considerar indivíduos participantes da atividade biblioterapêutica, pois nesse processo é realizado decodificações cognitivas das mensagens (interpretações das informações adquiridas na leitura). O

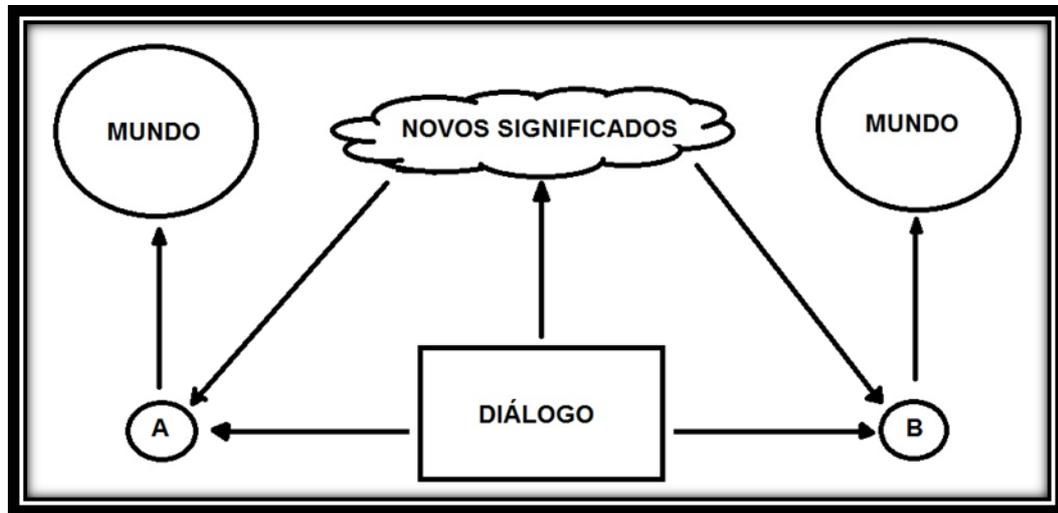
conceito de comunicação representa o próprio processo biblioterapêutico, que possibilita troca de informações e interpretações. A atividade biblioterapêutica deve ser realizada com métodos estabelecidos e bem executados pelo profissional, porque

[...] nenhum sistema de comunicação está isento de possibilidade de erros. Todas as fontes de erros são agrupadas sob a mesma denominação de ruído ou distúrbio. Se a taxa de ruído é baixa, temos possibilidade de boa informação [...] o ruído pode ocorrer em qualquer dos estágios de um canal. (PIGNATARI, 2008, p. 22-23).

Outra vertente da comunicação no processo da biblioterapia é a própria leitura terapêutica. Silva (1996) estuda o ato da leitura como processo de comunicação defendendo um padrão diferente da comunicação horizontal (relação emissor-receptor), tendo, portanto, a verticalização da representação da intenção e dos significados dos elementos com o mundo. Essa interpretação mostra um fenômeno da comunicação que deixa de ser somente o emissor, uma mensagem e um receptor, pois sua estrutura se torna a relação de um “ser-no-mundo-com-os-outros-através-de-signos” (SILVA, 1996, p. 74).

Segundo Silva (1996), a comunicação é caracterizada por 4 (quatro) estruturas: do sujeito, da mensagem, do código e do mundo. A estrutura do sujeito (emissor) é definida pelo sujeito do discurso, que tem uma relação única com o mundo, sendo que sua existência depende das experiências vividas. Sua relação com o mundo se dá mediante a intencionalidade, ou seja, a consciência dialética entre o indivíduo e o mundo.

Figura 5 – Esquema de Comunicação



FONTE: Silva (1996, p.73)

A estrutura da mensagem é portadora de um significado gerado pelo diálogo do emissor com o mundo, sendo esta mensagem destinada a um receptor que percebe a sua estrutura por um código linguístico. A estrutura do código se caracteriza pela compreensão, em que há um domínio comum aos sujeitos da comunicação. A mensagem é influenciada pelo mundo, pois é considerada a situação dos sujeitos, podendo ser renovada e transformada. Já a estrutura do mundo se constitui na intersubjetividade da dialética do indivíduo no mundo, tendo uma complexidade de aspectos significativos que se relacionam entre si. A existência do indivíduo, para o autor, se baseia na existência do mundo.

A comunicação pela interpretação fenomenológica de Silva (1996) permite uma identificação com a leitura terapêutica, pois destaca a relação da leitura com o indivíduo e sua vivência como fator de identificação e mudança. Mesmo a leitura sendo uma etapa no processo biblioterapêutico, sua aplicação por si só já se identifica no ponto de vista da comunicação.

Só a comunicação não é suficiente para a evolução do conhecimento, pois necessita também de uma informação que vá ao encontro do indivíduo. Tal fato está relacionado à necessidade informacional, em que sua relevância depende de três

aspectos do indivíduo (usuário): problemas a serem resolvidos, a sua natureza de conhecimento atual e suas qualificações (HJØRLAND, 2002).

No estudo sobre necessidade informacional, Miranda, S (2006) aborda a mudança de paradigma no estudo de necessidades e usos da informação segundo Dervin e Nilan (1986). Os autores destacam três abordagens que pertencem a este novo paradigma, que podem ser vistas no quadro abaixo.

Quadro 3 - Principais abordagens alternativas em pesquisas sobre necessidades e usos da informação⁵⁰

ABORDAGEM	CARACTERÍSTICAS DA ABORDAGEM
Valor adicionado	Foco na percepção da utilidade e valor que o usuário traz para o sistema. Pretende fazer do problema do usuário o foco central, identificando diferentes classes de problemas e ligando-os aos diferentes traços que os usuários estão dispostos a valorizar quando enfrentam problemas. É um trabalho de orientação cognitiva em processamento da informação. (problema => valores cognitivos => soluções)
Construção de sentido	Conjunto de premissas conceituais e teóricas para analisar como pessoas constroem sentido nos seus mundos e como elas usam a informação e outros recursos nesse processo. Procura lacunas cognitivas e de sentido expressas em forma de questões que podem ser codificadas e generalizadas a partir de dados diretamente úteis para a prática da comunicação e informação. (situação => lacuna cognitiva e de sentido => uso)
Anomalia cognitive	Foco nas pessoas em situações problemáticas, em visões da situação como incompletas ou limitadas de alguma forma. Usuários são vistos como tendo um estado de conhecimento anômalo, no qual é difícil falar ou mesmo reconhecer o que está errado, e enfrentam lacunas, faltas, incertezas, e incoerências, sendo incapazes de especificar o que é necessário para resolver a anomalia. (situação anômala => lacunas cognitivas => estratégias de busca)

FONTE: Miranda, S. (2006, p.100), com adaptação.

As abordagens têm similaridades, além do fato de que as três buscam isolar o que o usuário vê como dimensão fundamental de uma situação problema e as

⁵⁰ Quadro adaptado e elaborado por Miranda, S. (2006), baseado no trabalho de Dervin e Nilan (1986).

distintas estratégias cognitivas utilizadas para determinar que tipo de informação é útil. (MIRANDA, S., 2006).

Silva (2012, p. 118) afirma que “para satisfação exitosa de qualquer necessidade de informação é crucial atentar para as perspectivas de mediação da informação”.

[...] torna-se importante ressaltar que a mediação da informação só se constitui a partir do processo de comunicação em que agem e interagem emissores, receptores, informações e dispositivos materiais e imateriais, enfim, as ações de mediação exigem comunicação. (GOMES, PRUDÊNCIO, CONCEIÇÃO, 2010, p. 148).

Na evolução dos serviços da biblioteca, destacam-se a evolução dos bibliotecários como mediadores, buscando informações para determinada necessidade. Esse profissional faz o papel de intercessor auxiliando o usuário com os serviços oferecidos pela biblioteca. Na discussão sobre mediação e o bibliotecário, Almeida Júnior (2008) defende a mediação em todo o processo em que o bibliotecário lida com a informação, não só na disseminação.

Mediação da Informação é toda a ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. [...] a mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional (ALMEIDA JUNIOR, 2008, p. 46)

Vários profissionais podem ser considerados mediadores da informação, como por exemplo, professores, jornalistas e bibliotecários. Todos estes profissionais lidam com um processo de descoberta de novos saberes e permitem que pessoas mudem seu estado cognitivo pelo entendimento de informações passadas, junto ao conhecimento atual. A mediação da informação, portanto, se torna um processo crucial no ciclo informacional.

Há várias formas de mediar a informação, seja por meio da comunicação em massa (jornal, televisão, rádio entre outros), por instituições de ensino e pesquisa ou centros de informação. Porém, este processo de mediação não se restringe a um local de disseminação da informação, podendo ser por intermédio de uma atividade. Ouaknin (1996) defende que a leitura terapêutica é um ato de disseminação da

informação, tendo uma natureza comunicativa e baseada na hermenêutica, ou seja, na interpretação de sentidos.

A mediação da informação, no ponto de vista da Ciência da Informação, pode ser dividida em explícita e implícita (ALMEIDA JÚNIOR, BORTOLIN, 2007, p. 7). A primeira pode ser verificada em serviços de informação e referência, a outra vê-se em atividades que não tem contato com o usuário como, por exemplo, aquisição ou processamento técnico. A informação é o principal objeto de trabalho na mediação implícita.

A biblioterapia como mediação da informação é reconhecida no trabalho de profissionais que selecionam materiais informacionais adequados para disseminar informações às pessoas com determinadas necessidades. Almeida Junior e Bortolin (2007) destacam que o mediador tem a responsabilidade de acompanhar o leitor, e enfatizam que a inexperiência do bibliotecário pode trazer uma insegurança no ato da mediação. O compartilhamento do ato de ler é também uma ação do mediador da informação, não sendo apenas a indicação de textos e leitura, pois ele "deve ser cúmplice efetivo e afetivo do leitor, se dispondo a discutir e trocar idéias a respeito do que lêem". (ALMEIDA JUNIOR; BORTOLIN, 2007, p.11).

2.3 BIBLIOTECÁRIO E A BIBLIOTERAPIA

Como afirmado anteriormente, a biblioterapia foi introduzida na Europa e nos Estados Unidos sem uma estruturação em relação à aplicação em instituições e sem cursos definidos para formar profissionais aptos. Inicialmente, a aplicação era realizada em hospitais com parceria da biblioteca do hospital, e os trabalhos e relatórios da atividade eram publicados por médicos e bibliotecários. Este tipo de parceria era constante ao longo da história, demonstrando o acompanhamento da Biblioteconomia no surgimento e desenvolvimento da biblioterapia.

No Brasil, o tema começou a chamar a atenção, em 1975, com o trabalho de Ratton. A aproximação da biblioterapia e da Biblioteconomia no Brasil foi retratada por alguns pesquisadores brasileiros como Pereira (1996) e Ribeiro (2006), na tentativa de entender o início desta atividade nas bibliotecas. As autoras relacionaram a evolução da área e os serviços que têm uma proximidade com os objetivos e características da biblioterapia.

Pereira (1996, p.39-40) identifica a origem da biblioterapia na Biblioteconomia nos serviços de referência e a define como uma aplicação mais complexa de aconselhamento de leitura, função normal do bibliotecário. A partir do século XIX as bibliotecas passaram a permitir a circulação de livros, tornando-os acessíveis à sociedade, e desta nova política, surge um novo serviço bibliotecário, o de referência. "Essa primeira proposta para um programa real de assistência ao leitor havia sido feita em 1876" por Green realizada numa biblioteca pública (PEREIRA, 1996, p. 39). Verifica-se também que com o serviço de referência, que sugere o auxílio ao usuário, iniciou o papel social do bibliotecário de fomentar o incentivo à leitura. Pereira (1996) avalia tal origem no ponto de vista da Psicologia e destaca que a aproximação da área teria ocorrido no acréscimo da terapia em grupo no processo biblioterapêutico.

Silva (2005) analisa a produção documental brasileira sobre o tema, e no seu estudo ele considerou as décadas de 1950 a 2000. Segundo o autor, o primeiro registro foi em 1959, intitulado "Biblioterapia", redigido por Mira Y Lopes e afirma que o número de documentos publicados foi de 24, nesse período, sendo a maioria artigo, inclusive sendo 70% deles vinculados à formação acadêmica em Biblioteconomia. A maioria da produção é das áreas de Biblioteconomia, Psicologia

e Enfermagem e ressalta que se intensificou a partir do ano 2000, tornando anuais a partir desse ano. O autor defende que apesar da participação bibliotecária na elaboração desses trabalhos, o caráter da atividade é no campo da Psicologia.

Leite (2010) faz uma análise da produção científica brasileira sobre biblioterapia que foi publicada em periódicos científicos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação no período de 1997 a 2007. De dezoito periódicos desta área, somente nove publicaram sobre esse tema, *Biblionline* (1 artigo); *Encontros BIBLI: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação* (3 artigos); *Informação e Informação* (1 artigo); *Informação e Sociedade* (1 artigo); *Perspectivas em Ciência da Informação* (1 artigo); *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina* (4 artigos); *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação* (1 artigo); *Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins* ou *Revista Educação Temática Digital* (2 artigos); e *Transinformação* (1 artigo), totalizando quinze artigos publicados neste período. Das autoras pesquisadas, três se destacam pela produtividade: Caldin com 6 artigos, Seitz com 2 artigos e Pinheiro com 2 artigos. Dos quinze artigos analisados, percebeu-se que 40% contribuíram na teorização do tema e 60% correspondeu a experiências da atividade.

Os estudos teóricos foram organizados conforme a sua natureza, considerando se os seus objetivos, metodologias, temas e componentes. Tais artigos abordaram diferentes temas, entre eles, a aplicabilidade da leitura como função terapêutica, o uso da biblioterapia para o desenvolvimento pessoal e para o tratamento de enfermos hospitalizados e a biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário [...] Nos estudos exploratórios, observaram-se os indicadores de: principais atividades; frequência e duração das atividades; equipe profissional; objetivos; metodologia; público-alvo; materiais e recursos; e resultados obtidos. A partir disso, os estudos exploratórios foram agrupados em: crianças, adolescentes e jovens no ambiente escolar com 22% das publicações; idosos em asilos com 33% das publicações; e enfermos hospitalizados com 45% das publicações (LEITE, 2010, p. 32).

Verificou-se que a biblioterapia é um campo recente no Brasil, entende-se que esta não alcançou sua maturidade científica, como um campo da ciência, porém os estudos realizados mostram a intenção de cientistas e profissionais de diversas áreas em encontrar sua metodologia e firmá-la como uma área do conhecimento e como uma atividade bem-feitora à sociedade.

O bibliotecário é um dos profissionais que lida com a informação, destacando a seleção, organização, disseminação e preservação. Sua atuação é associada a uma biblioteca, embora não seja necessariamente seu único ambiente profissional. Ortega y Gasset (2006) destaca a função do bibliotecário, dando ênfase ao aspecto comunicacional, promovendo a discussão da missão do bibliotecário “[...] enfatizando o profissional humanista em relação às competências e habilidades que esse profissional necessita agregar para manter-se na carreira profissional” (CARVALHO; REIS, 2007, p. 36).

Ortega y Gasset (2006) ressalta que o bibliotecário deve auxiliar o usuário em encontrar a informação (o livro), uma visão pioneira sobre a responsabilidade de mediador do profissional. Ele destaca que o foco de atuação seria suprir a necessidade informacional do usuário e essa é a razão da existência profissional do bibliotecário. O valor do bibliotecário é reconhecido ao proporcionar ao usuário o acesso a informação, auxiliando-o na tomada de decisão.

A história da escola de Biblioteconomia brasileira se caracteriza pela dificuldade na elaboração de um currículo que englobe conhecimentos que o bibliotecário deve adquirir. Desde o seu surgimento oficial de formação em 1911 pelo Curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (SANTOS, 1998) as disciplinas oferecidas demonstravam a visão erudita que os profissionais daquela época tinham. A dificuldade da educação bibliotecária encontrada se justifica na necessidade do profissional de se enquadrar naquilo que a sociedade necessita.

Castro (2002) faz um levantamento do histórico e da evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil e demonstra que a formação inicial era muito tecnicista e aos poucos a responsabilidade social do bibliotecário é inserido no currículo.

2.3.1 BIBLIOTERAPEUTA E MEDIADOR DA INFORMAÇÃO

Silva (2005) e Hasse (2004), profissionais da Psicologia e Comunicação, respectivamente, questionam a participação do bibliotecário nestas atividades. Eles vêem o bibliotecário como inapto para o trabalho com biblioterapia, pois se exige

uma capacitação diferente do que o curso básico de Biblioteconomia exige do futuro profissional. Com relação a preparação bibliotecária, Caldin (2010) afirma que para o bibliotecário que busca aplicar tal atividade, é necessário ter um perfil social, inclusive ter uma estrutura emocional, física e moral, mas ressalta, que esse bibliotecário pode ser um aplicador da biblioterapia, não um biblioterapeuta.

Pereira (1996), em seu trabalho, defende o bibliotecário como biblioterapeuta, porém sua atividade seria em conjunto com outros profissionais. Seu encargo seria lidar com os livros, no que diz respeito à seleção, aquisição, manutenção e distribuição, além de avaliação da atividade. Hanningan (1962) compara o bibliotecário com um farmacêutico, pois disponibiliza os livros prescritos, podendo sugerir tanto leituras como a atividade com o paciente. Mas isso só seria possível se os médicos repassassem tal responsabilidade ao bibliotecário. Miranda, M. (2006) defende que o papel do bibliotecário em atividade biblioterapêutica pode ser de consultor e biblioterapeuta.

Silva (2005, p. 14) destaca que a “[...] experiência profissional com biblioterapia é variada, o que contribui para refletir a sua relevância social”. Em sua pesquisa, Silva (2005) pontua trabalhos realizados por diversos tipos de profissionais, em ordem cronológica, que são listados, no Quadro 4.

Quadro 4 – Trabalhos biblioterapêuticos realizados⁵¹

ANO	NOME	PROFISSÃO	ATIVIDADE
1934	Sadie Peterson-Delaney	Bibliotecária	Trabalho no Hospital de Veteranos em Tuskegee, pioneira no uso da biblioterapia
1937	William C. Menninger	Médico	Programa de biblioterapia em sua clínica médica
1945	Jerome M. Schenek	Médico	Tratamento hipoglicêmico da esquizofrenia e da depressão
1951	Thomas V. Moore	Médico	Atendimento de delinqüentes juvenis
1973	J. H. Kirchner	Psiquiatra	Biblioterapia em instituições de ensino
1975	Mildred T. Mood; Hilda K. Limper	Bibliotecárias	Trabalho com crianças e jovens com dificuldades de adaptação
1979	Maurice Barker	Psicólogo-clínico	Trabalho com o interesse de jovens pela leitura
1982	Maria Helena Hess Alves	Bibliotecária	Uso de biblioterapia nas prisões, buscando a recuperação dos detentos
1989	Maria do Socorro Azevedo Félix Fernandez-Vasquez	Bibliotecária	Trabalho com idosos residentes em asilos
1992	D. A. Matthews; R. Lonsdale	Bibliotecários	Uso da terapia de leitura com crianças autistas, com medo do escuro, situação de morte e luto, filhos de pais divorciados e alcoólatras, além de doentes mentais
1996	Marília M. Guedes Pereira	Bibliotecária	Utiliza a biblioterapia com deficientes visuais
2000	Eva Maria Seitz	Bibliotecária	Utiliza a biblioterapia com pacientes internados na clínica médica
2002	Clarice F. Caldin	Bibliotecária	Biblioterapia na ala pediátrica de hospitais

Fonte: Da autora

Pelo quadro, percebe-se que a aplicação da biblioterapia é bem variada e pode ser realizada para diversos tipos de indivíduos, independente de sua situação emocional ou física. Os bibliotecários se tornam cada vez mais atuantes nos

⁵¹ Quadro elaborado pela autora estruturando informações da pesquisa de Silva (2005)

processos biblioterapêuticos como profissionais mediadores. Dentre as várias atuações sociais do bibliotecário, muitos autores consideram a biblioterapia uma delas.

Mais do que a informação, o bibliotecário deve estar preocupado com a mediação dessa informação. Hoje, nossa reflexão aponta para a mediação – muito mais do que a informação – como o objeto principal da Biblioteconomia e, portanto, do fazer bibliotecário. Tendo a mediação como diretriz, como norte, como objeto, o bibliotecário pode alterar, pode transformar sua ação social, não a ideal, mas a real. (ALMEIDA JÚNIOR, 2004, p. 85).

No processo biblioterapêutico, profissionais qualificados proporcionam momentos de leitura e interpretação de argumentos capazes de modificar o estado cognitivo do grupo trabalhado, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e possibilitar um melhor enfrentamento de problemas.

O processo de construção do conhecimento se dá por meio de um movimento complexo, no qual os sujeitos interagem entre si, mas também com as informações, processando-as para, a partir de seus enquadramentos, de suas possibilidades cognitivas, se apropriarem dos conteúdos acessados. Desse modo, o processo de construção do conhecimento, dependente, também, da interação com o acervo simbólico transmitido através de suportes e ambientes que se ocupam da preservação e do acesso aos conteúdos informacionais que subsidiam o desenvolvimento das práticas do conhecer. (GOMES, 2008, p.1)

Esses profissionais são nomeados biblioterapeutas e podem ser de diversas áreas de atuação profissional: médicos, psicólogos, psiquiatras, professores, bibliotecários entre outros. Estes profissionais são mediadores da informação, pois eles transferem informações interpretadas às pessoas e permitem o desenvolvimento cognitivo.

Ferreira (2003) apresenta diretrizes básicas a serem seguidas pelo bibliotecário na elaboração e conclusão da atividade biblioterapêutica:

- a) Escolher um local adequado para a realização das reuniões do grupo;
- b) Ter treinamento adequado e estar capacitado para conduzir as discussões do grupo;
- c) Formar grupos homogêneos para leitura e discussão de temas previamente escolhidos;

d) Preparar listas de material bibliográfico adequado às necessidades de cada grupo, e escolher outros materiais (filmes, músicas), de acordo com a idade e necessidades a nível cultural e social dos participantes;

e) Estabelecer uma situação de ajuda entre o bibliotecário e o usuário, a partir daí será possível elaborar um programa estruturado, mesmo que não haja aplicação de terapia ou psicoterapia, como em alguns casos de biblioterapia para crianças;

f) Usar, de preferência, material com os quais esteja familiarizado;

g) Selecionar materiais que contenham situações familiares aos participantes do grupo, mas que não precisam necessariamente conter situações idênticas às vividas pelas pessoas envolvidas no processo;

h) Selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos e temas abordados, com exceção de materiais que contenham uma conotação muito negativa do problema, como poesias sobre suicídios, por exemplo;

i) Selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional da pessoa, sua capacidade individual de leitura e suas preferências culturais e individuais; e

j) Selecionar material impresso e não impresso na mesma medida.

Em relação ao papel social do mediador, Almeida Júnior e Bortolin (2007, p.3) enfatizam que o profissional mediador pode interferir eticamente no cotidiano da pessoa, fomentando a busca de informação e de leituras, e por meio destas, um conhecimento adquirido se torna uma construção constante da vida. Dentro da atuação do biblioterapeuta está a seleção de material utilizado, leitura de histórias ou textos, interpretação e discussão de informações concedidas na leitura e difusão do conhecimento adquirido.

Mas no princípio geral da biblioterapia, seja ela como arte ou como ciência, o componente que a torna uma técnica de aconselhamento é naturalmente um biblioterapeuta que pode ser qualquer um dos profissionais que atuarão conjuntamente neste programa – psicólogo, educador, bibliotecário ou assistente social. Este profissional deve prescrever material específico para dar assistência a uma pessoa na solução de seu problema específico. Assim, de acordo com Ferreira (2003) para agir efetivamente, o biblioterapeuta

deve possuir algumas qualificações importantes, a saber: (1) entendimento profundo de natureza psicológica do problema que está sendo enfrentado; (2) compreensão do caminho que este problema particular é tratado na seleção do livro prescrito e; (3) habilidade em formular hipóteses, que se refira ao impacto que este material terá sobre a solução positiva do problema ou objetivo que se queira alcançar. (ROSA, 2006, p. 27)

O grupo ou indivíduo trabalhado necessita ter a informação que vá ao encontro com sua necessidade e o biblioterapeuta deve ter capacidade de mediar à informação útil. A característica de mediador do profissional é essencial para que a atividade seja aplicada corretamente e com sucesso frente aos seus objetivos. A relevância da biblioterapia como um campo de atuação para o bibliotecário, por sua vez, pode ser aceito, visto que a sua atuação seja

Um trabalho que seja capaz de levar as bibliotecas a desenvolverem atividades biblioterapêuticas, a fim de incentivar a socialização das informações, e assim constituir um meio de unir as necessidades informacionais da sociedade com o papel social que o bibliotecário deve exercer. (SILVA; PINHEIRO, 2008, p. 3).

O bibliotecário na sua formação não é apto a exercer todas as atividades. Dependendo do campo de atuação o bibliotecário deve se especializar. Silva e Pinheiro (2008, p. 2) justificam que “[...] é notória a existência de um número reduzido de cursos de Biblioteconomia que oferecem formação adequada às competências exigidas para o bibliotecário desenvolver práticas biblioterapêuticas”. Por isso, na biblioterapia, como mediador da informação e do conhecimento, o bibliotecário deve definir seu papel para então preparar-se com cursos ou especializações. Nesse contexto Pinto (2005) questiona acerca de o bibliotecário atuar neste campo e conclui:

[...] a biblioterapia é uma seara de atuação para o bibliotecário, porém a sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo. Daí por que é interessante que, nas discussões travadas no âmbito dos cursos de Biblioteconomia, em virtude da implantação dos seus projetos políticos pedagógicos, a biblioterapia como lócus de ação do profissional de informação (bibliotecário) também seja contemplada, de maneira a se oferecerem oportunidades aos que buscam conhecimentos sobre esta disciplina. (PINTO, 2005, p. 42)

Em relação à ação social do bibliotecário, Valentim (2002, p. 118) afirma que a formação do profissional da informação deve atender a determinada demanda

social enquanto que Smit e Barreto (2002, p. 22) pontuam questões importantes na formação profissional do bibliotecário que seriam: o tratamento da informação e a compreensão tanto de sua origem como de suas finalidades sociais.

A formação profissional determina a atuação do profissional, Walter e Baptista (2008, p. 87) afirmam que “[...] a formação é fundamental para atender tanto aos anseios da sociedade quanto aos do próprio indivíduo que escolheu, por algum motivo, seguir determinada carreira”. Para Alves (1982, p. 56), há uma dificuldade de se reconhecer o bibliotecário como biblioterapeuta, aparecendo até uma terminologia nova, *the clinical librarian*⁵². “Seria ele um profissional com conhecimento de psicologia e relações humanas, especialmente treinado para essa atividade.” (ALVES, 1982, p. 56).

Vários estudos foram realizados desde então, por isso a nomenclatura de bibliotecário clínico é utilizado para outros fins, especificamente para bibliotecários de hospitais, que se preocupa com a recuperação e disseminação da informação.

A educação especializada em nível de pós-graduação pode ser uma opção para diferenciar a Biblioteconomia clínica dos demais campos abrangidos pela Ciência da Informação. O bibliotecário clínico executa todas as atividades dos outros bibliotecários, porém atua como parte integrante de uma equipe de saúde e é também responsável pela disponibilização de informações essenciais para a decisão final sobre determinado paciente. (BERAQUET, 2007, p. [8])

Ratton (1975), por exemplo, foca a aplicação da biblioterapia no meio médico como parte da biblioterapia clínica, para auxiliar pacientes e indica o profissional de saúde como o principal atuante. Segundo Hannigan (1962), neste tipo de aplicação, o bibliotecário sugere leituras e auxilia pacientes quando eles vão à biblioteca.

Lucas, Caldin e Silva (2006, p.399) defendem a biblioterapia tanto como uma atividade relevante para os usuários como também uma atuação válida para o bibliotecário, pois as atividades relacionadas à biblioterapia auxiliam no desenvolvimento da criatividade, no incentivo ao gosto pela leitura e a pacificação das emoções.

Se os biblioterapeutas, no futuro, praticarem profissionalmente a biblioterapia e fizerem estudos detalhados e conscientes sobre seus livros, usando sua imaginação e senso crítico, a biblioterapia

⁵² Tradução nossa: O bibliotecário clínico.

certamente irá prosperar para o bem de todos os envolvidos. (PEREIRA, 1996, p. 39).

2.3.2 FORMAÇÃO E TREINAMENTO EM BIBLIOTERAPIA

A importância de um treinamento continuado a profissionais da informação é clara, pois a atuação do bibliotecário é definida pela eficiência em exercer suas funções sempre em sintonia com as novidades do mercado e da realidade informacional. Como foi pontuado anteriormente, o bibliotecário em sua formação básica não tem conhecimento necessário para serviços específicos, sendo que muitos se especializam no exercício da profissão para o exercício em bibliotecas com acervo específico como biblioteca jurídica, médica ou infantil.

Segundo Silva (2005, p. 22), “historicamente a formação em biblioterapia apresenta lacunas e há autores que as examinam propondo questionamentos e alternativas”. O autor ainda propõe a ideia de que o papel da formação para o campo de atuação na biblioterapia pode estar relacionado com a maneira com que os profissionais lidam com a atividade, como a compreendem e, principalmente, com a definição que possuem sobre a mesma.

A especialização para atividades biblioterapêuticas tem poucos cursos, justificando a aplicação com profissionais de várias áreas. Nos Estados Unidos, mais especificamente no município de Santa Clara, existem cargos para biblioterapeutas em duas categorias: biblioterapeuta I e II. No primeiro cargo requer bacharelado em Artes com curso superior em Psicologia ou Humanidades e seis meses de experiência em trabalho de saúde mental. O segundo cargo necessita, além das características do primeiro, mestrado e dois anos de experiência em biblioterapia. (PEREIRA, 1996).

Neste contexto de especialização, Pereira (1996, p. 67) aborda a educação e treinamento do biblioterapeuta incluindo aspectos de Biblioteconomia, Psicologia, Literatura e aconselhamento. Tews (1962), por outro lado, defende o aprendizado da aplicação do processo biblioterapêutico na prática, pois considera tal uma arte.

Kinney (1962) identifica algumas qualidades que um biblioterapeuta deveria ter: bem estar físico, caráter, estabilidade emocional e personalidade adequada ao

trato social. A autora defende que o biblioterapeuta deverá entender sua responsabilidade na aplicação, métodos e objetivos.

O treinamento para o biblioterapeuta, portanto, pode começar no curso básico de Biblioteconomia, pois possibilita que o profissional tenha experiência em biblioteca e tenha conhecimento de literatura. Os princípios e técnicas de Psicologia também devem ser estudados, pois o profissional vai fazer na atividade biblioterapêutica uma avaliação emocional, relacionando a leitura com as necessidades do indivíduo.

No Brasil, realizam-se treinamentos para a atividade no curso de Biblioteconomia, seja mediante disciplina, curso de extensão ou de especialização. A disciplina “Biblioterapia”, ministrada na UFSC, é um exemplo de treinamento para o bibliotecário com intuito de aplicar a biblioterapia, pois ela tem como objetivo geral capacitar o acadêmico a utilizar a leitura como atividade biblioterapêutica, incluindo como avaliação o planejamento e a aplicação da atividade em instituições previamente selecionadas.

Nunes e Franco (2012) realizaram um estudo sobre disciplinas de 31 Institutos de Ensino Superior (IES) no Brasil que auxiliam o bibliotecário a se preparar para atuação em biblioterapia. Segundo as autoras, matérias sobre Psicologia, Sociologia, Filosofia, Literatura, leitura e biblioterapia são fundamentais para capacitar um futuro biblioterapeuta. Constataram, portanto, que a incidência destas disciplinas aparece em menos da metade dos currículos oferecidos pelas IES nos cursos de graduação em Biblioteconomia, sendo uma dificuldade para os bibliotecários brasileiros se prepararem para atuação biblioterapêutica.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória que tem como objetivo verificar as experiências teóricas e práticas dos bibliotecários que atuam em atividades biblioterapêuticas. Pretende-se, por meio da trajetória metodológica de levantamento das informações obtidas e dos relatos, descrever e identificar as formas de trabalho de mediação do bibliotecário e suas experiências em relação a sua preparação profissional e aplicação da biblioterapia.

Segundo Braga (2007, p. 25), “esse tipo de pesquisa não tem o objetivo de testar uma hipótese, mas de procurar padrões”, portanto não será uma pesquisa com resultados conclusivos, mas indicará pesquisas futuras.

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximado, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p. 27)

Os métodos da pesquisa exploratória, para Vieira (2002), são amplos e versáteis. Estes métodos buscam levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiência, estudos de casos selecionados e observação informal. Vieira (2002) pontua que entrevista com peritos, pesquisas-piloto, dados secundários, *focus-group* e pesquisa qualitativa são métodos utilizados para este tipo de pesquisa, tendo como sistema para análise dos dados a análise de conteúdo.

A presente pesquisa, por meio do levantamento de experiência, visa identificar a realização das atividades biblioterapêuticas por bibliotecários, sendo utilizado o método qualitativo e a análise de conteúdo. A entrevista realizada com professores⁵³ do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB), no segundo semestre de 2012, foi outra metodologia utilizada nesta pesquisa. Com as entrevistas tem-se uma fase exploratória em que se identifica a biblioterapia na área da Biblioteconomia. O critério para selecionar tais professores foi a orientação de monografias com o tema biblioterapia, defendidos na própria faculdade.

⁵³ Os professores deram autorização para divulgar seus nomes.

Os professores selecionados foram: Maria Alice Guinarães Borges e Sebastião de Souza. Outros dois professores da FCI orientaram sobre biblioterapia, uma é orientadora da presente dissertação e outra, já aposentada, não foi localizada. A realização de entrevista com professores da UnB e não com outras universidades se justifica pela limitação de tempo e pela localidade, além do fato de outras professoras, com esta característica, estarem na amostra utilizada para aplicação dos questionários.

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da revisão de literatura é possível identificar os fundamentos sobre o tema estudado, porém é necessário delimitar os conceitos considerados na pesquisa. O referencial teórico supre essa necessidade direcionando a base teórica considerada para nortear a pesquisa e, conseqüentemente, a análise dos dados.

O tema principal é a biblioterapia como campo de estudo da Ciência da Informação e como prática do bibliotecário, identificando as características de mediação da informação. Os conceitos principais são: a biblioterapia, a Ciência da Informação, a mediação da informação e o bibliotecário.

A conceituação da **biblioterapia** é aquela considerada por Hasse (2004), tendo em vista a atividade como uma prática de uso de leitura e interpretação para auxiliar pessoas com todo o tipo de problemas. Tal método permite o envolvimento do indivíduo com a informação trabalhada, tendo dessa forma, uma perspectiva de mudança em sua vida. O entendimento de que a prática biblioterapêutica pode trazer informações por meio da prática de leitura é respaldado por Fontenele et al. (1995). A utilização de atividades lúdicas como complemento da prática biblioterapêutica é comprovada por Rossi, Rossi e Souza (2007), considerando, portanto, a ludoterapia como ferramenta deste processo.

A **Ciência da Informação**, na visão de Le Coadic (2004), tem o estudo voltado para a informação, inclusive sua comunicação e uso, já a Biblioteconomia é a ação relacionada ao usuário e a informação e principalmente a ação do bibliotecário. A biblioterapia como prática de comunicação e mediação da informação é estudada segundo os fundamentos da Ciência da Informação, e tem sua aplicação no ponto de vista da Biblioteconomia, tendo o bibliotecário como um agente atuante. Nesta pesquisa, a biblioterapia é considerada nas duas áreas, uma pelas características intrínsecas dos seus objetivos e outra pela aplicação prática.

A característica de **comunicação e mediação da informação** é entendida no processo de transformação cognitiva, pois, segundo Barreto (1994), a transferência da informação tem como consequência a geração do conhecimento. Para Orsini (1982) a biblioterapia é uma forma de comunicação, podendo identificar a mediação da informação pelos fundamentos de Almeida Júnior (2008) que vê a mediação por

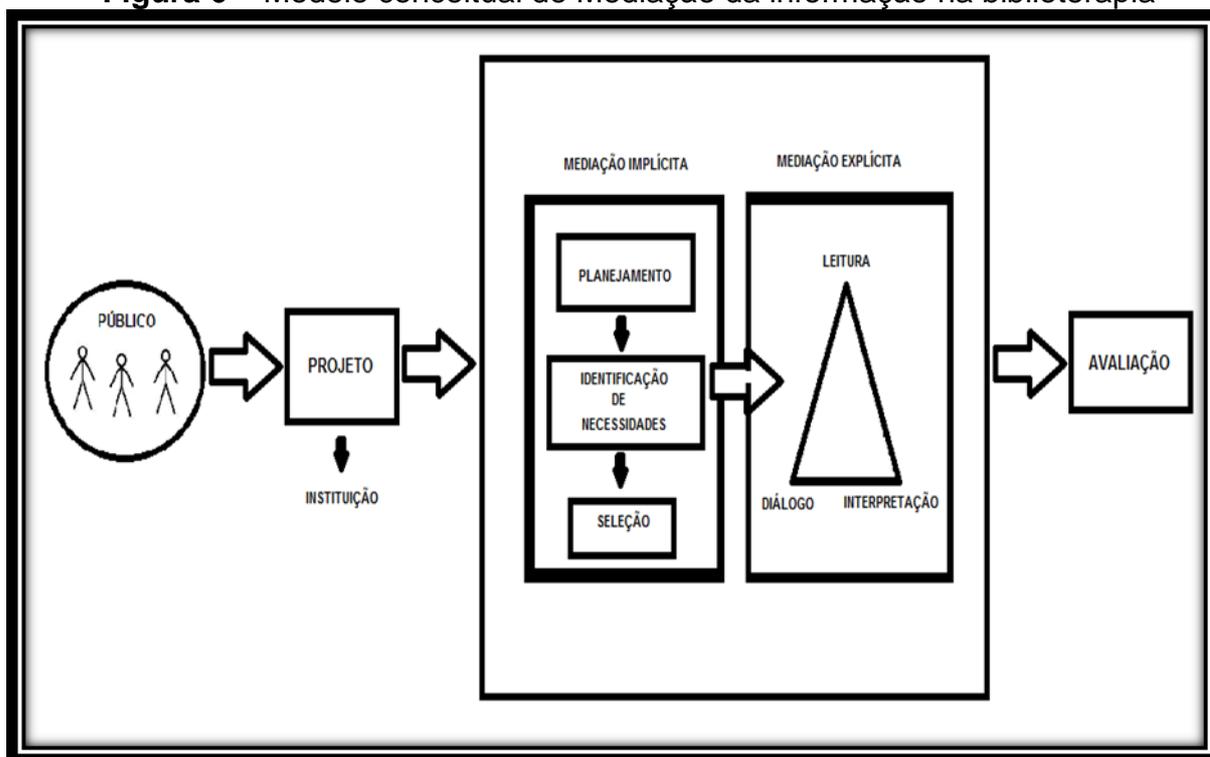
parte do bibliotecário como toda a ação de interferência que propicia a apropriação de informação, suprimindo uma necessidade informacional. Neste contexto, vê-se a biblioterapia na perspectiva de Ouaknin (1996) baseada na troca de informação pelo diálogo, tendo o biblioterapeuta um agente essencial para direcionar o processo, desde a identificação da necessidade do público até a avaliação dos resultados da atividade.

O **bibliotecário** é defendido nesse campo de atuação por Pereira (1996), Ratton (1975), Seitz (2006a), Caldin (2010) e Alves (1982) que indicam variadas ações do bibliotecário na atividade biblioterapêutica como, por exemplo, seleção de material, trabalho de leitura e avaliação da atividade.

3.1.1 MODELO CONCEITUAL

Com base no referencial teórico, elaborou-se um modelo conceitual da contextualização da pesquisa, identificando na atividade as ações de mediação implícita e explícita do bibliotecário. Almeida Júnior e Bortolin (2007) defendem que a mediação implícita é aquela que o bibliotecário atua perante o usuário, auxiliando na identificação da informação desejada, a mediação explícita, por outro lado, é todo o trabalho realizado com a informação, tornando possível sua recuperação e uso.

Figura 6 – Modelo conceitual de Mediação da informação na biblioterapia⁵⁴



Fonte: Da autora

A Figura 6 representa a base de aplicação da biblioterapia, no ponto de vista da ação, respeitando procedimentos necessários para sua execução eficaz. Inicialmente é realizada a identificação do público trabalhado bem como suas necessidades. Para aplicar a biblioterapia é necessário o consentimento da instituição, desta forma, é necessário elaborar um projeto para defender a atividade mostrando seus benefícios.

A partir da aceitação da atividade pela instituição, inicia-se o planejamento considerando o estudo do público e de suas necessidades. Mediante o estudo realizado é possível selecionar os materiais utilizados e as atividades realizadas para que as informações sejam aceitas e entendidas pelo público-alvo. Esta etapa tem a característica de uma mediação implícita, pois se refere a todo o serviço relacionado à informação.

Na segunda etapa da atividade é realizada a atividade de leitura, bem como de diálogo e interpretação. Nesta etapa, o bibliotecário tem o contato direto com os

⁵⁴ Modelo elaborado pela autora de acordo sobre mediação da informação, fundamentado por Almeida Júnior (2008) e adaptado de acordo com as respostas das entrevistas sobre experiências com biblioterapia.

indivíduos, trabalhando a informação selecionada mediante a socialização, como foco na resolução de problemas. Esta etapa caracteriza-se pela mediação explícita, em que há o contato direto entre o agente da atividade e o público, trabalhando a informação.

3.2 DESENHO DA PESQUISA

Esta pesquisa é qualitativa, pela “tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais”. (RICHARDSON, 2011, p. 90) Esta abordagem qualitativa tem como objetivo entender um fenômeno social, no caso, a atuação de bibliotecários em atividades biblioterapêuticas. A entrevista não-estruturada é o instrumento de coleta de dados recomendável para este tipo de pesquisa, porém pela dificuldade de localidade e de tempo compatível, o questionário estruturado com questões abertas, para a amostra de bibliotecárias, dando mais liberdade ao entrevistado de expor seus conhecimentos e experiências.

Para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa utilizou-se quatro ações: a pesquisa bibliográfica, aplicação de questionário, entrevistas e análise dos currículos. A pesquisa bibliográfica permitiu o cumprimento de quatro objetivos específicos, pois foi possível entender a biblioterapia, inclusive no âmbito da Ciência da Informação e como mediação da informação. Foi possível, também, identificar aplicação da biblioterapia no Brasil e sua evolução.

Os currículos foram acessados no sítio “Plataforma Lattes”⁵⁵, pesquisados em “Buscar Currículo Lattes”⁵⁶ pelos nomes das bibliotecárias. A atualização dos currículos é um fator considerável na análise. As Bibliotecárias A, B, C e F atualizaram no ano de 2012, a Bibliotecária D atualizou em 2005 e as Bibliotecárias E e G atualizaram em 2011. No caso de desatualização, foram consideradas, principalmente, as respostas sobre perfil no questionário.

As entrevistas permitiram situar a biblioterapia no campo da Biblioterconomia, e conseqüentemente, identificar a atividade como área de atuação do bibliotecário. Também foi possível entender como os professores entendem este tema.

Os métodos utilizados para obter o levantamento de experiência foram: aplicação de questionário com questões abertas e análise de conteúdo dos currículos disponíveis em página da web. Tais métodos permitiram o cumprimento de três objetivos. Tais informações estão explicitadas no Quadro 5.

⁵⁵ <http://lattes.cnpq.br/>

⁵⁶ <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>

Quadro 5 – Desenho da pesquisa

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO	FONTES DE COLETA DE DADOS
Analisar a biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação (CI) como forma de mediação da informação	Pesquisa bibliográfica	Bases de dados nacionais e estrangeiras, Internet, artigos científicos, teses, dissertações, trabalhos apresentados em conferências
Identificar, mediante pesquisa documental, os conceitos, objetivos e características das práticas biblioterapêuticas	Pesquisa bibliográfica	Bases de dados nacionais e estrangeiras, Internet, artigos científicos, teses, dissertações, trabalhos apresentados em conferências
Identificar a evolução da aplicação das atividades biblioterapêuticas pelos bibliotecários no Brasil	Pesquisa bibliográfica	Bases de dados nacionais e estrangeiras, Internet, artigos científicos, teses, dissertações, trabalhos apresentados em conferências
Identificar o perfil profissional e as características de formação dos bibliotecários atuantes em biblioterapia no Brasil	Questionário	Bibliotecários que atuam com biblioterapia
	Análise de Currículo	Currículo Lattes
Verificar a contribuição do bibliotecário em atividades biblioterapêuticas	Entrevista	Professores
	Questionário	Bibliotecários que atuam com biblioterapia
	Análise de Currículo	Currículo Lattes
Identificar os problemas que os bibliotecários enfrentam na prática biblioterapêutica	Entrevista	Professores
	Questionário	Bibliotecários que atuam com biblioterapia
Avaliar a atribuição do bibliotecário brasileiro que aplica a biblioterapia no âmbito de mediador da informação	Questionário	Bibliotecários que atuam com biblioterapia
	Análise de Currículo	Currículo Lattes
	Pesquisa bibliográfica	Bases de dados nacionais e estrangeiras, Internet, artigos científicos, teses, dissertações, trabalhos apresentados em conferências

Fonte: Da autora

A presente pesquisa foi estruturada por meio de reflexões e construções teóricas, obtidos por meio de uma investigação qualitativa baseada na análise bibliográfica somada à análise de conteúdo.

3.3 UNIVERSO E AMOSTRA

O universo da pesquisa contém bibliotecários que aplicaram biblioterapia, identificados na literatura, nos relatos de atividades e por meio da Plataforma Lattes. A amostra não-probabilística compõe-se de 7 (sete) bibliotecários selecionados, sendo uma amostra acidental, verificando um “subconjunto da população pelos elementos que se pôde obter, porém sem nenhuma segurança de que constituam uma amostra exaustiva de todos os possíveis subconjuntos do universo” (RICHARDSON, 2011, p. 160). Vieira (2002) afirma que, pela natureza da pesquisa exploratória, o número de amostra tende a ser pequeno.

A amostra de bibliotecários é na sua totalidade do sexo feminino, sendo dirigidas como Bibliotecárias A, B, C, D, E, F e G. As Bibliotecárias A, B e E residem em Santa Catarina, a Bibliotecária C em São Paulo, a Bibliotecária D e G residem na Paraíba e a Bibliotecária F reside no Ceará.

Pela dificuldade em se localizar bibliotecários atuando com atividades biblioterapêuticas, não se sabe da totalidade do universo ou de representações significativas deste, por isso, na análise, não houve possibilidade de generalizações. Dois professores foram selecionados para a realização de entrevistas: Maria Alice Guimarães Borges (orientadora de três monografias sobre biblioterapia) e Sebastião de Souza (orientador de quatro monografias sobre biblioterapia).

Borges é doutora e mestre em Ciência da Informação pela UnB e bacharel em Biblioteconomia pela mesma universidade. Dentre suas áreas de interesse estão: planejamento de sistemas de informação, gestão da informação e formação profissional do bibliotecário. Souza, no entanto, é mestre em Biblioteconomia pela UFPB, tem duas graduações: Letras Leolatinas, Filosofia e Pedagogia, e Biblioteconomia pela UnB. Dentre suas áreas de interesse estão: classificação, serviço de referência, ética e biblioteca universitária.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Elaborou-se um questionário⁵⁷ com 25 questões abertas, estruturado em duas partes: perfil e experiências. “Os questionários de perguntas abertas caracterizam-se por perguntas ou afirmações que levam o entrevistado a responder com frases ou orações” (RICHARDSON, 2011, p. 192).

A aplicação do questionário foi por correio eletrônico, havendo um contato inicial, indagando as bibliotecárias a disponibilidade em participar da pesquisa. Doze bibliotecárias foram pré-selecionadas, acreditando na participação de todas em atividade biblioterapêutica, porém 5 (cinco) responderam que não a tinham aplicado, restando 7 (sete) bibliotecárias.

Na primeira parte do questionário buscou-se identificar a formação acadêmica, a motivação em realizar atividades biblioterapêuticas, treinamentos feitos, a atuação profissional e voluntariado.

Na parte de experiência com biblioterapia, buscou-se identificar tempo de atuação, atuação com outros profissionais, tipos de serviços realizados (planejamento, seleção, estudo de usuários, leitura terapêutica e avaliação), funções do bibliotecário, públicos e instituições trabalhados, opinião, contribuição e problemas identificados.

A entrevista⁵⁸, por sua vez, teve as perguntas formuladas para obter opiniões dos professores orientadores de trabalhos sobre biblioterapia e objetivaram identificar: contato inicial e opinião sobre a biblioterapia, a biblioterapia na perspectiva da Biblioteconomia e uma previsão de futuro para a área.

3.4.1 PRÉ-TESTE

O pré-teste deve ser considerado “como um teste do processo de coleta e tratamento de dados” (RICHARDSON, 2011, p. 202) e também “serve para treinar e analisar os problemas apresentados pelos entrevistadores” (RICHARDSON, 2011, p. 203).

⁵⁷ Apêndice A

⁵⁸ Apêndice B

Para o pré-teste ser válido, de acordo com Richardson (2011) é preciso ser testado em sujeitos com mesmas características da população da pesquisa. Foi realizado, portanto o pré-teste com a Bibliotecária A, que dada a limitação do universo, foi adicionada a amostra utilizada.

A Bibliotecária A respondeu todas as questões tendo dificuldade de entendimento em duas: uma relacionada aos problemas com profissionais e outra relacionada aos locais de aplicação. As duas perguntas foram reformuladas. Pelas respostas obtidas viu-se a necessidade de acrescentar mais uma pergunta sobre a aplicação individual da biblioterapia.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi estruturada para responder as questões dos objetivos específicos. Inicialmente relatou-se uma fase exploratória, resultado das entrevistas realizadas, identificando a contextualização da biblioterapia por professores de Biblioteconomia. Em seguida, foi analisado o perfil profissional das bibliotecárias, tanto pela análise do currículo como pelas respostas dos questionários. A segunda questão analisada foi a contribuição identificada, principalmente, no registro do currículo.

A análise dos currículos das bibliotecárias, disponível no portal do CNPq, e dos questionários respondidos foi realizada num perfil de análise de conteúdo, verificando ideias apresentadas, seus significados e representações. O perfil da análise de conteúdo foi segundo Richardson (2011) com ideias homogêneas, exaustivas, excludentes e representativas.

As informações sobre os problemas que as bibliotecárias vivenciaram em suas experiências foram obtidas pelo questionário. Buscou-se, por fim, identificar a fundamentação da mediação da informação como ato válido em atividades biblioterapêuticas na ação do bibliotecário, justificada nas experiências relatadas pelas respondentes.

4.1 FASE EXPLORATÓRIA

As entrevistas com dois professores foram realizadas em caráter exploratório. Nestas entrevistas foram verificadas que a biblioterapia é um tema aceito na Biblioteconomia e como área de atuação do bibliotecário. Aponta-se a característica curativa das informações trabalhadas em atividades biblioterapêuticas e a importância desta para a sociedade.

A relevância da atividade biblioterapêutica é apontada pelos dois professores. Numa visão social, percebe-se que os indivíduos, muitas vezes, necessitam de informação para uma melhoria na qualidade de vida, não, necessariamente, para um desenvolvimento do conhecimento para estudos ou mercado de trabalho.

[...] A grande falta que tem a profissão é que temos toda a parte de atendimento ao usuário de uma maneira muito igual, como se os usuários só quisessem informações voltadas ao conhecimento para uma função produtiva. Atualmente, o bibliotecário tem que pensar que a informação pode também ter uma função preventiva ou curativa frente a determinados desajustes que existem na sociedade. (BORGES).

O bibliotecário deve estar atento à necessidade do usuário, e nem sempre esta relacionada ao desenvolvimento intelectual. Muitas vezes o indivíduo busca informações para suprir uma necessidade emocional. Ratton (1975), neste sentido, afirma que indivíduos podem buscar coisas distintas na leitura, por exemplo, uns consideram o livro de maneira intelectual e objetiva, porém outros deixam se envolver emocionalmente pela leitura. A autora enumera alguns benefícios que a leitura proporciona, além daquelas de caráter intelectual:

- 1) Possibilidade de se conhecer e sentir experiências, podendo ter um efeito compensatório e prevenir o indivíduo sobre as possíveis consequências de suas ações;
- 2) Compreensão dos problemas sociais de épocas diferentes, permitindo ao indivíduo de entendimento e conseqüentemente uma melhor adaptação;

- 3) Superação da uniformidade do ambiente ao qual pertence a pessoa, o que é importante para a diversificação de interesses, criando condições de liberdade de escolha, inclusive profissional;
- 4) Transposição sem mobilidade no espaço para ambientes diferentes – pelo acesso às informações sobre costumes de outras regiões, o que facilitaria a adaptação a adaptação no caso de serem necessárias mudanças reais;
- 5) Amplitude da visão, pelo conhecimento e comparação de pontos de vista alheios, com os do próprio indivíduo;
- 6) Aumento da autoestima e conseqüentemente a diminuição da timidez, pela superação dos sentimentos de culpa, de ser diferente e de inferioridade, desde que se possa constatar que os problemas humanos são universais;
- 7) Clareamento dos problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo, que os reconhece quando colocados por outros de maneira não agressiva e impessoal;
- 8) Desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores facilitados pela identificação com personagens de livros adequados;
- 9) Estímulo para a criatividade;
- 10) Ampliação da possibilidade de comunicação pelo enriquecimento do vocabulário, conhecimento de formas de expressão a aquisição de novas ideias;
- 11) Facilitação da participação na vida comunitária, sobretudo pela leitura de jornais e revistas da atualidade;
- 12) Satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e emocionais, fazendo diminuir a frustração e ansiedade;
- 13) Aquisição de conhecimentos necessários ao desempenho de funções tanto na vida diária como profissional;
- 14) Desenvolvimento da capacidade de crítica, pela obtenção de informações diversificadas e às vezes contraditórias.

Pereira (1996), com relação ao bibliotecário suprir necessidades do usuário, acrescenta:

O melhor serviço de referência encontra-se comumente no aconselhamento, mas sua principal preocupação é com a transmissão da informação e solução de problemas [...] O trabalho de aconselhamento dos leitores e da biblioterapia, com as atenções voltadas para as necessidades dos indivíduos, geralmente aproxima-se do aconselhamento psicológico. (PEREIRA, 1996, p.48).

Nesta perspectiva, inclui-se o princípio da biblioterapia, que busca e trabalha com informações para os indivíduos com necessidades específicas, muitas vezes buscando uma melhoria emocional. A biblioterapia, tanto para Borges como para Souza, é um instrumento utilizado para alcançar determinado objetivo. Muitas são as formas para lidar com o emocional humano, no caso, a psicoterapia pode ter vários tipos de atividades com o mesmo intuito, auxiliar pessoas com seus problemas e ansiedades.

A biblioterapia, ela é a junção de duas áreas muito importantes, duas áreas do conhecimento, que é a Biblioteconomia e a Psicologia. Especificamente a Biblioteconomia que tem mais relação com a leitura e com a Psicoterapia. Com relação à Psicoterapia, ela tem uma infinidade de áreas nas quais ela atua. Então a gente encontra experiências realizadas com equoterapia, especialmente com autistas que em duas vezes por semana, eles vão andar a cavalo e isso melhora demais a relação deles como o cavalo, primeiramente, e depois com as pessoas. Tem a aquaterapia que serve para uma infinidade de coisas, especialmente para pessoas que têm dificuldade de articulação, mas não pode fazer força nas pernas ou nos braços, tem a fitoterapia, tem sonoterapia e por aí vai, uma infinidade. E nesse contexto a gente encontra a biblioterapia que é a cura através da leitura. Através de livros que ajudem o paciente a sair do seu problema, a curar o seu problema. (SOUZA)

Lucas, Caldin e Silva (2006, p.399) defende que o bibliotecário necessita se engajar com equipes multidisciplinares “que tenham por objetivo comum a melhoria na qualidade de vida e o bem-estar sócio-cultural dos cidadãos”. As autoras afirmam que para a atuação social do bibliotecário, o profissional deve reconhecer a ampliação de seu campo de atuação.

A importância da biblioterapia, no entanto, é identificada em uma experiência pessoal de Souza, que já utilizou a leitura de livros para uma mudança de comportamento e alívio emocional.

A minha experiência em biblioterapia é interessante. [...] a minha primeira experiência com psicoterapia, ela foi extremamente prática, porque eu tinha acabado de me formar em Letras Leolatinas, Filosofia e Pedagogia e a gente era obrigado a fazer 3 anos de estágio de docência. Fui para um colégio onde fiquei interno junto com os alunos e no meio do ano bateu uma depressão. Eu que sempre fui alegre, bateu uma depressão tremenda, e eu estava a fim mesmo de liquidar com tudo, até com a própria vida. Mas aí um colega meu, que também tinha sido meu colega na faculdade que estava lá também junto comigo fazendo estágio de docência, disse: “Sebastião, você não é o mesmo que eu conheço. Você é sempre alegre, disposto, e agora você está aí, todo pra baixo. Eu não gosto de ver você assim, então eu vou te dar um livro pra você ler e eu garanto que ele vai te curar”. [...] o livro era “O valor divino do humano”. Um livro assim de autoajuda meio místico. [...] Fui pro meu quarto, sentei lá e comecei a ler. Me lembro, como se fosse hoje, as primeiras palavras do prefácio desse livro diziam assim: “Escrevo para vós, jovens, porque sois fortes! Escrevo para vós, jovens, porque sois corajosos e destemidos, e inconsequentes. Escrevo para vós, jovens, porque vocês é que são a salvação do mundo, porque vocês é que podem, num futuro próximo, salvar este mundo que nós temos.” Aí pronto. Você bem imagina, que eu continuei lendo, lendo, lendo, lendo, lendo e só larguei o livro quando eu acabei. [...] No dia seguinte de tardezinha pra de noite, eu peguei o livro de novo e li todo ele de novo. Acho que eram umas 150 páginas mais ou menos, li de novo. Deitei e fiquei remoendo todas aquelas ideias que dizia sobre o valor da vida, que a coisa mais preciosa que a gente tem é exatamente a vida. Que nós temos um pedacinho, uma fagulha divina dentro da gente e tudo mais. Pronto! Aí eu melhorei e o meu amigo chegou a me dizer: “É, agora sim. Você é aquele que eu conheci, e sei o que te curou, foi o livro que eu te dei”. E eu disse “Exatamente. Foi esse livro que você me deu.” Então, essa foi a minha primeira experiência prática com biblioterapia. (SOUZA)

Outra experiência de Souza se resulta no trabalho de fomento à leitura para crianças em hospitais, identificando a relevância de atividades de leitura com determinados públicos, principalmente com aqueles privados de informação e entretenimento. Seitz (2006a) afirma que a biblioterapia, em diversos países, é

considerada indispensável em hospitais, pois a leitura pode ser usada na profilaxia⁵⁹, reabilitação e a própria terapia.

Eu estava dando aula ainda neste estágio de docência, e nós estávamos em São Paulo, e um colega nosso disse: “Gente, vamos levar uns livrinhos infantis ou infanto-juvenis para crianças que estão internadas lá na Santa Casa de Misericórdia, numa ala chamada Fernandinho” [...] Esse Fernandinho, uma ala enorme [...] e só tinha crianças acho que de 4 a 13 anos e algumas delas já tinham feito 5, 10 operações ou por causa de paralisia infantil, ou por causa de problemas ortopédicos, ou seja, crianças que estavam vivendo praticamente no hospital, e eram muito bem cuidadas pelos profissionais da medicina naquele grande salão chamado Fernandinho. [...] Quando a gente chegava, as crianças nos recebiam com uma alegria tão grande, mas tão grande que a gente se emocionava ainda mais, sabendo que aquelas crianças, já tinham não sei quantas operações, e tinham mais outras programadas pra fazer. E as crianças que não sabiam ler pediam: Tio, lê pra mim essa historinha aqui.” A gente lia, ele dizia, “ah eu gostei, lê de novo?” E você sabe com é criança, você tem que ler mesmo, quantas vezes ela pedir. (SOUZA)

Pereira (1996) reconhece que a biblioterapia tem um papel significativo na sociedade, pois, segundo estudos realizados, a atividade ao longo da história, “vem ocupando uma parte da organização social que cresceu e se diversificou para atender às mudanças e necessidades psicossociais” (PEREIRA, 1996, p.52). As experiências relatadas confirmam a afirmação da autora.

A experiência dos dois professores na perspectiva da biblioterapia no meio acadêmico resultou no interesse de alunos em estudar o tema para o trabalho final do curso de Biblioteconomia da UnB. O mesmo empecilho aconteceu em duas orientações, no caso a resistência em permitir a aplicação da biblioterapia em determinadas instituições. A experiência desses alunos demonstra o receio de certas instituições quanto à prática biblioterapêutica, porém há outras que reconhecem sua função e o bem que pode fazer aos indivíduos.

O meu contato iniciou quando duas alunas me procuraram para fazer a monografia de encerramento do curso de Biblioteconomia [...] Elas

⁵⁹ Medicina preventiva.

queriam fazer esse trabalho junto a um grupo, inicialmente na área médica, que era um hospital para criança. Mas não conseguiram fazer lá, porque estava numa época inicial, estava em plena construção do hospital e foi se tornando difícil. Então, procurou-se outro grupo e [...] a monografia delas foi em uma instituição que recebia alunos vindos do juizado de menores. Eram crianças abandonadas pelos pais, e assim foi o meu primeiro contato. A partir daí, eu comecei então a ler e estudar um pouco, porque realmente era minha primeira experiência. (BORGES)

Para o Souza, as experiências de orientação foi variado, tendo dificuldades em alguns casos por falta de aceitação da instituição em que se quer aplicar a biblioterapia, como no relato abaixo.

Eu sempre gostei de ler sobre a biblioterapia, e aqui no departamento de biblioteconomia eu orientei três alunos. A primeira aluna queria fazer uma parte teórica que faz parte da monografia e fazer uma parte prática, exercício de leitura junto a deficientes mentais que tem no Instituto de Psiquiatria lá no Riacho Fundo [...] Ela fez toda a burocracia, o instituto já estava avisado pela Secretaria de Saúde do GDF, quando ela chegou lá, foi muito bem recebida. Quando ela foi à segunda vez, ela notou que o pessoal estava mais frio com ela e na terceira vez, ela nem pôde entrar. Eu acho que tinha alguma coisa lá que não queriam que ela soubesse. Ou maus tratos ou seja lá o que for. Então, a aluna veio e disse que conhecia um instituto de recuperação de dependentes químicos. Ela foi lá e o pastor responsável por aquele instituto aceitou fazer porém em conjunto com a aluna. Disse: “vamos fazer juntos mas não vai ser pra todo mundo, vai ser para um grupo. Eu vou escolher um grupo de uns 10 pessoas ou 15 dependentes químicos, tanto de álcool, quanto de cigarro, quanto de drogas e você faz sua experiência com esse pessoal e nós dois escolhemos os livros, que eu acho condizente ler”. Ela levantou uma bibliografia simples sobre autoajuda e os dois escolheram os livros e ela fez 10 sessões de leitura com esse grupo de dependentes químicos. E em cada dia, no final da manhã ou tarde - não sei que horas que ela fazia - ela pedia para o pessoal fazer um relatório do que eles sentiram, do que eles gostaram ou não gostaram. E ela colocou na monografia dela todos esses resultados, dia a dia, que ela teve, [...] eram duas vezes por semana ou três, não sei. [...] Olha, eu realmente me emocionei com esses resultados que ela apresentou porque o pessoal que nunca pensou em coisas de recuperação, eles dizem: “poxa vida, agora que eu estou sentindo que a vida tem um valor muito grande, que realmente viver envolto em drogas não vale a pena”. Ou seja, com 10 sessões ela fez um trabalho tremendo de psicoterapia, ou de biblioterapia, claro de biblioterapia, mas uma verdadeira psicoterapia com aquele grupo escolhido pelo diretor do instituto. (SOUZA)

Na segunda experiência de Souza, quanto à orientação, mostra um trabalho realizado com idosos, tendo como principal objeto de trabalho a leitura de livros de autoajuda. O que se destaca no relato é a relação de carinho do público com a aluna.

Na outra monografia, [...] (a aluna) disse que queria fazer este mesmo exercício de leitura também, leitura de autoajuda em uma casa de idosos, ali no caminho de Luziânia, não sei se é perto de Valparaíso, ou mais pra lá. E o interessante é que ela era muito comunicativa, e ela chegou lá e conquistou os idosos todos, de modo que foi uma ciúmeira [...] Então ela chegava e, nossa, era uma verdadeira festa para os idosos. Ela tinha que cumprimentar, atender, escutar. [...] Ela conseguiu obter bons resultados lá e no último dia que ela ficou lá, os idosos choraram porque ela ia embora. E é assim mesmo, quando você dá carinho e afeto para um grupo de pessoas carentes, eles ficam amarrados em você. (SOUZA)

No último relato, vê-se o trabalho de um aluno com leitura para crianças hospitalizadas, com destaque na importância do treinamento para os profissionais que irão conduzir tais atividades.

O outro foi um rapaz que descobriu aqui em Taguatinga (mas tem também em outras cidades, em outros hospitais de outras cidades do GDF) uma ONG que treina pessoas para contar historinhas para crianças nos hospitais. Esse treinamento é um dia inteirinho, sem ele você não pode contar histórias, e exatamente a primeira norma é que você tem ter a devida paciência de contar a mesma historinha quantas vezes a criança quiser. Se pedir 5,10 vezes, você tem que contar. [...] Então, essa é uma das primeiras normas, as outras, como são todos voluntários, tem dia fixo, não pode deixar de ir, porque as crianças esperam por essa hora. Então, ele fez uma monografia em cima dessa experiência, que também foi ótimo. Então na parte institucional, foram essas três experiências que eu tive. Eu acho que o bibliotecário tem um campo muito bom, nessa área da biblioterapia, e acho que ele deve realmente entrar em contato pra fazer um trabalho continuado em hospitais e em outros lugares que é possível fazer, com crianças, com adultos, com jovens, que todo mundo que precisa de ajuda. O mais importante na biblioterapia não é o que os profissionais fazem, é o resultado de tudo isso. Hoje em dia, existem muitos autores brasileiros e muitos americanos que escrevem e vivem de escrever livros de autoajuda. E ganham um bom dinheiro. Então eu acho que o bibliotecário tem um campo muito interessante se ele pudesse (atuar) especialmente nessas áreas mais carentes, como deficientes mentais, dependentes químicos, crianças e hospital. (SOUZA)

Com essas orientações, os professores conseguem visualizar tal atividade no contexto da Biblioteconomia, principalmente por ser a ciência que lida com a informação bem como com os livros. No entanto, a Biblioteconomia não é a única ciência a lidar com a biblioterapia, os dois professores deixam isso bem claro, segundo os relatos abaixo.

Bem, eu acho que a biblioterapia é uma atividade interdisciplinar, ela não sobrevive sozinha, ela precisa de profissionais de várias áreas. Ela precisa do médico quando o problema é clínico, é de saúde. Ela precisa do psicólogo em todos os casos. Ela vai precisar também de artes, eu acho que tem uma parte de artes [...] principalmente artes cênicas junto com a Biblioteconomia e outras. Mas a Biblioteconomia tem uma tarefa específica que é fazer com que essa informação, que existe dispersa pelo mundo e que muitas vezes é de difícil acesso, que ela seja não só coletada, reunida, mas que ela também possa ser selecionada para atender aquele determinado tipo de necessidade que existe naquele ambiente. Então, a biblioterapia é uma atividade também para o bibliotecário exercer. E fazendo parte, logicamente de uma equipe interdisciplinar, porque ele precisa de várias abordagens para fazer com que ela seja produtiva, que ela produza os resultados que se espera. Que ajude a resolver os conflitos sejam eles pessoais, sociais, individuais, comunitários e até os grandes problemas médicos. Na medicina em que se precisa de uma atuação mais profunda com relação as pessoas. (BORGES)

Alguns psicólogos já me disseram que a biblioterapia não é área nossa, é deles, porque o mais importante dentro da biblioterapia é exatamente a psicoterapia que é feita com os usuários. Eu disse: “a parte de vocês é a terapia, a nossa é a biblio (sic.)” Então, se os bibliotecários e os psicólogos se unirem, vai sair uma coisa muito melhor que do que só um ou só o outro. Quando eu contei a experiência da primeira orientação, eles acharam interessante e disseram que no fundo ela acabou fazendo uma verdadeira psicoterapia com aqueles dependentes químicos. (SOUZA)

Com relação ao trabalho com outros profissionais, Pinto (2005) defende que a biblioterapia é um campo de atuação do bibliotecário, porém é necessário que seja realizada com profissionais que tenham conhecimento sobre a área da psicoterapia.

Com relação ao questionamento do tipo de formação que o bibliotecário deveria ter para aplicar a biblioterapia, os professores pontuam o estudo da Psicologia para ter uma contextualização sobre a terapia em si. Inclusive, Borges aponta estudos, ainda na graduação, de disciplinas optativas da área da Medicina e

da Psicologia, unindo os conhecimentos sobre a mente humana e a questão social do indivíduo. Seitz (2006a), em sua pesquisa, aponta que uma das limitações em relação à prática biblioterapêutica é a falta de bibliotecários treinados e com habilidades para conduzir as atividades. Neste contexto, é essencial a formação do bibliotecário para a prática.

A formação do bibliotecário para essa área, ela é muito interessante porque tem que estudar também essa parte na própria Psicologia. Para eles poderem entender todos os aspectos, todas as linhas que se ligam uma área a outra. Eu acho uma área muito interessante, ela traz resultados que você vê. [...] em biblioterapia os resultados são imediatos, tanto assim que aquele pastor de onde X foi fazer a parte prática da monografia, perguntou se ela não queria continuar, mas aí ela já tava empregada e não pôde continuar. Mas um trabalho continuado, principalmente nessas entidades mais carentes de criança, de dependentes químicos e deficientes mentais, é um serviço social dos mais plausíveis, agora o problema é a remuneração. É mais voluntariado do que outra coisa. Então o bibliotecário vai ter que procurar um emprego e fazer esse trabalho, no sábado e nos dias que puder. (SOUZA)

O bibliotecário tem uma grande parte do que necessita na sua formação tradicional, que é saber fazer tanto a organização do material, das informações, construção de bases de dados, como também incluir esses materiais nessas bases de dados específicas e caso não haja essas bases de dados, ele também, está preparado para recuperar a informação, tanto em bases de dados como em redes que existem hoje. O bibliotecário já tem a formação do profissional que vai atuar nestas atividades, que são parte da biblioterapia. O que ele precisaria mais? Ele precisaria ser mais atuante nessas equipes interdisciplinares para que pudesse estabelecer, também, além da parte de coleta e de organização e seleção do material, que ele pudesse também atuar na parte de serviços e até ser capaz de elaborar produtos. Ele pode, por exemplo, de repente constituir uma base de dados a partir de estudos específicos que ele tenha. Ele pode trabalhar em biblioterapia especializada. Ele pode verificar os autores e fazer estudos bibliométricos com relação ao que está se produzindo no mundo sobre biblioterapia. São muitas as opções. (BORGES)

Uma questão apontada nos relatos acima é a educação continuada, bem como a elaboração de materiais sobre o tema para estudos de outros profissionais interessados, ou até mesmo elaboração de guias para auxiliar os biblioterapeutas na execução desta atividade. O bibliotecário sendo um profissional da informação é capaz de auxiliar, inclusive, na elaboração das atividades, no que se refere ao

estudo do tipo de material para o tipo de usuário. Souza, neste contexto, relata que, pelo seu interesse pela biblioterapia, elaborou um artigo sobre o uso de livros e músicas em ambientes hospitalares para relaxamento de pacientes.

[...] quando estava na UFPB requisitado como professor, eu escrevi um livrinho chamado musicobiblioterapia. Publiquei, saiu até no jornal da cidade. Dizia o seguinte: todos os hospitais deveriam ter no hall de entrada uma minibiblioteca e um som de músicas clássicas, porque isso ajuda o paciente que fica lá esperando fazer uma consulta ou fazer uma operação [...] você coloca uma música suave e põe uma estante de livros e revistas interessantes e aquilo ali ajuda a minimizar a expectativa do paciente enquanto ele espera pra ser atendido. (SOUZA)

Por fim, buscou-se a opinião dos professores quanto às previsões de futuro para a área biblioterapêutica. Borges afirma que a biblioterapia ainda necessita de mais pesquisas na área além de divulgação, segundo relato abaixo:

Eu considero a biblioterapia uma área muito nova. O futuro dela depende logicamente de um grupo consistente de pessoas que já existem. Nas revisões de literatura que eu acompanhei, inclusive nos estudos que eu orientei, percebe-se que já existe um grupo sério que trabalha com a biblioterapia a partir de seus fundamentos e dos seus princípios. Mas o que falta? Falta pegar este início que existe, fortalecer a pesquisa e a divulgação dos conhecimentos e da atuação deste profissional. Eu acho que basicamente o futuro depende da biblioterapia como um todo e da biblioterapia como uma área de atuação do bibliotecário, tanto de pesquisa como de divulgação. (BORGES)

Souza, por sua vez, aponta a possibilidade da biblioterapia ser uma área de atuação remunerada, uma possibilidade vista somente no exterior, segundo os estudos de Pereira (1996).

Eu acredito que a biblioterapia seja realmente uma ótima ideia pra ser desenvolvida no futuro, e vamos dizer assim, não apenas como voluntários, mas como profissional mesmo, como profissional ligado a essa área da biblioterapia e do hábito de leitura. (SOUZA)

A biblioterapia é reconhecida pelos professores como uma área da Biblioteconomia, inclusive é apontada como um importante ato de fomento à leitura e de auxílio a indivíduos diversos para superação de todo o tipo de problema. Souza afirma que práticas de bibliotecários podem fazer a diferença para os indivíduos, seja num serviço de referência, seja com atividades de leitura.

4.2 PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO QUE APLICA BIBLIOTERAPIA

Na análise sobre o perfil do bibliotecário considerou-se, segundo os objetivos específicos desta pesquisa, a formação, a atuação profissional, a motivação, o tipo de atividades biblioterapêuticas que as entrevistadas tiveram experiências (público e instituição) e os profissionais com que trabalharam nas atividades biblioterapêuticas.

A atuação profissional e a sua qualidade estão diretamente relacionadas ao processo de capacitação para essa atuação, o que é, mormente, denominado de formação. A formação profissional é o complexo processo pelo qual se mantém se renova e se transforma o campo de atuação profissional, com base nos conhecimentos produzidos e transformados pela área de conhecimento. (SILVA, 2005, p. 22)

4.2.1 FORMAÇÃO

Com relação à formação acadêmica, constatou-se que todas possuem uma graduação em Biblioteconomia e nenhuma tem uma segunda graduação. As Bibliotecárias A, B, D, E, F e G têm especialização e mestrado, as Bibliotecárias B e F possuem doutorado e as Bibliotecárias A e G estão com o doutorado em andamento. A bibliotecária F possui, também, Pós-Doutorado. Nota-se nos currículos que nem todas as respondentes tiveram a formação continuada para a atuação em biblioterapia. Nos quadros abaixo serão esquematizadas áreas da formação acadêmica das bibliotecárias, bem como as instituições, período e temas estudados.

Quadro 6 – Especializações

CURSO	INSTITUIÇÃO	ANO	BIBLIOTECÁRIA	TÍTULO DO TRABALHO
Organização e Administração de Arquivos	UFSC	1995-1996	A	Relatório de estágio
			B	-
Gestão de Pessoas nas Organizações	UFSC	2006	A	Atendimento humanizado aos cuidadores que adoecem
Gestão Hospitalar	UFSC	2006-2007	A	A prática biblioterapêutica, as atividades culturais e de entretenimento no processo de humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da universidade Federal de Santa Catarina
Gestão de Bibliotecas	UDESC	2004-2005	E	A leitura, a biblioteca e a brinquedoteca no ambiente escolar: uma combinação estimulante
Informação, Ciência e Tecnologia	UFSC	1985	F	A oferta de informação de patentes para o setor industrial têxtil do estado do Ceará
Sistemas de bibliotecas	UFPB	1977-1978	D	-
Sistemas automatizados de Informação C&T	UFC	1993	G	-
Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares	UFC	1988	G	-

Fonte: Da autora

Pelos dados do Quadro 6, percebe-se que somente uma especialização teve claramente como tema a biblioterapia, desenvolvida pela Bibliotecária A. Isso demonstra que a especialização teve relevância na atuação biblioterapêutica de somente uma bibliotecária. O dado sobre a especialização da Bibliotecária F não foi informado no questionário, sendo encontrado somente no currículo. As Bibliotecárias B, D e G não divulgaram no currículo o título das monografias de especialização.

No Quadro 7 vê-se a formação de Mestrado (M), Doutorado (D) e Pós-Doutorado (P) das bibliotecárias, com o objetivo de identificar relação com a biblioterapia.

Quadro 7 – Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado

CURSO	TITULAÇÃO	INSTITUIÇÃO	ANO	BIBLIOTECÁRIA	TÍTULO DO TRABALHO DE PESQUISA
Ciência da Informação	M	UFPB	1986-1989	D	A biblioterapia em instituições de deficientes visuais: um estudo de caso
			1999-2001	G	Entre o sonho e a realidade: leitura/informação como prática de atribuição de sentido no contexto do câncer infantil
Ciências da Informação	M	UFSC	2005-2007	E	Fontes de Informação utilizadas por professores do ensino fundamental
		UFMG	1987-1989	F	Informação para a indústria: a experiência do NRI-CE na prestação dos serviços de respostas técnicas
Literatura	M	UFSC	1998-2001	B	A poética da voz e da letra da literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças
Engenharia de Produção	M	UFSC	1999-2000	A	Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica
Ciência da Informação	D	UFMG	2008-	G	-
Engenharia de Produção e Sistemas	D	UFSC	2010-	A	Erro de medicação
Literatura	D	UFSC	2005-2009	B	Leitura e terapia
Sciences de l'Information et de la Communication	D	Université Stendhal-Grenoble-3-França	1995-1999	F	La représentation des connaissances dans le contexte de la documentation technique: proposition d'un modèle
Filosofia	P	Universite du Quebec a Montreal	2005-2006	F	Tratamento cognitivo da Informação

Fonte: Da autora

De acordo com o Quadro 7 verificou-se que a biblioterapia é tema das dissertações das Bibliotecárias A, B, D e G e de tese da Bibliotecária B. A leitura terapêutica foi tema da dissertação e da tese da Bibliotecária B, estudo realizado no curso de Literatura. As dissertações das Bibliotecárias A, D e G tiveram como tema a aplicação da biblioterapia com determinados públicos: pacientes, deficientes visuais e crianças com câncer, respectivamente.

Com relação à formação complementar das bibliotecárias, podem-se identificar cursos de curta duração de assuntos que tem relação direta e indireta no trabalho biblioterapêutico. A Bibliotecária A e D registraram cursos, porém nenhum relacionado à biblioterapia e as Bibliotecárias B e G não registraram cursos de formação complementar.

A Bibliotecária C registrou no currículo 31 cursos realizados. Destes destacam-se “Parapsicologia e formação humana”, “Inteligência emocional”, “Parapsicologia e religião” e “Contar & encantar com histórias de fazer sonhar” que podem ser associados à prática biblioterapêutica, aperfeiçoando o entendimento da natureza humana e das práticas de leituras.

A Bibliotecária E, por sua vez, registrou 26 cursos de formação complementar. Ela realizou uma extensão universitária em “Biblioterapia” com carga horária de 80 horas, pela UFSC, sendo o único relacionado ao tema. A Bibliotecária F registrou 22 cursos, podendo destacar “Assistência psicológica” e “Brinquedo como mediador do desenvolvimento” como cursos que podem ser associados à prática biblioterapêutica.

Para aplicar a biblioterapia é necessário compreender seus objetivos e princípios de atuação. Neste contexto, questionou-se às bibliotecárias sobre o treinamento ou curso realizado para a atuação na biblioterapia. De acordo com os relatos abaixo, vê-se que as bibliotecárias ressaltaram o papel da leitura e da pesquisa para entendimento da área.

Apenas leitura de artigos estrangeiros. (BIBLIOTECÁRIA A)

No mestrado, assisti atividades de contação de histórias em hospital de Joinville/SC, desenvolvidas por alunos do Curso de Letras e percebi que estavam fazendo biblioterapia sem sequer conhecer o

nome. Assim, realizei várias leituras a respeito do tema e analisei vários projetos de leitura em hospitais desenvolvidos em Joinville (SC) e Porto Alegre (RS), tendo como público-alvo as crianças internadas. Ao concluir o mestrado, elaborei um Curso de biblioterapia, para acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da UFSC (teoria e prática). A teoria foi ministrada em sala de aula e a prática deu-se na ala pediátrica do Hospital Universitário da UFSC. (BIBLIOTECÁRIA B)

Não realizei nenhum treinamento apenas pesquisei muito quando estava fazendo o Mestrado em Biblioteconomia, com especialidade ou área de concentração em Bibliotecas Públicas. (BIBLIOTECÁRIA D)

Algumas bibliotecárias, no entanto, aprenderam na prática, aperfeiçoando seus conhecimentos com cursos ou disciplinas sobre biblioterapia ou adjacentes ao tema, conforme depoimentos abaixo.

Participei (por pouco tempo) de um projeto que faz visitas em uma ala hospitalar, levando uma prancheta com uma folha para colorir o desenho e lápis de cor. Ao participar desse projeto e conhecer as regras, vi que eu poderia fazer um pouco mais: aplicar a biblioterapia! Também participei de cursos de oratória, curso de contação de história e um curso de aperfeiçoamento chamado “Brinca Aprende”. (BIBLIOTECÁRIA C)

Fiz vários cursos, tanto no contexto da Psicologia, como também das psicoterapias oferecidos pelos cursos de psicologia, mas também, de terapias oferecidas pela SOBRAL. (BIBLIOTECÁRIA F)

Participei de Cursos de curta duração em Congressos da área e cursos de treinamento realizado pelo curso de Biblioteconomia da UFC, para os participantes do projeto de extensão Biblioterapia com crianças portadoras de câncer do Albert Sabin – Fortaleza-Ce. (BIBLIOTECÁRIA G)

Uma disciplina opcional do curso de Biblioteconomia. (BIBLIOTECÁRIA E)

Leite (2009) pontua que para o bibliotecário atuar com a biblioterapia, ele deve estar ciente de trabalhos realizados, bem como, pesquisar sobre o tema. Por mais que estas bibliotecárias tenham tido esta experiência de buscar o conhecimento com leitura e estudos individuais, essa tendência parece estar mudando, pois tais profissionais buscam passar seus conhecimentos com cursos e

ministrando disciplinas para disseminar tal atividade e preparar outros profissionais ou até alunos de graduação para todo o tipo de atuação biblioterapêutica.

No questionamento relacionado ao voluntariado da atividade biblioterapêutica, as bibliotecárias foram quase unânimes ao afirmar que são voluntárias, porém é importante ressaltar que apesar disso, algumas aplicações são relacionadas à ocupação profissional delas, conforme os depoimentos vistos abaixo.

Iniciou de forma voluntária na própria instituição e, posteriormente, me foi permitido à criação de uma sala de leitura para pacientes e acompanhantes. (BIBLIOTECÁRIA A)

Realizo as atividades de biblioterapia com os alunos matriculados na disciplina Biblioterapia, optativa da grade curricular, ofertada na 6ª fase do curso. Como optativa, recebe alunos de outros cursos da UFSC, que interagem com nossos alunos de maneira notável. As atividades não recebem remuneração e todo o material utilizado é comprado por mim ou pelos alunos participantes. (BIBLIOTECÁRIA B)

A minha participação é voluntária. (BIBLIOTECÁRIA C)

Tem relação com o emprego, bem como algumas vezes exerço voluntariamente. (BIBLIOTECÁRIA D)

A minha participação nesta atividade sempre foi voluntária. (BIBLIOTECÁRIA E)

Tem relação direta com meu trabalho, ainda que seja voluntária. (BIBLIOTECÁRIA F)

Voluntária, apesar de direcionar minhas atividades acadêmicas de orientação e extensão nesse sentido. Coordenei projetos de extensão da Univ. Fed. da Paraíba durante 05 anos, com crianças portadoras de câncer e com idosos na comunidade de Santa Clara em João Pessoa-PB. Ministrei ainda, uma disciplina chamada Biblioterapia: Teoria e prática no Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFPB. (BIBLIOTECÁRIA G)

Pereira (1996) relata casos nos Estados Unidos de profissionais contratados para a atuação biblioterapêutica, sendo exigida determinadas especializações. Pela experiência das bibliotecárias entrevistadas, percebe-se que essa não é a realidade brasileira, pois os profissionais são treinados por leituras e cursos diversos ou pela própria experiência, com o detalhe de quase todas participarem de forma voluntária,

não tendo o voluntariado quando adicionam atividades de biblioterapia dentre suas funções profissionais.

4.2.2 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

As informações relacionadas à atuação profissional foram obtidas no questionário e no currículo. Na análise do questionário verificou-se que as respostas coincidiram com os dados dos currículos analisados. Questionou-se quanto à função e instituição em que as bibliotecárias trabalham. As informações obtidas nos currículos das Bibliotecárias A, B, D, F e G condizem com suas respostas. Já as respostas das duas Bibliotecárias C e E não são compatíveis com o currículo, talvez pelo fato de estar desatualizado.

A Bibliotecária A é Técnica de Enfermagem no Hospital Universitário da UFSC desde 1980. Dentre suas atribuições está à coordenação da Sala de Leitura, um ambiente de promoção de acesso à leitura para pacientes e funcionários. Ministrou três cursos sobre Biblioterapia Hospitalar em 2009

A Bibliotecária B é Professora da UFSC desde 1995. Biblioterapia é uma das disciplinas que ministra. É integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Biblioterapia, Bibliotecas Escolares e Leitura, e com isso participou de vários projetos biblioterapêuticos, inclusive orientando alunos em atividades biblioterapêuticas. Orientou 14 monografias, sendo cinco relacionadas à biblioterapia. Orientou 2 (duas) dissertações e está, atualmente, orientando uma dissertação sobre biblioterapia. Ministrou os cursos Palavras que curam e Biblioterapia em 2001.

A Bibliotecária C é Bibliotecária da Faculdade de Tecnologia de Rio Claro – FATEP desde 2008. Nas respostas do questionário, ela afirma ser aposentada pela UNESP e atua como palestrante motivacional.

A Bibliotecária D é Bibliotecária-Documentalista da UFPB desde 1972. Ministrou cursos sobre biblioterapia, denominadas “Aplicabilidade de biblioterapia em três dimensões: Institucional, Clínica e Desenvolvimental” e “Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas” em 1997 e 2002, respectivamente.

A Bibliotecária E está sem registro de atuação profissional atual, último registro foi como Bibliotecária do SENAI até 2011. Na resposta do questionário a Bibliotecária E informou que é Instrutora (professora) do SENAI.

A Bibliotecária F é Professora da UFC desde 1992. Ministrou oficina de Biblioterapia em 2002. Ministrou o curso “Biblioterapia” em 2003 e 2006. Ministrou também o curso “Práticas leitoras da Biblioterapia” em 2002 e ministrou o curso “Biblioterapia para filhos de servidores da UFC” em 2000. Das 12 orientações em monografia, orientou uma sobre biblioterapia.

A Bibliotecária G é Professora da UFPB desde 2001. Ela também ministrou a disciplina “Biblioterapia: teoria e prática”, na UFPB. De quatro orientações de monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização, uma foi sobre biblioterapia. Em orientação de monografia de graduação, de 11, 4 foram sobre biblioterapia.

Todas as bibliotecárias trabalham em instituições de ensino, como se vê no Quadro 8. Pode-se ver, também, que a maioria não atua na função de bibliotecário.

Quadro 8 – Atuação Profissional

Bibliotecária	Cargo	Instituição	Cursos ministrados sobre biblioterapia
A	Técnica em enfermagem	HU/UFSC	1
B	Professora	UFSC	3
C	Bibliotecária	FATEP	2 ⁶⁰
D	Bibliotecária	UFPB	2
E	Professora ⁶¹	SENAI	-
F	Professora	UFC	4
G	Professora	UFPB	1

Fonte: Da autora

⁶⁰ Informação adquirida em sua página profissional da web.

⁶¹ Informação adquirida no questionário

4.2.3 MOTIVAÇÃO

A motivação é um aspecto fundamental para atuação dos profissionais, tendo isso em vista, questionou-se sobre a motivação das bibliotecárias participarem em atividades biblioterapêuticas. Duas responderam que a motivação veio como campo de estudo no mestrado, como se vê nos relatos abaixo.

O conhecimento da biblioterapia, ainda, na graduação no início da década de 90, me encantou e quando ingressei no mestrado apresentei e desenvolvi este tema. Na época, inexistiam trabalhos sobre a prática biblioterapêutica com pacientes hospitalizados. (BIBLIOTECÁRIA A)

Durante minha entrevista para o Mestrado em Biblioteconomia informei a banca examinadora que tinha interesse em realizar um programa de leitura com as crianças do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, visto trabalhar voluntariamente naquele Instituto. Não tinha certeza de como seria daí tentar fazer o mestrado para me enriquecer e surgir à proposta. Fui aprovada em primeiro lugar e quando já cursava o Mestrado e estava estudando na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba com duas amigas, Ana Maria Pereira e Maria Socorro Vásquez, encontrei uma bibliotecária Maria Isabel Lemos Duarte, responsável pela Seção de Processos Técnicos dessa Instituição, que estava com uma publicação do acervo da Biblioteca Central e que seria descartada intitulada "Using Bibliotherapy: a guide to theory and practice," do autor Rhea Joyce Rubin. Esse foi o nosso primeiro contato. Levamos ao conhecimento dos nossos orientadores onde me apaixonei e fiquei muito entusiasmada com algumas leituras referentes à biblioterapia, escolhendo assim fazer minha dissertação intitulada "A Biblioterapia em Instituições de Deficientes Visuais: um estudo de caso". (BIBLIOTECÁRIA D)

Três bibliotecárias, no entanto, identificaram tal atividade como campo de atuação do bibliotecário, principalmente pelo caráter social da profissão, sendo que a primeira teve contato numa disciplina de graduação.

A oferta da disciplina opcional no curso de Biblioteconomia despertou o interesse pela atividade principalmente a nova possibilidade de atuação do bibliotecário. (BIBLIOTECÁRIA E)

O interesse em resgatar o caráter humano da profissão de bibliotecário. (BIBLIOTECÁRIA B)

Sem dúvida, o marco inicial da minha trajetória na biblioterapia, aconteceu quando ingressei no Curso de Biblioteconomia em 1975. Naquele momento, tudo era novo para mim. Todavia, no decorrer do tempo fui me familiarizando e conhecendo processos, mecanismos e técnicas importantes na Biblioteconomia, que poderiam não somente organizar, processar e disseminar informação, a fim de facilitar o acesso para aqueles que dela necessitar, mas também, ajudar a promoção humana, no sentido de fortalecer o lado social do profissional bibliotecário. Assim sendo, descobri ao longo dos anos que essa promoção pode ser articulada através do livro, haja vista o seu valor terapêutico. Interessada nesse assunto, comecei a pesquisar sobre tal. Um dia, meados de 1978, me deparei com um artigo interessante que versava sobre uma conferência do Professor Viktor Emil Frankl, realizada na Feira do Livro da Áustria. Nessa conferência o professor destacou o valor do livro como recurso terapêutico, defendendo a possibilidade de cura através da leitura. Na oportunidade enfatizou situações em que um livro salvou uma vida, fazendo o leitor desistir da ideia de suicídio, e outras em que pessoas doentes, no seu leito, se viram reconfortadas pela leitura. Comentou igualmente o caso do presidiário de San Quentin, em San Francisco, chamado Mitchell, sentenciado à pena de morte na câmara de gás, que por intermédio da leitura de um livro e de conversas com o prof. Frankl, conseguiu descobrir o sentido da sua vida, mesmo estando em vésperas da morte. Este fato impulsionou, ainda mais, a interessar-me pela biblioterapia. Assim sendo, iniciei minhas atividades biblioterapêuticas com idosos, na Casa de mendicidade de Fortaleza, juntamente, com um grupo de alunos da disciplina serviços de informação, ministrada por mim, no curso de biblioteconomia da UFC. Posteriormente, desenvolvi durante 05 anos um projeto de extensão no Hospital Albert Sabin, unidade de referencia no tratamento de crianças com câncer e nefrologia crônica. (BIBLIOTECÁRIA G)

O caráter social da profissão é defendido por Valentim (2002), Smit e Barreto (2002) e Walter e Batista (2008), já abordados na revisão bibliográfica, em que se reconhece a atuação do profissional segundo as necessidades da sociedade. No caso, a história da biblioterapia demonstra que sua idealização e evolução se justificam na identificação de indivíduos que precisam de melhoria na qualidade de vida e profissionais que reconhecem a leitura como uma forma de resposta a tal problemática. Duas bibliotecárias, inclusive, apontam serem motivadas pela atividade proporcionar melhoria na qualidade de vida das pessoas. A Bibliotecária F ainda pontua que para a aplicação ser realizada com eficácia, é necessário aplicar corretamente.

Pelo desejo de proporcionar ao meu semelhante, um pouco de paz interior através de leituras que possam tirá-lo de algumas situações como: medo, solidão, angústia, tristeza, etc. (BIBLIOTECÁRIA C)

O motivo que me levou a implementar as sessões de biblioterapia foi devido perceber que muitas pessoas enfrentam conflitos, de toda natureza e perceber que podemos contribuir para a melhora desses conflitos, desde que tenhamos competência para tal. Então busquei parcerias com psicólogos e terapeutas para poder realizar essas sessões. (BIBLIOTECÁRIA F)

4.2.4 TIPO DE APLICAÇÃO

O tempo de atuação em atividades biblioterapêuticas mostra o amadurecimento do profissional em relação ao tema, por isso foi um questionamento feito às bibliotecárias. A Bibliotecária E afirma que só atuou por um ano, enquanto que a Bibliotecária D afirma que sua atuação é de 22 anos, sendo atuante até hoje. As Bibliotecárias A e B têm a duração de 10 e 12 anos respectivamente. A Bibliotecária G afirma que sua atuação faz mais de 15 anos. As bibliotecárias C e F não foram claras quanto ao tempo de atuação, mas pontuam o interesse pela área mesmo não atuando.

Desde 2000 quando apresentei minha dissertação (BIBLIOTECÁRIA A)

Desde agosto de 2001. (BIBLIOTECÁRIA B)

Tenho grande interesse pela área e pelo tema há 10 anos, mas trabalhei bem pouco. (BIBLIOTECÁRIA C)

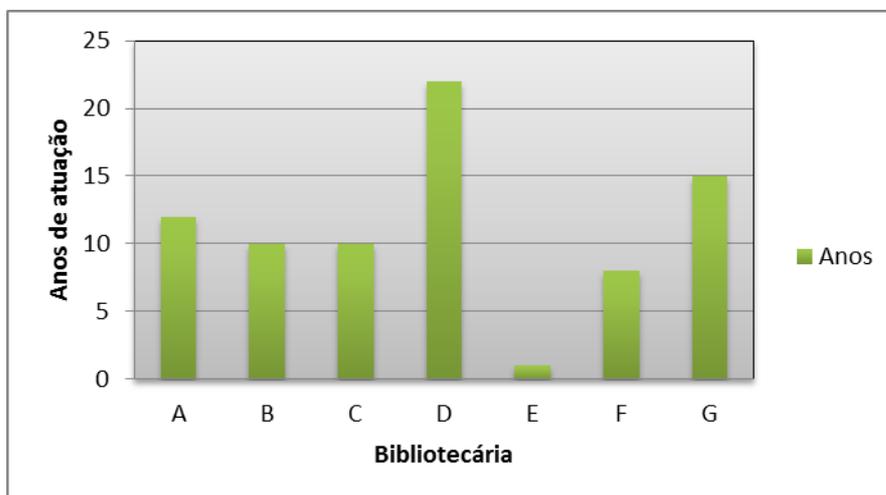
Desde quando defendi minha dissertação em 1990 até a época atual. (BIBLIOTECÁRIA D)

Atualmente não atuo diretamente, minha atuação direta durou cerca de 1 ano. (BIBLIOTECÁRIA E)

Desde 1993, porém, atualmente, estou sem atuar nessa atividade. (BIBLIOTECÁRIA F)

Há mais de 15 anos. (BIBLIOTECÁRIA G)

Gráfico 1 – Dados aproximados dos anos de atuação das bibliotecárias



Fonte: Da autora

Com dados aproximados percebe-se que a média de tempo de atuação está entre 10 a 15 anos. Tal dado não pode ser entendido estaticamente, e sim, como um modelo ilustrativo para análise comparativa da experiência das bibliotecárias.

Várias questões influenciam na prática biblioterapêutica, como o público e a instituição de aplicação. A prática biblioterapêutica, segundo Leite (2009), demonstra que o seu público-alvo pode apresentar mudanças benéficas, mas para isso é necessário para o profissional “considerar as particularidades de cada público para o planejamento das atividades de acordo com os hábitos de leitura, tempo disponível e condições físicas e psicológicas das pessoas envolvidas”. (LEITE, 2009, p. 35)

Quando se questionou sobre quais públicos foram trabalhados, segundo os relatos abaixo, notou-se que o público mais frequente são crianças.

*Apenas com pacientes de hospital geral e acompanhantes.
(BIBLIOTECÁRIA A)*

Todos. (BIBLIOTECÁRIA B)

Crianças e mães. (BIBLIOTECÁRIA C)

Trabalhei, inicialmente, com pessoas em prisões, aidéticos, idosos, em grupo com adultos de pessoas que ficaram cegas, depois com crianças e adolescentes que ficaram cegos. (BIBLIOTECÁRIA D)

Crianças. (BIBLIOTECÁRIA E)

Crianças, idosos, adolescentes e adultos. (BIBLIOTECÁRIA F)

Idosos e crianças com câncer e nefrologia crônica. (BIBLIOTECÁRIA G)

Quadro 9 – Público atendido

Bibliotecárias /Público	Enfermo	Criança	Preso	Idoso	Deficiente	Adulto	Adolescente	Mãe
A	x	x		X		x	x	
B	x	x	x	X	x	x	x	x
C		x						x
D	x	x	x	X	x	x	x	
E		x						
F		x		X		x	x	
G	x	x		X				

Fonte: Da autora

No Quadro 8 estão estruturadas as informações sobre o público atendido pelas bibliotecárias. Algumas apontam a idade (criança, adolescente, adulto e idoso), outras apontam condição (enfermo, preso e deficiente).

A biblioterapia pode ser aplicada em qualquer grupo de pessoas, sem restrições de cor, raça e idade. Seus resultados podem ser observados através dos depoimentos do público alvo, dos funcionários das instituições, dos familiares e, inclusive, pelos próprios biblioterapeutas após contato relativamente longo a fim de conhecer a individualidade de cada sujeito. (ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007, p.330).

Outra questão que aponta o tipo de aplicação da biblioterapia é o tipo de instituição, para Silva (2005, p. 19) “é o local físico onde o profissional atua que define quem é o profissional a empregar biblioterapia ou ainda que tipo de biblioterapia ele emprega.”

Pela pesquisa, nota-se que o hospital foi o local em que mais foi realizado a biblioterapia, segundo os relatos. As Bibliotecárias A, C e E tiveram experiência somente em Hospital.

Hospital Universitário da UFSC (BIBLIOTECÁRIA A)

Hospital, crianças com câncer e grupos da 3ª idade (este apenas com palestras interativas). (BIBLIOTECÁRIA C)

Hospital (Ala Pediátrica do Hospital Universitário – Florianópolis –SC) (BIBLIOTECÁRIA E)

A Bibliotecária G afirma que trabalhou em asilo e Hospital. Já a Bibliotecária B afirma que aplicou em todos os tipos de instituições, enquanto que Bibliotecária F também teve oportunidade de aplicar em diversas instituições.

Hospital infantil, abrigos de idosos, abrigos de crianças e adolescentes, na universidade com estudantes e a comunidade. (BIBLIOTECÁRIA F)

A Bibliotecária D teve atuação em prisão, instituição para deficientes visuais e atuação individual.

Inicialmente aplicamos em prisão numa disciplina de Mestrado, depois na SOCEP – Sociedade dos Cegos da Paraíba, com a minha dissertação. E várias vezes na Instituição de Cegos da Paraíba “Adalgisa Cunha”, com crianças e adolescentes. Também com familiares que me procuram. A aplicação é sempre orientada com ajuda do Psicólogo e Médico. (BIBLIOTECÁRIA D)

Pode-se identificar a partir das respostas apresentadas pelas entrevistadas, pela análise curricular e no levantamento histórico da aplicação da biblioterapia que o hospital foi o local mais aplicado. Tal fato pode ser justificado por alguns argumentos: ser o local pioneiro de atuação (PEREIRA, 1996; ALVES, 1982), ser

estudo para primeiras publicações relacionadas à biblioterapia sobre aplicações com diversos tipos de pacientes (BEATTY, 1962), além de ser o local em que a prática biblioterapêutica foi desenvolvida por anos antes de ser adaptada a outros tipos de instituições (BEATTY, 1962).

Em hospitais [...] o bibliotecário pode auxiliar no processo de reabilitação da saúde em pacientes internados, tanto na apresentação da leitura como forma de amenizar a dor e o sofrimento, como na detecção de alguns problemas dos enfermos de ordem física ou psicológica e repassá-los aos médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas, assistentes sociais ou demais profissionais da equipe médica. Algumas qualificações necessárias ao bibliotecário biblioterapeuta envolvem o entendimento profundo do problema pelo qual o paciente está passando, a compreensão do conteúdo abordado na leitura e sua relação com esse problema, e a habilidade em formular hipótese acerca dessa situação. (LEITE, 2009, p. 34).

4.2.5 ATUAÇÃO COM OUTROS PROFISSIONAIS

Uma questão relevante quanto à experiência com a biblioterapia é o fato do trabalho interdisciplinar. As bibliotecárias foram questionadas sobre os profissionais que atuaram com elas, porém duas bibliotecárias afirmaram que não tiveram a oportunidade de trabalhar com nenhum outro profissional.

Infelizmente nenhum – porém, existe a perspectivas de revitalizar o processo e formar uma equipe multidisciplinar. (BIBLIOTECÁRIA A)

Ninguém, (médicos, psicólogos e assistentes sociais) demonstram interesse pelo projeto, mas acabaram não atuando. (BIBLIOTECÁRIA C)

Silva (2005) e Hasse (2004) são autores que questionam a participação do bibliotecário na atividade, na questão da preparação para atuar em todo o processo. O fato de não haver a participação de outros profissionais permite o bibliotecário se preparar para a participação em todo o processo. A Bibliotecária A conseguiu com a preparação na área de enfermagem entender a condição de saúde dos indivíduos e trabalhar a partir dessa análise. Kinney (1962) afirma que o biblioterapeuta deve entender sua responsabilidade e, a partir disso, se preparar para a atuação.

As outras cinco bibliotecárias relataram a participação de outros profissionais, como psicólogos, médicos, assistentes sociais, pedagogos, entre outros.

No Hospital Universitário da UFSC houve a participação da psicóloga da ala infantil; em escola da rede pública de ensino (na qual executei um projeto de biblioterapia durante 10 meses), da orientadora educacional; em algumas escolas, da bibliotecária e professoras das turmas contempladas com as atividades de biblioterapia. (BIBLIOTECÁRIA B)

Para realizar a biblioterapia de uma forma correta foi necessário contar com uma equipe interdisciplinar. Professores com formação em Psicologia, Biblioteconomia, Leitura, Literatura, Médicos, Serviço Social, pessoas que tinham habilidade de dinâmica de grupo, de linguagem. Necessário enfatizar que nessa equipe foi imprescindível o profissional de Psicologia, pois sem a sua ajuda não teríamos realizado o programa de leitura a contento. (BIBLIOTECÁRIA D)

Alunos e colegas do curso de Biblioteconomia e estagiárias do curso de psicologia. (BIBLIOTECÁRIA E)

Psicologia, letras, Terapia ocupacional, terapia, pedagogia e história. (BIBLIOTECÁRIA F)

Psicólogos, educadores e animadores culturais. (BIBLIOTECÁRIA G)

A participação de uma equipe interdisciplinar é defendida por Pereira (1996), bem como Almeida (2011), Pinto (2005) entre outros. Segundo Pereira (1996), no entanto, o bibliotecário tem como responsabilidade a seleção, aquisição, manutenção e distribuição, além de avaliação da atividade. Pelos relatos das bibliotecárias percebe-se que apesar do trabalho em equipe, as bibliotecárias têm uma participação ativa.

Além da compreensão do papel do bibliotecário numa equipe interdisciplinar, foi questionada às bibliotecárias sobre o papel de outros bibliotecários que aplicaram com elas. As Bibliotecárias E e F responderam que foram as mesmas funções. Duas bibliotecárias responderam que não aplicaram com outros bibliotecários e, apesar disso, a Bibliotecária A sugere funções para os profissionais, defendendo caráter interdisciplinar da atividade.

Bem como não trabalho em grupo não posso relatar baseada em vivências, mas, os bibliotecários podem selecionar e/ou “buscar” os materiais de acordo com a necessidade física, emocional e espiritual do paciente, envolver-se com os lançamentos literários, dentre outras. Importante destacar que a prática biblioterapêutica (hospitalar) não visa o trabalho em grupo de bibliotecários e, sim, de diversos profissionais de diversas áreas (médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas...) (BIBLIOTECÁRIA A)

Não foram bibliotecários, mas alunos de Biblioteconomia, Comunicação em estágio de extensão, servindo como instrutor na aplicação da biblioterapia. (BIBLIOTECÁRIA D)

A atividade biblioterapêutica A Bibliotecária B destacou a receptividade de bibliotecários, ao atuar em seus locais de trabalho.

Os bibliotecários têm sido muito gentis em nos receber, prestando ajuda valiosa antes da atividade (divulgando-a) e durante as sessões de biblioterapia (oferecendo ambiente adequado). (BIBLIOTECÁRIA B)

A Bibliotecária C relata um caso em que a bibliotecária não atua com a biblioterapia, mas ajuda entretendo crianças, para realizar a atividade biblioterapêutica com as mães.

Fiz um trabalho no Grupo de Apoio a Criança com câncer. Enquanto eu permanecia com as mães, uma amiga ensinava origamis para as crianças. No encontro com as mães eu resgatava as cantigas de rodas e sugeria a elas que assim que se encontrasse com os filhos após o nosso encontro, que demonstrassem interesse pelo trabalho que as crianças haviam feito e compartilhassem com eles as músicas que recordaram do tempo de infância. (BIBLIOTECÁRIA C)

Nos dois últimos casos, verificou-se que mesmo o bibliotecário não tendo atuação direta com a atividade, ele pode auxiliar para que ela seja realizada, sendo “Colaborador”, resposta dada pela Bibliotecária G.

De acordo com as respostas, tanto sobre profissionais de outras áreas como os bibliotecários, percebeu-se que a atuação é bem variada e não há função definida para cada profissional. Silva (2005), no entanto, defende que a participação variada de profissionais nas práticas biblioterapêuticas é um fator que afirma a sua relevância para a sociedade.

4.3 CONTRIBUIÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS À PRÁTICA BIBLIOTERAPÊUTICA

A contribuição das bibliotecárias está relacionada a projetos e atividades biblioterapêuticas da qual elas tiveram participação e relação da produção científica realizada por elas. Toda a experiência resulta destes trabalhos, além de considerar que os resultados de seus estudos aprimoraram suas habilidades sobre a biblioterapia, além de acrescentar bibliografia sobre o tema.

4.3.1 PROJETOS E ATIVIDADES REALIZADOS

Com relação a projetos realizados, destacaram-se aqueles que são práticas biblioterapêuticas. A Bibliotecária A participa do projeto “Sala de Leitura Salim Miguel” que visa incentivar o hábito de leitura, contribuir com o processo de hospitalização e humanização dos pacientes internados, acompanhantes e servidores. Tem cinco alunos de graduação envolvidos neste projeto de pesquisa.

A Bibliotecária B registrou muitas atividades de extensão que são relacionados ao Grupo de Pesquisa da qual participa. Em 2004, a bibliotecária registrou 8 (oito), que foram realizados nas seguintes instituições:

- Colégio Barddal;
- Colégio Lavoisier;
- Centro Municipal de Educação Infantil São Tomé;
- Cidade da Criança;
- Projeto Florir Floripa;
- Fazenda da esperança;
- Atividade Centro de Convivência e;
- Asilo Osvaldo Alípio da Silva.

Em 2009, a bibliotecária registrou 5 (cinco), realizados nas seguintes instituições:

- Creche Nossa Senhora da Boa Viagem;
- Asilo Irmão Joaquim;
- Centro de Educação Infantil Bem-Te-Vi;
- Escola de Ensino Fundamental América Dutra Machado e;
- Creche São Francisco de Assis.

Já em 2010, foram registrados 12, realizados nas seguintes instituições:

- E. E. B. Simão José Hess;
- Centro Educacional Rev. Artur Montanha;
- Grupo Nossa Senhora Aparecida (Prefeitura Municipal de Florianópolis);
- Escola Energia;
- Lar Recanto do Carinho;
- Grupo I do Núcleo Arte-Educação Promenor;
- Centro de Educação Infantil São Judas Tadeu;
- Colégio Elisa Andreoli;
- Creche Waldemar Silva Filho;
- Ala Pediátrica do Hospital UFSC;
- Centro Educacional Infantil Sabor do Saber e;
- Edifício Dona Leonildes.

Em 2011, somente 7 (sete) foram registrados, sendo realizados nas instituições:

- Colégio Criativo (O menino e o Dragão, Coelho mau);
- Rede Pública E. E. B. Jurema Cavallazzi;

- Escola Idalina Ôchoa;
- Núcleo de Educação Infantil NEI;
- Casa Lar e;
- Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC.

A Bibliotecária D coordenou um projeto de extensão utilizando a biblioterapia intitulado “A biblioteca para portadores de deficiência visual no Instituto dos Cegos da Paraíba ‘Adalgisa Cunha’”, em 1999. No questionário, ela acrescenta outras contribuições:

Também contribuimos com livros para aqueles que tinham interesse em se dedicar a esse assunto, tais como:

Biblioterapia: Proposta de um Programa de Leitura para Portadores de Deficiência Visual em Bibliotecas Públicas. João Pessoa, Editora Universitária, 1996. 106p. (Trabalho pioneiro no Brasil).

Anais do 1º Seminário Nacional de Bibliotecas Braille. João Pessoa, Editora Universitária, 1998. 206p.

Anais do 2º Seminário Nacional de Bibliotecas Braille. João Pessoa, 2000. (disquete).

Coordenou o livro Reabilitação Psicossocial do Cego. Alvim Robert. João Pessoa, Editora Universitária, 1966. 100p.

Cursos Ministrados

Biblioterapia: Proposta de um Programa de Leitura para Portadores de Deficiência Visual em Bibliotecas Públicas. XI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias da América Latina. Florianópolis, 2000.

Aplicabilidade da Biblioterapia em três dimensões: Institucional, Clínica e Desenvolvemental em vários CBBB – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação e SNBU – Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias.

Trabalhos apresentados:

Em Cuba, apresentamos no II Encuentro Mundial de Educación Especial y Preescolar o Proyecto Biblioterapia: programa de lectura orientada a los niños “accidentalmente ciegos”. 1998.

IV Encontro Unificado de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPB e V Encontro de Extensão, apresentamos o trabalho de pesquisa “Biblioterapia e leitura para os alunos do Instituto dos Cegos da Paraíba, Adalgisa Cunha”, 1999 – 2008.

A autenticidade do modelo brasileiro de um programa de implementação de Biblioterapia para os mutilados, vítimas da violência urbana: uma proposta das pessoas designadas como portadoras de necessidades especiais, durante o XX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, realizado em Fortaleza – CE. 2002

Participação de uma Mesa Redonda sobre Biblioterapia X Interdisciplinaridade no Curso de Graduação em Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba. 2011.

Participação do Grupo de Trabalho sobre Biblioterapia. (BIBLIOTECÁRIA D)

A Bibliotecária F registrou o projeto “Práticas Leitoras da Biblioterapia no Abrigo SOS – Criança” em 2001, como concluído e um projeto de extensão intitulado “Biblioterapia como coadjuvante no tratamento do câncer Infantil” em 2000, atualmente desativado.

A Bibliotecária G registrou dois projetos: “Reviver” e “Renascer”. Os dois projetos começaram em 2002 e estão ativos até hoje.

As Bibliotecárias C e E, apesar de terem participado de atividades terapêuticas, não registraram no currículo nenhum projeto ou atividade em biblioterapia. A quantidade de projetos registrados pelas bibliotecárias no currículo pode ser visualizada na Tabela 1.

Tabela 1 – Projetos biblioterapêuticos

Bibliotecária	Quantidade de projetos registrados no currículo
A	1
B	32
C	-
D	1
E	-
F	2
G	2

Fonte: Da autora

Nota-se que muitos projetos, registrados no currículo Lattes, foram realizados sem divulgação, sendo que muitas dessas práticas biblioterapêuticas estavam associadas a projetos de extensão.

4.3.2 PRODUÇÃO CIENTÍFICA⁶²

As bibliotecárias que participaram da pesquisa produziram trabalhos e estudos sobre a biblioterapia, sendo inicialmente um fator de seleção para a amostra, porém algumas tiveram a produção mais ativa do que outras, com relação ao tema. No Quadro 10, buscou-se identificar a relação da produção total e a produção sobre a biblioterapia. Considerou-se artigo, aqueles publicados tanto em periódicos, como os aqueles publicados em anais de congresso, revistas e jornais. Consideraram-se todos os livros, não só aqueles que as bibliotecárias cadastraram como autores, mas como organizadores também. Foi considerado apresentações: apresentações de trabalhos, palestras, seminário e comunicação.

Tabela 2 – Tipos de produção sobre biblioterapia

Bibliotecária	Artigo	Artigo – Biblioterapia	Livro	Livro - Biblioterapia	Apresentação	Apresentação - Biblioterapia	Entrevista	Entrevista - Biblioterapia
A	8	4	1	1	9	3	0	0
B	26	14	2	1	10	7	1	1
C	14	1	0	0	5	1	2	2
D	4	2	7	1	0	0	0	0
E	18	3	0	0	2	0	0	0
F	60	5	5	0	88	3	0	0
G	39	5	1	1	4	2	1	0
Total	169	34	16	4	118	16	4	3

Fonte: Da autora

⁶² A produção científica de uma pessoa abrange: Artigos publicados em Revistas Científicas de cunho nacional e internacional; Artigos publicados em Jornais Científicos de cunho nacional e internacional; Artigos publicados em Jornais de grande circulação do país, considerado no caso, produção nacional; Capítulos de Livros de cunho nacional e internacional; Resumos em Anais de Congressos nacionais ou internacionais; Trabalhos completos publicados em Revistas nacionais e internacionais; Palestras, conferências, mesas-redondas e cursos proferidos (âmbito nacional ou internacional) - aqui valem as participações como titular e como integrante de equipe. <<http://retejo.blogspot.com.br/2012/02/o-que-e-producao-cientifica.html>>

A produção nacional sobre o tema ainda é relativamente pequena em relação a outros temas de estudo, no entanto, vê-se que em sua maioria é realizada por autores da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, confirmando as informações da pesquisa de Leite (2010). As sete bibliotecárias são responsáveis por 57 registros de produção sobre biblioterapia. Na Tabela 3 vê-se a quantidade de produção sobre biblioterapia de cada bibliotecária.

Tabela 3 – Produções sobre biblioterapia

Bibliotecário	Produção total	Produção sobre biblioterapia
A	18	8
B	39	23
C	21	4
D	11	3
E	20	3
F	153	8
G	45	8
Total	307	57

Fonte: Da autora

Pelos títulos das produções científicas e perfil do currículo, percebe-se que cada bibliotecária buscou estudar um aspecto da biblioterapia:

- Bibliotecária A – Biblioterapia Hospitalar
- Bibliotecária B – Leitura terapêutica
- Bibliotecária C – Idealismo da biblioterapia
- Bibliotecária D – Biblioterapia para deficientes visuais
- Bibliotecária E – Biblioterapia com crianças
- Bibliotecária F – Biblioterapia com crianças enfermas
- Bibliotecária G – Efeito da biblioterapia

4.4 PROBLEMAS IDENTIFICADOS NA PRÁTICA DA BIBLIOTERAPIA

Do ponto de vista da aplicação em grupo e individual, questionou-se às bibliotecárias, as problemáticas vivenciadas. A Bibliotecária A não respondeu esta questão, pois foi acrescentada depois. A Bibliotecária F também não respondeu, podendo-se entender que não identificou nenhum problema. A Bibliotecária C respondeu “nenhum problema a relatar”. A Bibliotecária B e G também responderam que não houve problemas.

Não ocorreram problemas. Quando alguém do grupo não deseja participar, isso é respeitado. Mas é raro acontecer. (BIBLIOTECÁRIA B)

Não tivemos ocorrências dessa natureza. Todavia, a falta de interesse no início das atividades é sempre notória, contudo, fácil de ser eliminada. (BIBLIOTECÁRIA G)

As Bibliotecárias D e E citaram problemas ocorridos com crianças.

Problemas corriqueiros acontecidos com crianças que estavam aprendendo a ler Braille. Durante a leitura umas três crianças não queriam ler em Braille por timidez. Depois descobri que estavam envergonhadas em errar. Conversamos e o problema foi resolvido. (BIBLIOTECÁRIA D)

Algumas crianças às vezes não queriam participar das atividades depois da história, mas isso era compreensível, uma vez que o estado de enfermidade pode evidenciar falta de interesse. No entanto, no momento de contar a história, a maioria se mostrou atenta e interessada. (BIBLIOTECÁRIA E)

Ao abordar as dificuldades com relação ao público trabalhado, as bibliotecárias relataram situações diferentes. As únicas que responderam que não houve problema foram as Bibliotecárias F e G. A Bibliotecária A por sua vez relata a dificuldade de aceitação da atividade. Na experiência com crianças, Lucas, Caldin e Silva (2006) relatam que um dia as crianças estavam inquietas, sendo um exemplo do tipo de dificuldade em trabalhar com determinados públicos.

As dificuldades fazem parte do processo principalmente quando o trabalho é realizado num ambiente onde existem profissionais de inúmeras áreas. Há aqueles que se sentem ameaçados, outros com inveja, outros concluem que você está “maluca”, que aquilo (biblioterapia) não serve para nada. Enfim, não foi uma tarefa fácil, mas atualmente tenho muito mais aliados do que “inimigos”. (BIBLIOTECÁRIA A)

Segundo relatos abaixo, vê-se que as Bibliotecárias C e E tiveram dificuldades com crianças.

Algumas crianças hospitalizadas ficam inseguras, com medo e não deixam a mãe sair do lado delas. Certo dia, quando a criança percebeu que a sua mãe havia saído do quarto (ela havia ido tomar uma sopa) começou a me dar socos e foi difícil para acalmá-lo. Outra vez, outra criança hospitalizada, não permitia que ninguém se aproximasse da cama dele. Então comecei a cantar para a criança ao lado da cama dele a cantiga “não atire o pau no gato-to, porque o gato-to não é mau, mau mau. O gatinho-nho é nossoa amigo-go, não devemos maltratar os animais, mi-aau, esperando provocar nele a reação de me dizer que a música estava errada, ou que ele a conhecia de outra forma. Mas ele me disse: - eu não gosto dessa música. Então perguntei: - de qual você gosta? Ele me disse que era Capelinha de melão. Então eu disse que quando eu tinha o tamanho dele a minha avó cantava essa música pra mim e o convidei a cantar comigo. Para a nossa surpresa, ele cantou e começou a partir daí, pintar os desenhos. Foi uma experiência gratificante. (BIBLIOTECÁRIA C)

As dificuldades ocorriam sempre que alguma criança apresentava limitação física, neste caso ficava um pouco mais trabalhoso, mas nada que comprometesse a aplicação da técnica nem seu resultado. (BIBLIOTECÁRIA E)

A Bibliotecária B, por sua vez, aponta a dificuldade em trabalhar com idoso.

É difícil aplicar atividades de biblioterapia com idosos em asilos de cunho assistencial, pois tais idosos apresentam muitos problemas graves de saúde, inclusive mentais. Trabalhamos sem ajuda de enfermeiros ou psicólogos. Tal não acontece em casas de repouso, que têm uma estrutura bem montada e conta com profissionais que

colaboram conosco, facilitando a execução das atividades. (BIBLIOTECÁRIA B)

A Bibliotecária D respondeu que quando houve problemas, foram contornados.

Em tudo que você está implantando tivemos poucas dificuldades que sempre foram contornadas e que citamos acima. (BIBLIOTECÁRIA D)

Ao questionar sobre problemas com outros profissionais, a Bibliotecária E informou que não houve problema e a Bibliotecária A aplica sozinha. Duas bibliotecárias relatam à dificuldade sobre disponibilidade de outros profissionais auxiliarem na aplicação.

Apenas na primeira experiência, no HU da UFSC, pois a psicóloga afastou-se da instituição para fazer mestrado, atuando somente nos dois primeiros meses das atividades biblioterapêuticas. (BIBLIOTECÁRIA B)

O que senti e posso relatar como problema é que normalmente, em se tratando de hospitais, há o profissional psicólogo e assistente social, e gostariam que o trabalho acontecesse, mas para isso teria que mexer na estrutura existente e isso não seria viável. A teoria é linda, mas o trabalho é difícil, precisa de comprometimento e tempo para programar as atividades que possam atender as diversas situações. (BIBLIOTECÁRIA C)

Três bibliotecárias, no entanto, disseram que não houve problemas com outros profissionais, duas destacam a contribuição destes para a atividade e uma defende a necessidade do bibliotecário reconhecer seu papel na atividade.

Nenhum problema. Cada profissional era responsável por sua atividade e sempre existiu muito respeito com os profissionais que trabalhei. Momentos de muita troca de experiência, de aprendizado e de enriquecimento para todos. (BIBLIOTECÁRIA D)

Nunca, muito pelo contrário, todos buscavam contribuir a sua maneira e os psicólogos nos davam suporte terapêutico nessas sessões. (BIBLIOTECÁRIO F)

Não. Sempre articulamos os saberes das diversas áreas sem nenhum problema. Acho inclusive, que a Biblioteconomia deve se voltar com urgência para a questão da Biblioteconomia e reconhecer a sua importância, Caso contrário, outras áreas se debruçarão com mais afinco, haja vista que as pesquisas e os estudos sobre a biblioterapia estão cada vez mais presentes na área da saúde, da educação, da psicologia. (BIBLIOTECÁRIA G)

Quando questionadas sobre outros problemas além dos citados, as bibliotecárias não acrescentaram nenhum caso.

4.5 A MEDIAÇÃO NA PRÁTICA BIBLIOTERAPÊUTICA DO BIBLIOTECÁRIO

O presente trabalho não tem o intuito de entender os efeitos da biblioterapia, e sim, verificar a atuação do bibliotecário, do ponto de vista de mediador da informação. Neste contexto, buscou-se entender os serviços que o bibliotecário faz nas atividades biblioterapêuticas, considerando seu contato com a informação e com o público.

Almeida Júnior e Bortolin (2007) defendem que o bibliotecário como mediador da informação é aquele que trabalha com a informação de modo a disponibilizar para o usuário, podendo ter uma mediação implícita e explícita. A mediação explícita pode ser vista no processo de comunicação da informação do bibliotecário com o usuário enquanto que a mediação implícita está presente no trabalho do bibliotecário com a informação.

4.5.1 SERVIÇOS PRESTADOS

A atuação do bibliotecário em atividades biblioterapêuticas se caracteriza pelos serviços prestados, como planejamento, seleção, estudos de usuários, leitura terapêutica e avaliação. Dentre as atribuições que o bibliotecário tem em atividades biblioterapêuticas, vale ressaltar as diretrizes apontadas por Ferreira (2003) como planejar o local, a formação do grupo e atividade, buscar treinamento, estudar o público e selecionar materiais adequados.

Para entender a atuação do bibliotecário como mediador da informação, segundo Almeida Júnior e Bortolin (2007), foi necessário questionar às bibliotecárias sobre os serviços prestados e a contribuição da profissional em cada. O papel do profissional como mediador, na biblioterapia, não se justifica em toda a atividade, sendo verificado somente em aspectos de sua atuação, como se vê na Figura 6⁶³. A mediação implícita, na biblioterapia, se justifica no ato do planejamento, estudo de usuários e seleção de materiais usados na atividade.

⁶³ Página 84

Com relação ao planejamento da atividade biblioterapêutica, foi questionado o tipo de participação que as bibliotecárias tiveram. Quatro bibliotecárias destacaram a elaboração de projetos. A Bibliotecária B ressalta que ela orienta alunos para a aplicação da biblioterapia, por isso a coordenação e avaliação fazem parte de suas atribuições.

Coordeno os projetos dos alunos, oriento quanto à metodologia e postura durante todo o trabalho e supervisiono as atividades práticas. (BIBLIOTECÁRIA B)

Elaborar o projeto. (BIBLIOTECÁRIA C)

Coordenadora dos projetos e biblioterapeuta. (BIBLIOTECÁRIA F)

Coordenar e planejar todas as atividades a serem desenvolvidas no projeto. Desde a redação do projeto à execução. (BIBLIOTECÁRIA G)

A Bibliotecária A faz todos os serviços pelo fato de aplicar sozinha.

Total, pois sou a responsável pelo serviço. (BIBLIOTECÁRIA A)

A Bibliotecária D destaca a importância da participação do bibliotecário no planejamento da atividade.

A participação do bibliotecário sempre foi muito importante. Planejavamos sempre juntas e havia muita troca e descobertas. Como bibliotecário tínhamos que nos impor, estudar e acrescentar nossos conhecimentos no grupo biblioterapêutico. (BIBLIOTECÁRIA D)

A Bibliotecária E destaca o aprendizado obtido na disciplina Biblioterapia, e pontua as coisas que devem considerar antes da aplicação da atividade biblioterapêutica.

Com base nas aulas teóricas, as histórias foram criteriosamente selecionadas, bem como praticadas prévias sessões de leitura do texto, houve preocupação com o tom da voz e a postura física. O processo pré e pós-história devem ser muito bem explorados. (BIBLIOTECÁRIA E)

Podem-se identificar vários aspectos relacionados ao planejamento da prática biblioterapêutica, por exemplo, projeto, pré-projeto e seleção que ajudam a determinar como a prática será realizada. Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 403) pontuam que

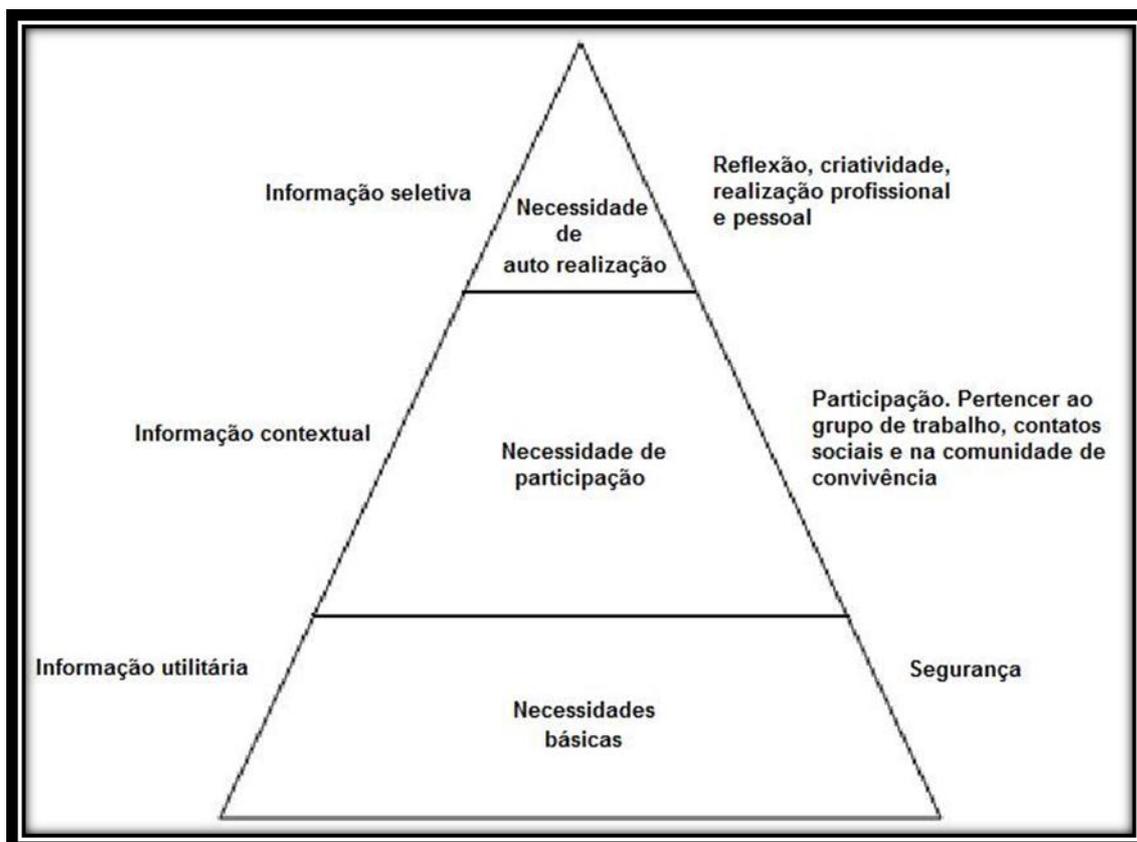
[...] é necessário obter o consentimento da instituição e dos interessados; realizar um diagnóstico sobre a instituição, do público a ser atendido; verificar as preferências de leitura; atentar para a diversidade de interesses, cultura, valores; respeitar as diferenças e, acima de tudo, realizar a atividade com amor.

Como mediador da informação, o profissional deve preparar a informação para ser repassada ao usuário e a parte de planejamento é uma etapa importante para se estudar o público que será trabalhado junto com suas necessidades. A identificação da necessidade informação é essencial para a seleção de materiais e dá subsídios para o processo de mediação da informação, pois como aponta Silva (2012, p. 119)

[...] a mediação se constitui em um conjunto de práticas que observa o usuário como elemento central e coletivo para construção de sentido/informação, assim como estimula o usuário a conceber apropriação de informação, visando à satisfação de suas necessidades.

Barreto (1994) defende que a necessidade informacional, bem como o objetivo desta necessidade do indivíduo, influencia no tipo de informação que ele requer. A Figura 7 demonstra o paralelo entre necessidade de informação, seus objetivos e tipo de informação.

Figura 7 – Pirâmide das Necessidades



Fonte: Barreto (1994)

Segundo o autor, há uma evolução do tipo de informação que se precisa. O primeiro estágio seria o uso da informação utilitária que é aquela informação utilizada para suprir necessidades básicas de indivíduos e grupos. Suprida essa necessidade, o indivíduo busca a informação contextual no objetivo de garantia de permanência para os diversos contextos dos quais participa e em último estágio de necessidade busca-se a informação seletiva que é utilizada para potencialização do seu conhecimento. Tendo isso em vista, nota-se que o profissional ao selecionar informações para o público-alvo, deve-se entender seu tipo de necessidade informacional, para o alcance de objetivos.

Considerando isso, foi questionado às bibliotecárias como elas identificam a necessidade informacional. A Bibliotecária B defende a elaboração de um pré-projeto para a preparação de um projeto que delimite o público e suas necessidades.

Antes de realizar a atividade, visitamos a instituição selecionada, contatamos o responsável por ela, explicamos como é aplicada a biblioterapia, entregamos um pré-projeto e conversamos com o público-alvo para saber sua preferência de leituras. De volta à sala de aula, elaboramos um projeto detalhado, que atenda às expectativas dos receptores da atividade. (BIBLIOTECÁRIA B)

Algumas bibliotecárias responderam a questão relacionada à perspectiva de públicos específicos. A Bibliotecária A aplica em hospitais, por isso destaca a análise de registro em prontuários e a Bibliotecária D relata sua experiência com deficientes visuais que é seu público-alvo em atividades biblioterapêuticas. No caso, a bibliotecária identifica a reintegração do deficiente visual na sociedade como a principal necessidade de informação de seu público.

Através de estudo de usuários e/ou análise dos registros no prontuário do paciente. (BIBLIOTECÁRIA A)

O usuário que está ficando cego tem oportunidade de ler e perceber que outras pessoas cegas voltaram a se reintegrar na sociedade. (BIBLIOTECÁRIA D)

Para o biblioterapeuta atuar com deficientes visuais ele deve possuir qualidades como

[...] um atendimento profundo de natureza psicológica do problema que está sendo enfrentado pelo portador de deficiência visual; uma compreensão do caminho que este problema particular é tratado na seleção do livro prescrito; e a habilidade em formular hipóteses, que se refiram ao impacto que este material terá sobre a solução positiva do problema do paciente. (LEITE, 2009, p. 34-35)

A Bibliotecária E destaca como é variável a necessidade informacional e pontua a importância em conhecer o público-alvo para selecionar o material. A Bibliotecária C também pontua que é essencial esse processo para aplicar a biblioterapia.

Depende do público alvo. A biblioterapia pode ser utilizada para crianças, idosos, enfermos em geral, depressivos, entre outros. A necessidade informacional varia de acordo com o público. Por

exemplo, aos idosos é interessante aplicar leituras alegres e edificantes, as crianças gostam de ludicidade. (BIBLIOTECÁRIA E)

Deve-se conhecer a necessidade de cada um, ou do grupo para conseguir aplicar a leitura como processo terapêutico. (BIBLIOTECÁRIA C)

Além do conhecimento do público-alvo, a Bibliotecária G enfoca a questão da escuta sensível defendida por René Barbier⁶⁴.

Conforme a nossa vivência, experiência e familiarização com os envolvidos, identificamos as necessidades informacionais do público envolvido. Trabalhamos sempre com a escuta sensível de René Barbier, a fim de captar necessidades, gostos e desejos. (BIBLIOTECÁRIA G)

A Bibliotecária F aponta uma terminologia própria da psicologia.

Por meio das entrevistas terapêuticas. (BIBLIOTECÁRIA F)

A entrevista terapêutica pode ser definida como “[...] tipo de entrevista que pretende avaliar, produzir mudanças no sujeito e resolver os problemas que apresenta” (ROS, 2012, p.5). Pode-se ter também como objetivo da entrevista terapêutica “conhecer ou descrever as características psicológicas de um sujeito e prever o seu comportamento para resolver os problemas de uma terceira pessoa”. (ROS, 2012, p.6)

Outro serviço considerado como ato de mediação implícita é a seleção de livros. Fato justificado pela necessidade de se selecionar livros relevantes para o usuário e identificar o melhor material para que a biblioterapia seja realizada de

⁶⁴ A postura que se requer para uma escuta sensível é uma abertura holística. Trata-se na verdade de se entrar numa relação de totalidade com o outro, tomado em sua existência dinâmica. Alguém só é pessoa através da existência de um corpo, de uma imaginação, de uma razão e de uma afetividade, todos em interação permanente. A audição, o tato, a gustação, a visão e o olfato se aplicam à escuta sensível. (BARBIER, 2002, p. 4)

forma efetiva. De acordo com Ratton (1975), a importância no processo de seleção na biblioterapia é justificada pelo material selecionado ser fundamental para se alcançar a meta específica da aplicação.

Alves (1982, p. 56) defende que cabe ao bibliotecário escolher o material “que deve ser cercado de muita atenção e cuidado, de maneira a corresponder aos gostos, nível intelectual, tendências e idade do grupo”.

Ao questionar às bibliotecárias, elas apontaram a importância na seleção de histórias com conteúdos informacionais relevantes. Todas as bibliotecárias participam desta etapa, algumas com auxílio de outros profissionais e outras não, como as Bibliotecárias A e C. A Bibliotecária B aponta o trabalho com os alunos.

Seleciono os livros junto com os acadêmicos participantes, verificando a pertinência ou não da história para atividades biblioterapêuticas. (BIBLIOTECÁRIA B)

A Bibliotecária E relata a importância de selecionar os livros, avaliando seu conteúdo.

Avaliação criteriosa do conteúdo dos livros. É importante levar em conta que nem todas as histórias são adequadas para crianças hospitalizadas, por isso deve-se selecionar os livros de acordo com as necessidades dos pacientes. Houve a preocupação de verificar o conteúdo das histórias. Histórias que envolvam atividades que a criança não possa realizar, ou com expressões difíceis, ou ainda, àquelas muito complexas foram evitadas. (BIBLIOTECÁRIA E)

A Bibliotecária D de forma mais explicativa, fala sobre sua experiência, no caso seu público-alvo, os deficientes visuais.

De acordo com o diagnóstico da Psicóloga ou do Médico, procuro orientação com professores e Literatura infanto-juvenil seguindo o trabalho de um autor cego, Alvim Robert de Illinois dos Estados Unidos, que está sumariado no seu livro “Psychosocial

Rehabilitation of the Blind” - Reabilitação Psicossocial do Cego traduzido e publicado pelo Ministério da Educação e Desporto num projeto realizado por mim.

Utilizo o material básico incluindo trabalhos em geral sobre a Cegueira. É importante escolher livros que sejam de interesse para o cego em outras áreas fora do tema Cegueira.

Como exemplos:

- 1. Podemos dar a uma pessoa que ficou recentemente cega uma tarefa de ler uma autobiografia de outra pessoa sem visão que acabou de terminar a escola superior.*
- 2. Um diretor de uma escola formal poderá estar interessado na história de escolas residenciais para o cego.*
- 3. Um funcionário de Justiça poderia achar fascinante uma história de um detetive cego.*

Após a aplicação do programa de leitura, o biblioterapeuta ou instrutor da biblioterapia poderá utilizar perguntas, como:

- a) O que você leu que foi encorajador e útil?*
- b) O que você leu que lhe foi mórbido ou deprimente ou causou desgosto?*
- c) Que personagem do livro você achou mais parecido com você?*
- d) Quais os problemas mais difíceis encarados pelos personagens cegos nesse livro?*
- e) Como os personagens cegos resolveram suas dificuldades?*
- f) Quais eram os problemas mais difíceis vistos pelos seus parentes e amigos e como eles resolveram seus problemas?*
- g) Como é que a informação oriunda da leitura e da reflexão sobre este livro se aplica à sua própria situação? (BIBLIOTECÁRIA D)*

A Bibliotecária F levanta a questão do tipo de material, não sendo exclusivamente livro. Alves (1982) pontua que a biblioterapia não se limita ao uso de livros, mas também utiliza material audiovisual ou qualquer outro tipo de documento adequado ao público-alvo.

Diretamente, pois montamos um acervo, não apenas de livros, porém, com outras fontes de leitura. (BIBLIOTECÁRIA F)

A Bibliotecária G, por sua vez, relata que a seleção é feita em equipe.

Minha participação é efetivada como coordenadora das atividades. Portanto, seleciono os livros, junto com a equipe. Os livros são selecionados conforme as temáticas a serem trabalhadas e o público envolvido. (BIBLIOTECÁRIA G)

A atividade biblioterapêutica usa um texto como suporte, porém o texto escrito permite flexibilidade na aplicação, podendo ser lido, contado ou dramatizado. (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006)

Muitas situações podem influenciar na aplicação da biblioterapia, e um dos fatores é a possibilidade de ser um trabalho individual ou em grupo, em que o bibliotecário tem posturas diferentes. No questionário buscou-se identificar as características de cada tipo de aplicação. Foi questionado primeiro o procedimento da aplicação individual. Essa pergunta não foi respondida pela Bibliotecária A, porque foi acrescentada depois. A Bibliotecária G só teve experiência com atividades em grupo.

Foram realizadas cinco sessões de biblioterapia, sempre no horário das 16:00 às 17:00 h. Objetivou-se desenvolver a introjeção, a projeção, a identificação, a catarse, a imaginação, a introspecção, a criatividade, e a reabilitação. Em todos os casos a metodologia adotada foi mescla de leitura, contação e dramatização. (BIBLIOTECÁRIA E)

Leituras individuais, conversas, escutas, escritura e outras atividades lúdicas. Anotando-se as observações no caderno de campo. (BIBLIOTECÁRIA F)

A Bibliotecária B destacou a presença de conversa informal, pois é uma forma mais amena de tratar dos assuntos sem sobrecarregar emocionalmente o sujeito. Outro ponto mencionado foi a confiança conquistada antes da aplicação. Para a atividade biblioterapêutica ter êxito, é necessário o sujeito estar receptivo à leitura e à comunicação. A Bibliotecária C também pontua a questão da interação entre os indivíduos.

Realizei trabalho individual na escola pública mencionada durante 10 meses, com o coletivo. Apenas nos dois últimos meses, quando os alunos se sentiam confortáveis com minha presença e já tínhamos um laço de amizade, parti para as atividades individuais. A orientadora educacional cedeu uma sala e recebi cada aluno com uma pilha de livros. Ele tinha a liberdade de escolher a história e, também, se desejava fazer a leitura ou preferia que eu lesse. Após essa atividade, conversávamos de uma maneira informal, sem cobranças. Foi interessante verificar como a história permite a expressividade: os alunos comentaram seus problemas pessoais, familiares e escolares. Todos se mostraram satisfeitos de ter participado no programa de leituras. (BIBLIOTECÁRIA B)

Ouvir a sua história, selecionar algo que possa interagir naquela situação, em busca de melhoria ou solução e acompanhar a evolução. (BIBLIOTECÁRIA C)

No caso da biblioterapia, a comunicação acontece no processo da leitura terapêutica, mostrada na Figura 8. A prática da ludoterapia, neste processo, não exclui o processo comunicacional, pois por meio de atividades lúdicas é passada informações da mesma maneira, permitindo um diálogo mais íntimo e descontraído e, conseqüentemente, uma interpretação mais aprofundada dos temas abordados.

Figura 8 – Comunicação da Informação na biblioterapia



Fonte: Da autora

A Figura 8 se constitui de três pontos básicos na prática da leitura terapêutica: a leitura, a interpretação e o diálogo. A relação de interdependência dos três elementos se justifica pela necessidade de trabalhar temas, interpretá-los e torná-los acessíveis ao subconsciente do sujeito para a possibilidade de modificação. A Leitura permite identificar o tema, o diálogo tem como objetivo encontrar formas de interpretá-las, além de proporcionar intimidade aos sujeitos envolvidos no processo.

Alves (1982), neste contexto, defende que a discussão do material não tem caráter de crítica literária, sendo que o intuito da leitura e interpretação é obter uma reação dos indivíduos.

A Bibliotecária D aponta quando há necessidade de aplicar individualmente.

Nesse caso, com a ajuda do Psicólogo e Médico, faço a aplicação da biblioterapia, quando a família convoca. É dirigido para as pessoas que estão ficando acidentalmente cegas ou ficaram cegas. Muitas vezes, levo pessoas que ficaram cegas para dar seu depoimento e assim mostramos que passaram na vida por várias fases de revolta, depressão, promessas, transtorno até chegar a aceitação da própria cegueira e a partir daí chegarão a fase de reintegração à sociedade, da verdadeira inclusão social. (BIBLIOTECÁRIA D)

Também foi feito o questionamento quanto à participação dessas profissionais na aplicação de grupo. Somente a Bibliotecária A não teve experiência com a aplicação em grupo.

Não realizo trabalho em grupo e, sim, individual pela característica do ambiente – muitas vezes o paciente não pode sair do leito e/ou existe uma grande disparidade na formação acadêmica, ou ainda, a impossibilidade de contato com outros pacientes. (BIBLIOTECÁRIA A)

A Bibliotecária C e G consideram a participação como mediadora. Neste caso, a mediação de leitura pode ser considerada também, pois na aplicação em grupo o bibliotecário participa da leitura.

No grupo as próprias pessoas interagem e o biblioterapeuta faz a mediação favorecendo a interação entre o grupo. (BIBLIOTECÁRIA C)

Minha participação é sempre de mediador, observador e relator da experiência. (BIBLIOTECÁRIA G)

A Bibliotecária, sendo uma orientadora na atividade, esclarece aos alunos a forma de aplicação em grupo.

Oriento os acadêmicos no trabalho de leitura e esclareço que a interpretação é algo extremamente pessoal de, portanto, não devem induzir o público-alvo. (BIBLIOTECÁRIA B)

A Bibliotecária D pontua o auxílio de outros profissionais.

A minha participação como biblioterapeuta será de aplicar os textos selecionados com a ajuda do Médico e da Psicóloga, entretanto podemos marcar presença nas reuniões com os outros profissionais. (BIBLIOTECÁRIA D)

A Bibliotecária F relata sua participação “por meio do psicodrama”, ou seja, um tipo de psicoterapia em grupo, utilizando a representação teatral para abordar os temas. Já a Bibliotecária E e G contam experiências com a atividade em grupo.

Observou-se durante a narração da história que as crianças permaneceram atentas, porém apáticas e se dispersam ao final da história. As atividades de diálogo sobre a história foram bem sucedidas ainda que com certa timidez. O acompanhamento dos pais durante a narração da história demonstrou interesse e pôde despertar nas crianças à vontade de interagir nas próximas histórias. Na medida do possível as atividades foram bem produtivas, e as crianças foram ativas durante todo o desenvolvimento das atividades. (BIBLIOTECÁRIA E)

Iniciamos as seções biblioterapêuticas, oferecendo uma folha de papel em branco, pincéis, tintas e lápis de cores. Sugiro que todos os participantes façam um desenho (livre escolha), recolhidos após alguns minutos. A seguir, começa atividades lúdicas, incluindo leitura e contação de histórias, com o intuito de tranquilizar e amenizar as tensões dos idosos. Posteriormente, entrega, mais uma vez, uma folha de papel em branco, lápis de cores e pincéis, para novos desenhos, recolhidos após alguns minutos e comparados, então, com os desenhos anteriores. A comparação e a análise detalhada permitem inferir que os desenhos que precedem à aplicação das técnicas de biblioterapia são, em sua maioria, pesados, sem cores e sem criatividade. As árvores não possuem frutos. O sol nunca aparece. O mar não tem peixes. O telhado das casas é sempre preto. Predomina a cor preta, a qual, segundo os psicólogos do Projeto, reflete, em geral, escuridão, tristeza, solidão e desespero. Logo, pressupõe-se que esses desenhos reproduzem o estado de espírito dos idosos naquele momento. Os desenhos gerados depois da biblioterapia, por sua vez, possuem características peculiares: são alegres e coloridos. As árvores possuem flores e frutos. O sol brilha com cores vivas. O mar apresenta-se com peixes e barcos. O telhado das casas é em telhas marrons. Agora, a cor preta quase não aparece. É difícil ao espectador desse cenário saber se essas representações interpenetram-se e falam dos desejos, anseios, devaneios, decepções, enfim, dos sentimentos e das emoções. Porém, essas percepções têm características que delineiam de forma convincente que a biblioterapia exerce influência no modo de pensar, agir e se comportar das pessoas na terceira idade. E o idoso do Projeto, ao deixar sua emoção aflorar, talvez tenha comunicado um pouco de suas ansiedades e comungado com os outros o desejo de ver a vida sob outro ângulo. (BIBLIOTECÁRIA G)

A Figura 8 também pode ser considerada no caso de atuação em grupo, pois é o mesmo fundamento da comunicação da informação, a diferença é o aumento do número de indivíduos.

Outro serviço realizado na biblioterapia é a avaliação da atividade. Foi questionada, então, a participação das bibliotecárias nesta etapa.

Tenho a participação de um olho biônico. Atento a tudo e aos mínimos detalhes, nas atitudes, no comportamento dos envolvidos. (BIBLIOTECÁRIA G)

As Bibliotecárias A e C responderam que a participação delas é total. Da mesma forma a Bibliotecária B que não só avalia a atividade, como também a participação dos alunos.

Total, quando tenho dúvidas procuro colegas da psicologia, enfermagem e/ou serviço social para discutir o problema. (BIBLIOTECÁRIA A)

Como professora da disciplina Biblioterapia, avalio a atuação dos acadêmicos que desenvolvem as atividades. Observo a reação do público-alvo, colho depoimentos das pessoas responsáveis pela instituição selecionada e, ao final, atribuo nota ao relatório de atividades e à performance dos acadêmicos. (BIBLIOTECÁRIA B)

Já as Bibliotecárias D, E e F destacam a avaliação como um trabalho em equipe. Destaca-se a observação da Bibliotecária F que pontua o uso de anotações.

A avaliação é realizada com a participação de todos. (BIBLIOTECÁRIA D)

Sempre é realizada uma análise final da sessão de biblioterapia, para verificarmos possíveis falhas no processo ou pontos de melhoria, bem como procurar evidenciar se a técnica está tendo o efeito desejado para o público alvo. (BIBLIOTECÁRIA E)

Após cada sessão nos reuníamos para discutir sobre as anotações observadas. (BIBLIOTECÁRIA F)

4.5.2 BIBLIOTECÁRIOS

Além das perguntas sobre as experiências, buscou-se saber opiniões sobre a área, relacionadas ao papel do bibliotecário e mediação e comunicação da informação. A primeira pergunta foi em relação à nomenclatura aceita para denominar o bibliotecário que aplica a biblioterapia. No caso foi perguntado sobre **Biblioterapeuta, Mediador da Informação e Aplicador da Biblioterapia**. A Bibliotecária B defende **Aplicador da Biblioterapia**.

Utilizo sempre o termo Aplicador de biblioterapia. Biblioterapeuta é o psicólogo. Mediador da informação me parece muito técnico, não condizente com o caráter lúdico da biblioterapia. (BIBLIOTECÁRIA B)

As Bibliotecárias A, C, D, E e F defendem o uso do Biblioterapeuta, algumas pontuando as características do bibliotecário com tal nomenclatura. Bibliotecária E também aceita **Aplicador da Biblioterapia**. A Bibliotecária D, em seu argumento, acrescenta ainda o termo **Instrutor da Biblioterapia**.

A primeira, biblioterapeuta, pois é o uso do livro como terapia sob a responsabilidade do bibliotecário. (BIBLIOTECÁRIA A)

Biblioterapeuta, porque o(a) bibliotecário(a) seleciona cuidadosamente o material para cada caso para que haja o efeito esperado. (BIBLIOTECÁRIA C)

No meu livro Biblioterapia, proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas, no capítulo 7, enfatizo o papel do bibliotecário como biblioterapeuta, onde apresento revisão de literatura e educação e o treinamento, publicado em 1996. Um americano Alvim Robert cita como instrutor da biblioterapia. E chama a pessoa que ficou cega como “Cliente”. (BIBLIOTECÁRIA D)

Biblioterapeuta ou Aplicador da Biblioterapia. Creio que mais se adéqua a origem da palavra que une dois termos, leitura e terapia, surgindo a biblioterapia, definida como um processo dinâmico de interação entre o leitor, o texto e o ouvinte, ajudando no crescimento emocional e psicológico. (BIBLIOTECÁRIA E)

A biblioterapia não se configura como leitura de autoajuda e muito menos como contação de história, muito pelo contrário, é uma terapia, portanto, o profissional que atua nessa área tanto pode ser chamado de terapeuta ou biblioterapeuta. (BIBLIOTECÁRIA F)

A Bibliotecária G mostra preferência no termo **Mediador da informação**.

No meu ponto de vista, qualquer termo pode ser utilizado, acho de menor importância, tal preocupação. Todavia, nas instituições onde atuo, ou atuei, os membros da equipe sempre foram chamados de biblioterapeutas. Particularmente, prefiro chamar aqueles que trabalham com a biblioterapia de mediadores da informação, porque fazem da leitura uma ponte entre a informação e o conhecimento, a

fim de ajudar as pessoas a conquistarem sua cidadania. São pessoas que trabalham em prol da dignidade da pessoa humana, dentre eles o bibliotecário, que nessa função deve cumprir um programa de leitura compatível com vida da pessoa a ser ajudada. Deve, portanto, investigar os seus interesses, acompanhar a leitura e fazer uma discussão posterior para checar o resultado. (BIBLIOTECÁRIA G)

Quando questionadas se há comunicação da informação na biblioterapia há aceitação clara de seis bibliotecárias. A Bibliotecária F respondeu que “o propósito não é esse”, não podendo identificar se é afirmativo ou negativo, pois pode haver comunicação, porém pode não ser o objetivo da atividade. A Bibliotecária C só respondeu sim, sem justificar.

Sem sombra de dúvida que sim. Envolve leitura, conseqüentemente, envolve informação e mais, há o diálogo, a troca de informação entre paciente e bibliotecário. (BIBLIOTECÁRIA A)

Sempre que duas ou mais pessoas estão reunidas, há comunicação da informação. (BIBLIOTECÁRIA B)

Com certeza, pois se estamos trabalhando com uma equipe interdisciplinar, médico, psicólogo, biblioterapeuta, professores como: arte educador e literatura infanto-juvenis, o cliente, que é a pessoa que ficou cega, então estamos em constante feedback para que o trabalho biblioterapêutico tenha resultados positivos. (BIBLIOTECÁRIA D)

Sim. Segundo as estagiárias de psicologia, foram observadas mudanças culturais nas crianças, como o maior hábito para a leitura, pois as mesmas passaram a procurar na sala de recreação, além dos brinquedos os livros infantis. Isto evidencia que há comunicação da informação. (BIBLIOTECÁRIA E)

Sim, pois não se transfere informação sem os mecanismos de comunicação. Assim sendo, acredito que a biblioterapia ao mediar à informação, através da leitura, complementa o processo de comunicação, ferramenta social que permite a interação humana, que permite a interdependência entre a biblioterapia e a comunicação da informação, no resgate. (BIBLIOTECÁRIA G)

Também foi questionada a evolução do papel do bibliotecário, na opinião das bibliotecárias. Muitas vêem a evolução não só do profissional, mas também da própria atividade.

Do papel do bibliotecário não sei, porque trabalho sozinha, mas da biblioterapia houve muita evolução. Em 2000 quando apresentei minha dissertação eram escassas as publicações nacionais nesta área e hoje, o cenário é outro. (BIBLIOTECÁRIA A)

Cada vez mais o bibliotecário se envolve com o usuário, buscando cativá-lo para o ambiente da biblioteca. E a biblioterapia contribui para isso. Muitos ex-alunos, que agora são profissionais, solicitam que eu desenvolva, junto com os acadêmicos, atividades de biblioterapia, principalmente nas escolas. Isso abre oportunidade para argumentarem com a direção da escola e depois implantarem atividades de leitura sem cobranças pedagógicas. (BIBLIOTECÁRIA B)

Sim, pois à medida que você está aplicando a biblioterapia com as pessoas, o biblioterapeuta está em constante feedback, não só com os usuários, assim como a equipe interdisciplinar. É necessário manter uma postura de domínio da situação e cabe ao biblioterapeuta estar ligado à literatura recente. (BIBLIOTECÁRIA D)

Certamente. O relacionamento de um profissional que exerce a biblioterapia com o paciente pode fornecer subsídios ao profissional da saúde no processo complementar da história clínica ou no processo saúde – doença como fonte de captar sinais. A biblioterapia e, conseqüentemente, o profissional bibliotecário pode estar presente no ato de ACOLHER – aquele que está disposto a falar e a ouvir, a brincar, a educar e aliviar as tensões através do livro; no ato de SIGNIFICAR – aquele que avalia as necessidades e procura na leitura dirigida explorar as questões pessoais; e no ato de INTERVIR – quando afetamos culturalmente e socialmente o paciente. Pelo fato de trabalhar diretamente nas relações mais humanas do paciente a biblioterapia influenciará o trabalho do profissional de saúde no SIGNIFICAR e INTERVIR do processo saúde-doença. (BIBLIOTECÁRIA E)

Considero que a biblioterapia abriu um leque de opções para que o bibliotecário se volte para ações socialmente responsáveis. Todavia, ainda, vejo essas ações incipientes no contexto da Biblioteconomia. Prefiro que o tempo responda a essa indagação. Pois somente ele dirá. (BIBLIOTECÁRIA G)

No questionário teve um espaço para as bibliotecárias relatarem aspectos relevantes sobre a experiência com a biblioterapia. Nos relatos a seguir⁶⁵, vê-se uma

⁶⁵ A Bibliotecária A reforça os conhecimentos em enfermagem como um auxílio para aplicar a biblioterapia aos pacientes. A Bibliotecária B aponta que a aplicação não é só técnica, mas é necessário ter uma postura carinhosa quanto ao público. A Bibliotecária C relata a experiência gratificante e a importância do trabalho biblioterapêutico para ela. A Bibliotecária D ressalta a satisfação do trabalho realizado e contribuições como área de estudo. A Bibliotecária E destaca o papel social da atividade e do trabalho do bibliotecário. A

unanimidade em destacarem a importância da atividade, seja para o profissional, seja para a sociedade.

Sem sombra de dúvida, meu trabalho deu e está dando certo pela minha experiência como técnica de enfermagem. Esta experiência me permite trabalhar em sintonia com a enfermagem e acompanhar os pacientes com mais segurança para mim e, principalmente, para eles em especial quando estão com soros, bombas de infusão, sondas, etc., meu conhecimento permite constatar se o soro saiu da veia, se houve problemas com sondas, por exemplo. Além de saber dos cuidados necessários para não “atrapalhar” o tratamento do paciente. (BIBLIOTECÁRIA A)

Destaco como fundamental desenvolver as atividades de biblioterapia com amor, mostrando interesse genuíno no público-alvo. (BIBLIOTECÁRIA B)

Falar da biblioterapia é lindo! Para fazer esse trabalho não basta apenas ser profissional. É preciso ser humano, se colocar no lugar do outro, se doar, se dispor a ouvir, sentir, entender e querer que aquele momento seja mágico. A praticar do encontro, a pessoa deve se sentir bem mais forte, com vontade de reagir, de buscar soluções [...] Quando fiz o trabalho em hospital (por pouquíssimo tempo) eu tinha a plena convicção de que o(a)s médico(a)s e o(a)s enfermeiras estavam ali para tratar da saúde física deles e eu deveria extrair deles as boas lembranças, os bons momentos que viveram. Em uma palestra para a 3ª idade, um senhor de 70 anos me disse que gostaria de dar um depoimento. Ele disse ser médico (anestesiologista) aposentado e que durante a vida profissional dele, adquiriu uns 2.000 livros técnicos que utilizava para a sua profissão, mas também adquiriu uns 200 livros que pretendia ler um dia, quando tivesse tempo. E agora, quer dizer para as pessoas que não cometam essa falha. Ele poderia ter intercalado leituras prazerosas durante a atuação profissional, mas somente agora, depois de aposentado ele foi desfrutar dessa maravilhosa viagem de ter o livro como por não ter consciência, tido a consciência de que o livro nos “dá a dupla delícia: de podermos estar só e ao mesmo tempo acompanhado” conforme nos diz Mário Quintana. (BIBLIOTECÁRIA C)

Olhando para trás vejo com bastante alegria, que com a aplicação da biblioterapia apresentamos melhoramentos significativos na qualidade de vida das pessoas acidentalmente cegas. É muito gratificante participar e assistir que com a sua utilização, a pessoa acidentalmente cega, aumenta o seu acervo de informação, é motivado e modifica o seu próprio ambiente psicossocial.

A biblioterapia é uma ferramenta para a semiologia e a terapêutica, favorecendo a humanização das mesmas. Ações sociais, projetos que tragam benefícios à população, também devem ser alvo do

Bibliotecária F, por fim, relata a importância da atividade para sua vida. A Bibliotecária G destaca a importância da biblioterapia para os indivíduos.

trabalho desenvolvido por Bibliotecários. Observamos que ao mesmo tempo em que as crianças entram no mundo lúdico que o livro proporciona, também conseguem extrair riquezas para a vida. Ao final deste trabalho investigativo estamos convictos de que a prática bibliotecária, não é apenas operadora, mas necessariamente assume um papel reflexivo, investigador. Das fontes ou dados de pesquisa podemos dizer que estas vão para além das tradicionalmente utilizadas no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, como esta utilizada para este trabalho que revelou novas possibilidades do fazer bibliotecário. (BIBLIOTECÁRIA E)

Minha experiência com a biblioterapia foi impar na minha vida. Inclusive me proporcionou oportunidades de estudos, tanto na área de terapia, como também, na psicologia para que efetivamente fosse possível atuar na biblioterapia e não em outros tipos de leituras. (BIBLIOTECÁRIA F)

Trabalho há vários anos com biblioterapia. Tive experiências com diversos grupos de pessoas. Passei a acreditar nela como um recurso de troca, democratização de saberes, pois o foco das minhas preocupações está voltado para um conjunto complexo de atividades que, orientadas por uma perspectiva transformadora, faz do ato de ler uma forma de criar e expressar uma visão de mundo, segundo as necessidades, desejos e aspirações dos sujeitos sociais. No trabalho com a biblioterapia tive a comprovação de que o acesso a leitura e a informação ajuda a tecer outras formas de fazer ciência e a mostrar o sentido maior da existência, quando crianças com câncer, idosos, presidiários, dentre outros, movidos pela coragem e desejo de viver, trazem consigo a vontade de querer saber, de se informar e de se expor a situações significativas de leituras. Parecem entender que essa vontade de ler, de desenhar e de brincar é um instrumento de conscientização e libertação que possibilita firmeza e determinação, tornando-os mais fortes no combate as suas limitações. (BIBLIOTECÁRIA G)

5 CONCLUSÃO

Com a presente pesquisa foi possível contextualizar a biblioterapia na Ciência da Informação e a identificação do bibliotecário como um agente atuante. A biblioterapia é um campo de estudo da Ciência da Informação por ser um processo de comunicação da informação que visa à mudança cognitiva do indivíduo, resultando na evolução do conhecimento pessoal. Mas a Ciência da Informação não é a única ciência a estudá-la, pois a atividade tem uma estruturação complexa de aplicação, tendo a necessidade de entendimento de outras áreas sociais e de saúde.

A biblioterapia é uma atividade benéfica para a sociedade, defendida pelos autores da área, pelos professores entrevistados e pelas respondentes, pois permite o trabalho com indivíduos que possuem dificuldades, porém sua aplicação não é muito difundida entre os bibliotecários, apesar do crescente número de publicações sobre o tema e a quantidade de monografias realizadas. A história da biblioterapia demonstra a participação crescente de bibliotecários, porém demonstra também que ela está tendo uma tendência de individualizar o processo. No Brasil, a biblioterapia tem histórico de aplicação desde a década de 70 e com a possibilidade de evoluir perante o crescente estudo relacionado ao tema.

O bibliotecário como agente atuante com atividade biblioterapêutica precisa identificar seu papel, pois dessa forma pode buscar uma formação complementar que o permita aplicar de forma a alcançar os objetivos da atividade. A mediação da informação também pode ser associada a tal ação, pois dentre as funções do biblioterapeuta está identificar a necessidade do usuário e buscar a informação que deve ser trabalhada.

Pelos dados obtidos na pesquisa pode-se entender o processo de mediação da informação e da comunicação na atividade biblioterapêutica, não como o propósito da aplicação, mas como o meio de torná-la possível. A característica de mediador do profissional se torna coadjuvante, pois o estudo primordial se concentra na forma de atuação, bem como o estudo de públicos e de suas necessidades.

O voluntariado é uma experiência de todas as respondentes, e só poderá ser modificado se instituições perceberem a importância de tal atividade e buscar a aplicação para seu público. A ação perceptível é que profissionais entendem a importância e convence, por meio de pré-projetos, as instituições. Foram vivenciados alguns problemas relacionados à aceitação da atividade e com relação ao trabalho com determinados públicos, porém não houve problemas relacionados a outros profissionais.

Identificou-se que a aplicação da biblioterapia é ampla, desta forma, o treinamento e a atuação do bibliotecário que podem variar de acordo com o nicho de atuação. Pela realidade brasileira, a atividade precisa de uma estruturação, pois as aplicações são diversificadas pelos seus métodos (leitura, ludoterapia, psicodrama), públicos (crianças, presos, idosos, pacientes, pais, adolescentes) e instituições (escolas, hospitais, asilos, creches, prisões, entre outros). A diversificação do tipo de biblioterapia é justificada pela forma que os profissionais se preparam, pois os fundamentos usados foram variados (Psicologia, Pedagogia, Literatura, Biblioteconomia), enquanto alguns utilizam como base a Psicologia, outros envolvem aplicações mais lúdicas.

O presente estudo, de caráter exploratório, resultou no entendimento maior da biblioterapia para estudos futuros e construção de hipóteses mais precisas e aprofundadas. Por fim, vale ressaltar que muitos estudos ainda devem ser realizados sobre a biblioterapia, para seu futuro desenvolvimento, tanto relacionado à relevância na sociedade, quanto pela atuação profissional.

5.1 SUGESTÃO PARA ESTUDOS FUTUROS

Diante dos resultados da pesquisa, percebe-se diversas lacunas relacionadas à prática biblioterapêutica, bem como a seus métodos. Diante, também, do caráter exploratório da área da biblioterapia no ponto de vista da biblioteconomia no Brasil e da área de mediação da informação, sugere-se os seguintes tópicos como temas para estudos futuros:

- A padronização da atividade biblioterapêutica, considerando público-alvo, tipo de instituição, bem como a metodologia definida de cada aplicação.
- A definição da atuação interdisciplinar da atividade biblioterapêutica, buscando identificar o papel de cada tipo de profissional, bem como as contribuições possíveis das áreas para com a atividade.
- Estudo relacionado à variação das necessidades do público-alvo da biblioterapia, considerando a definição de Barreto (1994) de necessidades e informações compatíveis.
- A conceituação mais aprofundada do aspecto profissional da mediação da informação, considerando variáveis como o tipo de profissional da informação, o local de atuação e as atividades realizadas.
- A influência da biblioterapia na sociedade, seu impacto e suas contribuições, bem como a elaboração de políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos beneficiários de tal prática.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, M. Social: compromisso do ser bibliotecário. In: JORNADA NORTE-NORDESTE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 4., 2003, Recife. *Anais... Recife: UPBE, 2003.* Disponível em: <<http://www.biblio.ufpe.br/apbpe/relato/trabalhos.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2005.
- ALMEIDA, Geysse Maria. A leitura como tratamento: diversas aplicações da biblioterapia. In: ENCONTRO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Pernambuco, PB. *Anais... Pernambuco, PB: UFPB, 2011.*
- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim. *Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação*. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.
- _____; BORTOLIN, Sueli. Mediação da Informação e da Leitura, 2007. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - UEL, 2., 2007, Londrina. *Anais... Londrina: UEL, 2007.* Disponível em: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/13269/1/MEDIA%C3%87%C3%83O_DA_INFORMA%C3%87%C3%83O_E_DA_LEITURA.pdf>. Acesso em: 09 maio 2012.
- _____. Profissional bibliotecário: um pacto com o excluído. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004, v. 1, p. 70-86.
- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. *Rev. Bras. Bibliotecon. e Doc.*, v. 15, n. 1/2, p. 54 – 61, jan./jun. 1982.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. Trad. de Octavio Mendes Cajado. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BARBIER, René. *Escuta sensível na formação de profissionais de saúde*. 2002. Disponível em: <<http://www.barbier-rd.nom.fr/ESCUTASENSIVEL.PDF>>. Acesso em: 07 jan. 2013.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994.
- BEATTY, William K. A historical review of bibliotherapy. *Library Trends*, v. 11, n. 2, p. 106-117. 1962.
- BERAQUET, V. S. M. et al. Bibliotecário clínico no Brasil: em busca de fundamentos para uma prática reflexiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2007, Salvador. *Anais... Brasília: ENANCIB, 2007.*

BORGES, Maria Alice Guimarães. O profissional da informação: somatório de formações, competência e habilidades. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Orgs.). *Profissionais da Informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 55-69.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em ciência da informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Métodos para a pesquisa em ciência da informação*. Brasília: Thesaurus, 2007. p.17-38 (Série Ciência da Informação e da Comunicação).

BRETON, Philippe; PROULX, Serge. *Sociologia da comunicação*. Tradução Ana Paula Castellani. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 287 p. (Humanística, 4).

BREWSTER, Elizabeth. *Medicine for the soul: bibliotherapy and the public library*. 2007. Disponível em: <<http://extra.shu.ac.uk/sinto/Issues/Documents/MEDICINE%20FOR%20THE%20SOUL.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

BROOKES, Bertram C. The foundations of information science: part I : philosophical aspects. *Journal of Information Science*, n.2, p.125-133, 1980.

BRY, Ilse. Medical aspects of literature. *Bulletin of the Medical Library Association*, v.30, p. 252-266, apr. 1942.

BRYAN, Alice I. Can there be a science of bibliotherapy? *Library Journal*, v.64, p.773-776, oct. 1939.

BUENO, J. M. H.; PRIMI, R. Inteligência emocional: um estudo de validade sobre a capacidade de perceber emoções. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 2, p. 279-291, 2003.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 12, dez. 2001. Disponível em <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

_____. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. *Biblios*, v. 6, n. 21/22, ago. 2005.

_____. *Biblioterapia: um cuidado com o ser*. São Paulo: Porto de Idéias, 2010. 199 p.

_____. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 7, n. 14, out. 2002.

CAMPOS, Diego et al. A biblioterapia como fator de saúde, inclusão social e cidadania. In: I CONFERÊNCIA IBERO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO DA

INFORMAÇÃO EM SAÚDE, 1., 2007, Brasília, DF. *Anais...*, Brasília, DF: CID/UnB, 2007.

CAPURRO, Rafael. Foundations of information science: review and perspectives. 2010. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: 25 maio 2012.

_____; HJØRLAND, B. O conceito de Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan/abr. 2007.

CARLSON, R.; ARTHUR, N. Play therapy and the therapeutic use of story. *Canadian Journal of Counseling*, v. 33, p. 212-226, 1999.

CARVALHO, K.; REIS, M. B. Missão do Bibliotecário: a visão de José Ortega y Gasset. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Nova Série, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 34-42, jul./dez. 2007.

CASTRO, César. *História da Biblioteconomia brasileira*. Brasília: Thesaurus, 2000. 287 p.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Linha de pesquisa: biblioterapia. 2012. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=00436072L3CKK7&seqlinha=1>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

CORTEZ, Ísis; CALAZANS, Juliete; VIDAL, Mizia. Incentivar para humanizar: mediação de leitura no Hospital das Clínicas da UFPE. In: ENCONTRO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Pernambuco, PB. *Anais...* Pernambuco, PB: UFPB, 2011.

CROTHERS, S. McC. A literacy clinic. *Atlantic Monthly*, v.118, p. 291-301, aug. 1916.

CRUZ, Maria Aparecida Lopes de. *Biblioterapia de desenvolvimento pessoal: um programa para adolescentes de periferia*. 1995. 147 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia)–Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1995.

DAVANSO, Andressa Mello; ZANAGA, Mariângela Pisoni. Estudo do processo de comunicação, de construção e de uso da informação no contexto da Ciência da Informação. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA PUC-CAMPINAS, 14., 2009, Campinas, SP. *Anais...* Campinas, SP, PUC-Campinas, 2009.

DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à psicologia*. São Paulo: Pearson Makron Books, 2009. xxiv, 798 p.

DAVIE, Lou. The function of a patients' library in a psychiatric hospital. *Bulletin of the Menninger Clinic*, v.4, p.124-129, jul. 1940.

DERVIN, Brenda; NILAN, M. Information needs and uses. *Annual Review of Information Science and Technology – ARIST*, v. 21, p. 3-33, 1986.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Ciclo informacional: a informação e o processo de comunicação. *Em Questão*, Porto Alegre, v.15, n.1, p. 57-72, jan./jun. 2009.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. *EDT*, v. 4, n. 2, p. 33-47, jun. 2003.

FONTENELE, M. F. *et al.* *A biblioterapia no tratamento do câncer infantil*. Fortaleza: UFC, 1995. Projeto de pesquisa do curso de Biblioteconomia e Psicologia da UFC.

_____. A Biblioterapia no tratamento do câncer infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. *Anais ...* Porto Alegre: PUCRS, 2000. CD-Rom.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isso? A fenomenologia de Husserl? *Ideação*, Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOMES, Henriette Ferreira. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. *DataGramZero: Revista de Ciência da Informação*, v. 9, n. 1, fev. 2008.

_____; PRUDÊNCIO, Deise Sueira; CONCEIÇÃO, Adriana Vasconcelos da. A mediação da informação pelas bibliotecas universitárias: um mapeamento sobre o uso dos dispositivos de comunicação na web. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v.20, n.3, p. 145-156, set./dez. 2010.

GREEN, Elizabeth; SCHWAB, S. I. The therapeutic use of a hospital library. *The Hospital Social Service Quaterly*, v.1, p.147-157, aug. 1919.

GUMIEIRO, V. *et al.* A biblioterapia e o papel do bibliotecário. In: CONFERÊNCIA IBERO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SAÚDE, 1., 2007, Brasília, DF. *Anais...*Brasília, DF: CID/UnB, 2007.

HANNIGAN, Margaret. The librarian in bibliotherapy: pharmacist or bibliotherapist? *Libr. Trends*, v.11, p. 188-198, oct. 1962.

HASSE, Margareth. *Biblioterapia como texto: análise interpretativa do processo biblioterapêutico*. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado em Mestrado Em Comunicação e Linguagens)-Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

HJØRLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002.

JONES, Perrie. Hospital libraries: today and tomorrow. *Bulletin of the Medical Library Association*, v.32, p. 467-478, oct. 1944.

_____. Mental patients can read. *Modern Hospital*, v.49, p.72-75, set. 1937.

KAMMAN, G. R. Future aims of the hospital library. *Minnesota Medicine*, v.21, p. 559-561, aug. 1938.

KINNEY, M. J. The bibliotherapy program: Requirements for training. *Library Trends*, v. 11, p. 127-135, 1962.

LE COADIC, Yves-François. *A Ciência da Informação*. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124 p.

LEITE, Ana Cláudia de Oliveira. Biblioteconomia e biblioterapia: possibilidades de atuação. *Revista de Educação*, v. 12, n. 14, p.23-37, 2009.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. *Perspect. ciênc. Inf*, Belo Horizonte, v.11, n.3, p. 398-415, set./dez. 2006.

MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. *Current studies in Librarianship*, v. 13, n. 1/2, p. 1-5, Spring/Fall 1989.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 93 p. (Coleção primeiros passos, 74).

MENNINGER, William C. Bibliotherapy. *Bulletin of the Menninger Clinic*, v.1, p.263-274, nov. 1937.

MIRANDA, Maria Rosa Pimentel Faria de. *Informação, leitura e inclusão educacional e social nas bibliotecas braille de Campo Grande/MS: um estudo de caso*. 2006. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em Ciência da Informação, UnB/UNIDERP, Brasília, 2006.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. *Ciência da informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./ dez. 2006.

MORENO, Regina Lúcia Ribeiro *et al.* Contar histórias para crianças hospitalizadas: relato de uma estratégia de humanização. *Pediatria*, São Paulo, v. 25, v. 4, p.164-169, 2003.

MORO, Marie Rose; LACHAL, Christian. *As psicoterapias: modelos, métodos e indicações*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petropolis: Vozes, 2008. 271 p.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Métodos para a pesquisa em ciência da informação*. Brasília: Thesaurus, 2007. 190 p. (Série Ciência da Informação e da Comunicação).

NASCIMENTO, P. D. et al. Brinquedoteca: psicoterapia corporal com crianças assistidas de um lar substituto. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. *Anais...* Centro Reichiano, 2004. CD-ROM.

NUNES, Lucilene; FRANCO, Lucimara F. M. *Biblioterapia: formação e atuação do bibliotecário*. Disponível em: <http://www.cab.ufsc.br/repositorio/trabalhoserebd2007/trabalho_14.pdf>. Acesso em: 19 out. 2012.

OATHOUT, M. C. Books and Mental Patients, *Library Journal*, v.79 p.405-410, mar. 1954.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: Biblioterapia. *Comunicações e Artes*, São Paulo, v.11, p. 139-149, 1982.

ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 82 p.

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. Tradução Nicolás Niyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996. 341 p.

PEREIRA, Marília M. Guedes. *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas*. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

_____. Biblioterapia e leitura crítica para a formação da cidadania com os alunos do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. *Anais ...* Porto Alegre: PUCRS, 2000. CD-Rom.

PETERSON-DELANEY, Sadie. The place of bibliotherapy in a hospital. *Library Journal*, v.63, p.305-308, apr. 1938.

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. 28. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. 155 p.

PINHEIRO, Edna Gomes et al. *Abra os olhos e também o coração: a história do projeto reviver – biblioterapia com crianças portadoras de câncer*. João Pessoa, 2002

_____. Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência. *Informação & Sociedade: Estudos*, v. 8, n. 1, 1998.

PINTO, V. B. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. *Transinformação*, Campinas, n. 17. p. 31-43, jan./abr. 2005.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214, set. 1975.

RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da biblioteconomia*. Tradução de Tarcisio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos, 2009. 336 p.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas v. 3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. rev. e ampl. 3. reimpr. Santos: Atlas, 2011. 334 p.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 172 p.

ROBINSON, G. S. Institution libraries of Iowa. *Modern Hospital*, v.6, p. 131-132, feb. 1916.

ROS, Antónia. A entrevista psicológica. Disponível em: <<http://nucleogrhc.files.wordpress.com/2009/04/cp0211entrevista.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

ROSENBLATT, L. M. *Literature as exploration*. New York: Progressive Education Association, 1938.

ROSSI, Tatiana; ROSSI, Luciene; SOUZA, Marinilva Rodrigues de. Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v.12, n.2, p. 322-340, jul./dez., 2007.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. *As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a biblioterapia*. 2006. 84 p. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Discurso)-Universidade do Vale do Rio Verde – UNINCOR, Três Corações, 2006.

RUBIN, Rhea Joyce. *Using bibliotherapy: a guide to theory and practice*. London: Oryx Press, 1978.

SANTOS, Jussara Pereira. Reflexões sobre currículo e legislação na área da Biblioteconomia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 6, p. 35-47, 1998.

SARACEVIC, T. Information science. *J. Am. Soc. Info. Sci.*, v.50, n.12, p. 1051–1063, 1999.

SCHRAMM, W. *Mass media and national development*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1964.

SEITZ, Eva Maria. *Biblioterapia*. Florianópolis: Habitus, 2006a. 98 p.

_____. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v.11, n.1, p. 155-170, jan./jul., 2006b.

SILVA, Alexandre Magno da. *Características da biblioterapia como campo de atuação profissional no Brasil*. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 7. ed. São paulo: Cortez, 1996. 104 p.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Necessidades de informação e satisfação do usuário: algumas considerações no âmbito dos usuários da informação. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 102-123, jul./dez. 2012.

SILVA, W. P.; PINHEIRO, E.G. A face oculta da biblioterapia na biblioteca universitária: os ditos e os não ditos dos bibliotecários da Biblioteca Central da UFPB. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008. *Anais eletrônicos...* São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3497.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

SILVERBERG, Lawrence I. Bibliotherapy: The therapeutic use of didactic and literary texts in treatment, diagnosis, prevention, and training. *Journal of the American Osteopathic Association: Special Communication*, v. 103, n. 3, mar. 2003.

SMIT, Johanna W; BARRETO, Aldo de Albuquerque. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Marta Lígia. (org.) *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

_____; TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? In: LARA, Marilda Lopes de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires, (orgs.). *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46.

SPAGNULO, Pietro. Biblioterapia: che cos'è la Biblioterapia? 2001. Disponível em: <<http://www.ecomind.it/Pagine/Biblioterapia/index.html>>. Acesso em: 30 maio 2011.

SHRODES, Caroline. *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*. Unpublished Ph.D. Dissertation – University of California, 1949.

TEWS, Ruth M. The questionnaire on bibliotherapy. *Library Trends*, v.11, n.2, p.217-227, 1962.

UNITED States Department of Veterans Affairs. Disponível em: <<http://www.va.gov/>>. Acesso em: 16 out. 2012.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. p. 117-132. In: _____. (org.) *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002.

VICENTE, Jorge. *Biblioterapia*. 2000. Disponível em: <<http://form.ccems.pt/drama/bibliotecas.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

VIEIRA, Valter Afonso. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. *Rev. FAE*, Curitiba, v.5, n.1, p. 61-70, jan./abr. 2002.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 25, p. 84-103, 1º sem. 2008.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.

WOYCIEKOSKI, Carla; HUTZ, Claudio Simon. Inteligência emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 1, p. 1-11, 2009.

APÊNDICE

APENDICE A - QUESTIONÁRIO

PRIMEIRA PARTE – PERFIL

1. Informe sua formação acadêmica (graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado) e as instituições nas quais foram realizadas.
2. Em que instituição você trabalha?
3. Qual é a sua função?
4. Qual foi o motivo que a fez participar de atividades biblioterapêuticas?
5. Que tipo de treinamento ou curso você fez para participar de atividades biblioterapêuticas?
6. A sua participação em atividades biblioterapêuticas é voluntária ou tem relação com o seu emprego?

SEGUNDA PARTE – EXPERIÊNCIA COM BIBLIOTERAPIA

1. Quanto tempo você atua com Biblioterapia?
2. Quais profissionais de outras áreas atuaram nas atividades biblioterapêuticas com você?
3. Você teve algum tipo de problema com esses profissionais (relatados na pergunta anterior) na aplicação da Biblioterapia? Relate sua experiência.
4. Qual a sua participação no momento de planejamento da atividade?
5. Como se identifica a necessidade informacional do público alvo da atividade biblioterapêutica?
6. Qual foi sua participação na seleção de livros?
7. Caso tenha trabalhado individualmente com indivíduos, informe o procedimento da aplicação biblioterapêutica.
8. Qual a sua participação no trabalho de leitura e interpretação em grupo?
9. Relate problemas com relação ao trabalho individual ou em grupo, caso tenha ocorrido.
10. Qual a sua participação na parte de avaliação da atividade?

11. Quais outros tipos de funções que os bibliotecários tiveram nas sessões que você participou?
12. Quais os públicos (criança, adolescente, idoso, etc.) com que você já trabalhou?
13. Teve alguma dificuldade no trabalho com um público específico? Relate sua experiência.
14. Quais foram os tipos de instituição (escola, biblioteca, creche, asilo, prisão, etc.) em que você aplicou a Biblioterapia?
15. Qual(is) desses termos você considera pertinente ao papel do bibliotecário nas atividades biblioterapêuticas: Biblioterapeuta, Mediador da informação e Aplicador da Biblioterapia? Justifique. (Pode ser escolhido mais de um)
16. Em sua opinião, na Biblioterapia há comunicação da informação? Justifique.
17. Em sua opinião, em todo o período que você participou das atividades, houve evolução do papel do bibliotecário?
18. Se você teve algum outro problema além daqueles já citados, relate sua experiência.
19. Relate aspectos que ache relevante sobre a sua experiência em Biblioterapia.

APENDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual foi seu contato inicial com a Biblioterapia?
2. Qual sua opinião sobre a Biblioterapia?
3. Em sua opinião, a Biblioterapia é campo de atuação para o Bibliotecário?
4. Que tipo de formação o bibliotecário deveria ter para aplicar a Biblioterapia?
5. Como o(a) senhor(a) vê o futuro da Biblioterapia?

ANEXO

ANEXO A – GRUPO DE PESQUISA



Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil



Grupo de Pesquisa
Núcleo de Biblioterapia, Bibliotecas Escolares e Leitura



Identificação	Recursos humanos	Linhas de Pesquisa	Indicadores do Grupo
Identificação			
Dados básicos			
<p>Nome do grupo: Núcleo de Biblioterapia, Bibliotecas Escolares e Leitura Status do grupo: certificado pela instituição Ano de formação: 2004 Data da última atualização: 26/04/2012 15:50 Líder(es) do grupo:   Área predominante: Ciências Sociais Aplicadas: Ciência da Informação Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC Órgão: Unidade: Departamento de Ciências da Informação</p>			
Endereço			
Logradouro: Campus Universitário - CEDIC/N Bairro: Trindade Cidade: Florianópolis Telefone: 37219304		CEP: 88000000 UF: SC Fax: Home page: http://	
Repercussões dos trabalhos do grupo			
<p>O grupo tem atuado em diversas atividades de incentivo à leitura, envolvendo, principalmente, o público alvo das bibliotecas escolares. Várias atividades têm sido desenvolvidas, no sentido de revitalizar as bibliotecas escolares de Florianópolis, tanto da rede pública estadual como da municipal. O grupo realiza, ainda, atividades biblioterapêuticas junto a hospitais, escolas e creches. A partir das pesquisas e orientações realizadas pelos professores membros do grupo, foram publicados artigos em periódicos, capítulos de livros e livros, sobre os temas estudados neste núcleo.</p>			
Recursos humanos			
Pesquisadores			Total: 3
Araújo Isaltina de Andrade Hillesheim			Márcia Teixeira Chagas
Clarice Fortkamp Caltin			
Estudantes			Total: 3
Amândia de Queiroz Bessa			Luciméi Malacot
Karyn Munyk Lehmkuhl			
Técnicos			Total: 0
Linhas de pesquisa			
<ul style="list-style-type: none"> • Bibliotecas Escolares • Biblioterapia • Leitura 			Total: 3
Relações com o setor produtivo			
			Total: 0
Indicadores de recursos humanos do grupo			
		Integrantes do grupo	Total
Pesquisador(es)		3	3
Estudante(s)		3	3
Técnico(s)		0	0

Fechar

ANEXO B – LINHA DE PESQUISA

 **Directorio dos Grupos de Pesquisa no Brasil** 

Linha de Pesquisa
Biblioterapia

Linha de pesquisa

Biblioterapia

Nome do grupo: [Núcleo de Biblioterapia, Bibliotecas Escolares e Leitura](#)

Palavras-chave: Biblioterapia; Leitura;

Pesquisadores:

[Clarice Fortkamp Caidin](#)

Estudantes:

[Lucimeri Malaocj](#)

Árvore do conhecimento:

Ciências Sociais Aplicadas; Ciência da Informação; Biblioteconomia;
Ciências Sociais Aplicadas; Ciência da Informação; Biblioteconomia; Processos de Disseminação da Informação;

Setores de aplicação:

Outros Setores

Objetivo:

Desenvolver pesquisas que envolvam a utilização da leitura como atividade biblioterapêutica, tendo em vista os conceitos, os objetivos, o fundamento filosófico e o método biblioterapêutico.

[Fechar](#)

ANEXO C – PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA BIBLIOTERAPIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

PLANO DE ENSINO – SEMESTRE 2011.2

Turma 6324 – 6ª. feira

1 IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 Disciplina: CIN 5032 – Biblioterapia
- 1.2 Carga horária: 36 h/a semestrais; 2 h/a semanais
- 1.3 Oferta: disciplina optativa
- 1.4 Turma 6324 - 6ª. feira – 18 h 30 minutos a 20 h e 10 minutos

EMENTA: Conceitua e apresenta o fundamento filosófico da biblioterapia. Aponta os objetivos e as aplicações da biblioterapia. Apresenta o método biblioterapêutico.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral: Capacitar o acadêmico a utilizar a leitura como atividade biblioterapêutica.

2.2 Específicos:

- 2.2.1 Apreender o sentido do termo *biblioterapia*;
- 2.2.2 Conhecer o histórico da biblioterapia;
- 2.2.3 Compreender o fundamento filosófico da biblioterapia;
- 2.2.4 Entender os objetivos da biblioterapia;
- 2.2.5 Verificar as aplicações da biblioterapia;
- 2.2.6 Dominar as técnicas do método biblioterapêutico;
- 2.2.7 Aplicar a biblioterapia em diversas instituições com crianças, jovens, e adultos.

3 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

3.1 Parte teórica

3.1.1 Conceito 3.1.2

Histórico

3.1.3 Fundamento filosófico

3.1.4 Objetivos

3.1.5 Aplicações

3.1.6 Método biblioterapêutico

3.2 Parte prática:

3.2.1 Organizar um projeto de atividades biblioterapêuticas

3.2.2 Executar atividades de biblioterapia em instituição previamente selecionada.

4 METODOLOGIA E AVALIAÇÃO

4.1 Metodologia: aulas expositivas, dialogadas, leituras, fichamentos, exercícios, seminários, visitas às instituições, elaboração e execução de um projeto de atividades.

4.2 Avaliação:

4.2.1 Participação em sala de aula, exercícios, leituras, fichamentos, seminários e visitas;

4.2.2 Entrega de um projeto de atividades biblioterapêuticas;

4.2.3 Realização de sessões de biblioterapia nas instituições selecionadas;

4.2.4 Relato oral à classe da experiência das atividades de biblioterapia;

4.2.5 Entrega de um relatório final das atividades realizadas.

Atenção: não haverá prova de recuperação. É indispensável a apresentação do projeto, o desenvolvimento das sessões de biblioterapia e a entrega do relatório de atividades biblioterapêuticas, bem como o relato das atividades à classe.

5 BIBLIOGRAFIA

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Rev. Bras. Bibliotecon. E Doc.**, v. 15, n. ½, p.54-61, jan./jun. 1982.

BAHIANA, Neiva Dulce Suzart Alves. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência a informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 65-79, jul./dez. 2009.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na Literatura Infantil**; (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

_____. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 12, dez. 2001. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br> > Acesso em: 10 jan. 2010.

_____. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação**, n. 13, maio 2002. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br> > Acesso em: 17 jan. 2010.

_____. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 14, out. 2002. Disponível em: <http:// www.periodicos.ufsc.br > Acesso em: 20 jan. 2010.

_____. Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8, p. 10-17, 2003. Disponível em: < <http://www.revista.acbsc.org.br/> > Acesso em: 20 fev. 2010.

_____. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 18, 2^o. sem. 2004. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br> > Acesso em: 30 jan. 2010.

_____. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, Lima, año 6, n. 21/22, p. 13-25, Ene./Ago. 2005. Disponível em: <[http://www. Bibliosperu.com/arbitraje.shtml?x=43](http://www.Bibliosperu.com/arbitraje.shtml?x=43)> Acesso em: 03 jul. 2009.

_____. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

_____. A teoria merleau-pontyana da linguagem e a biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 23-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/viewissue.php?id=22> Acesso em: 05/03/2011.

CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais dos contos de fadas**: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

DOHME, Vânia D'Ângelo. **Técnicas de contar histórias**. 8. ed. São Paulo: Informal, 2005.

FORTUNA, Tânia Ramos. Papel do brincar; aspectos relevantes a considerar no trabalho lúdico. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 18, n. 71, p. 9-14, jul./set. 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GILLIG, Jean-Marie. **O conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n.3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/viewissue.php>> Acesso em: 03 jul. 2009.

MEZALIRA, Claudia Zambeli. **Biblioterapia e a poesia infanto-juvenil**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: < <http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/000000000010/00001097.pdf> > Acesso em: 05/03/2011.

MORENO, Fernanda da silva; AMODEO, Maria Tereza. A transformação da moralidade nas releituras teatrais de constos maravilhosos. **Letrônica**, v. 3, .2, p. 209-218, dez. 2010.

NASCIMENTO, Elzi; QUINTA, Elzita Melo. **Terapia do riso**. 5. ed. São Paulo: Harbra, c 1998.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

OLIVEIRA, Lecila Duarte Barbosa. “Brincar” como agente promotor de saúde no desenvolvimento infantil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 42, n. ½, p. 193-215, abr./out. 2008.

PARDINI, Maria Aparecida. Biblioterapia! Encontro perfeito entre o bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura. Estamos preparados para essa realidade? Disponível em: < <http://acd.ufrj.br/sibi/snbu2002/oralpdf/87.a.pdf> > Acesso em: 22 jan. 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PEREIRA, Marília m. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

PINTO, Virgínia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **R. Esc. Bibliotecon.UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n.2, p. 198-214, set. 1975.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias**: para as crianças, pelas crianças. São Paulo: Cultrix, 2005.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da biblioterapia como campo de atuação profissional no Brasil**. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

WARNER, Martina. **Da fera à loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: _____. (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas; Alínea, 2004. p. 182-198. (Coleção Psicotemas).

6 CRONOGRAMA

Conteúdo	dia/mês	c/h
Apresentação do plano de ensino		
Conceito de biblioterapia		
Histórico	12/ago.	2
Fundamento filosófico, Objetivos da biblioterapia Aplicações da biblioterapia	19/ago.	2
Método biblioterapêutico	26/ago.	2
Leitura de textos e fichamentos	02/set. 09/set.	2 2
SEMINÁRIOS	16/set. 23/set.	2 2
Organização de um pré- projeto de atividades Biblioterapêuticas	30/set.	2
Visita à instituição selecionada	07/out.	2
Elaboração do projeto	14/out.	2
Assessoria ao projeto	21/out.	2
Atividades de biblioterapia	28/out. 04/nov. 11/nov. 18/nov. 25/nov.	2 2 2 2 2

Entrega do Relatório e Relato das atividades	02/dez.	2
Média final	09/dez.	2

ANEXO D – PROJETO DE LEI SOBRE BIBLIOTERAPIA**CÂMARA DOS DEPUTADOS****PROJETO DE LEI Nº , DE 2012**

(Do Sr. Giovanni Cherini)

Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

Art. 2º A biblioterapia integra o conjunto das ações de saúde oferecidas pelo SUS.

§1º Os materiais de leitura com função terapêutica só poderão ser prescritos e vendidos para os fins estabelecidos nesta Lei após autorização do Ministério da Saúde.

§2º A autorização de que trata o §1º deverá considerar a eficácia terapêutica da obra.

§3º Das obras autorizadas pelo Ministério da Saúde para biblioterapia constará o número da autorização seguido do selo “RECOMENDADO PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE”.

Art. 3º Os familiares do paciente, mediante recomendação médica, também poderão receber a prática terapêutica biblioterápica nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde.

Art. 4º Fica autorizada a venda de obras biblioterápicas em farmácias, drogarias e livrarias.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A Biblioterapia não é uma técnica atual. O uso da leitura com fim terapêutico vem da Idade Antiga. Registros mostram que, no antigo Egito, as bibliotecas eram vistas como locais de conhecimento e espiritualidade. Os gregos também associavam os livros ao tratamento médico e espiritual, concebendo suas bibliotecas como “a medicina da alma”.

Em 1802, pesquisadores já recomendavam a leitura como terapia para doentes de um modo em geral e, em 1810, passou-se a recomenda-la como apoio à psicoterapia para crianças, adolescentes, adultos e idosos que estivessem com problemas referentes à depressão, conflitos internos, medos e fobias relacionados a doenças graves.

A partir do século XX as práticas biblioterapêuticas começaram a disseminar-se, inicialmente nos EUA, a partir dos profissionais das bibliotecas hospitalares, começando a despertar o interesse e a curiosidade dos profissionais da área, posteriormente, alastrando-se por toda a Europa.

Durante muito tempo a biblioterapia foi utilizada em hospitais sob orientação de profissionais da área da saúde, passando a partir de 1904, a ser considerado também como um ramo da Biblioteconomia (PEREIRA, 1989). Hoje, vem sendo desenvolvida por equipes interdisciplinares com constante participação dos bibliotecários, psicólogos e médicos, sendo no Brasil, as Regiões Sul e Nordeste as que concentram os maiores índices de aplicabilidade biblioterapêutica.

A aplicação da Biblioterapia em pacientes adultos internados em unidades hospitalares tem como pretensão proporcionar uma internação menos dolorosa e agressiva, humanizando o tratamento hospitalar.

São vários os projetos desenvolvidos envolvendo a prática terapêutica de biblioterapia no país, sendo um exemplo a ser copiado o desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2001, que utilizou os recursos da Política Nacional de Incentivo à Leitura, para reunir uma gama de profissionais dos cursos de letras, psicologia e medicina, no objetivo de aplicação da biblioterapia nas pediatrias de hospitais de Porto Alegre

e de Joinville. O resultado deste trabalho foi a redução, estatisticamente comprovada, da insônia, resgate do lúdico, alívio das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar.

Diante desse contexto, e do amplo aparato acadêmico internacional, afirmando a eficácia desta terapia no ambiente hospitalar, alcançando cura ou minimização dos sintomas de até 80%, vemos como uma necessidade premente a adoção desta terapia no Sistema Único de Saúde, fornecendo ao cidadão brasileiro práticas modernas para tratamento da depressão e humanização do ambiente hospitalar.

Para sanar esta lacuna, e em conformidade com as orientações da Organização Mundial de Saúde quanto à inserção de métodos tradicionais e alternativos complementares nos sistemas nacionais de saúde, espero o apoio dos ilustres pares na aprovação do presente projeto.

Sala das sessões, em de de 2012

Deputado Giovani Cherini

ANEXO E – GUIA DE RECURSOS DA BIBLIOTERAPIA



Department of Veterans Affairs **Bibliotherapy Resource Guide**

Mental Illness Research, Education and Clinical Centers
Office of Mental Health Services, VA Central Office

Table of Contents

<u>Table of Contents</u>	2
 <u>Introduction to the Resource Guide</u>	
Bibliotherapy.....	4
Purpose of Guide	4
Summary of Research Literature.....	4
Description of Information Provided for Each Book.....	6
 <u>Listing of Resources by Topic Area</u>	
<u>Depression</u>	
Books.....	7
Websites.....	9
 <u>Bipolar Disorder</u>	
Books.....	10
Websites.....	11
 <u>Additional Resources for Mood Disorders and Emotional Dysregulation</u>	
Books.....	12
 <u>PTSD, Trauma, and Combat Stress</u>	
Books: PTSD and Trauma.....	13
Books: Sexual Trauma.....	15
Books: Combat Trauma.....	16
Books: Other Types of Trauma.....	17
Books: Caregiver Resources.....	17
Websites.....	17
 <u>Anxiety</u>	
Books.....	19
Websites.....	20
 <u>Schizophrenia</u>	
Books.....	22
Websites.....	22
 <u>Substance Abuse</u>	
Books	26
Websites.....	26

Anger

Books

.....

28

Websites..... 28

Health and Wellness

Books.....

.....

29

Websites..... 29

Wellness in Older Adults

Insomnia and Aging..... 31

Dementia Education.....31

Caregiving.....32

Aging and Sexuality.....33

Successful Aging...

.....

.34

Aging and Pain

.....35

References..... 36Ordering Information and Cost of Books.....38Members of the Bibliotherapy Workgroup..... 47

VA Bibliotherapy Resource Guide

Bibliotherapy

Bibliotherapy involves the use of written materials to address emotional problems (1, 2). Bibliotherapy resources include books as well as an increasing array of Internet-based and other materials. Bibliotherapy has been shown to be quite effective for a variety of mental health problems (2-4). It may be used in some cases as a stand-alone resource for individuals with more mild problems, and frequently as an adjunct to professional treatment. There is great potential for incorporating bibliotherapy as an adjunctive component to mental health care in VA.

Purpose of this Guide

This brief guide is designed to provide VA clinicians, as well as administrators, peers, and veterans, with information about bibliotherapy resources that can serve as supplements to treatment. It is intended that this guide will promote the use of such resources both in specialty mental health settings, as well as in primary care, where VA is integrating mental health services nationally. This guide is provided as an informational resource and is not an endorsement of any specific product.

Summary of the Research Literature

An increasing body of evidence demonstrates that bibliotherapy can be effective for adults of all ages with depression, anxiety, and a variety of other concerns (2-4). Meta-analyses routinely find moderate to large effect sizes for bibliotherapy interventions for depression (5-7) and anxiety disorders (2). Small to moderate effect sizes have been found for alcohol abuse and other addiction problems (8, 9). Other studies on bibliotherapy interventions targeting insomnia (10), bulimia (11), and migraines (12) have also shown significant positive effects. Although bibliotherapy in some cases can be useful when used alone, research indicates that bibliotherapy is often most effective when paired with personalized feedback and support (e.g., 13). Accordingly, this guide is intended primarily to promote the use of bibliotherapy resources as an adjunct to treatment veterans are receiving from VA or other professionals.

At the current time, only a proportion of the available books have been subjected to empirical examination (3, 14); however, many of the books identified in this resource guide share common elements. There are several books and online resources related to Cognitive Behavioral Therapy, Acceptance and Commitment Therapy, Interpersonal Therapy, and other established models. For example, *Feeling Good: The New Mood Therapy* (15), which is based on cognitive therapy principles, significantly decreased symptoms of depression in adults diagnosed with the disorder, and the effect was maintained over three years (16).

Although bibliotherapy is often equated with “self-help”(1), studies show that many mental health professionals recommend books and materials to clients to read outside of therapy and discuss the content during sessions (17, 18). In addition to furthering awareness and self-directed behavior change, other reasons identified for incorporating bibliotherapy into clinical practice include education and empowerment, as well as the education of family members and

friends (19), which can increase opportunities for social support. All of these goals are consistent with aspects of recovery-oriented care (20).

This Resource Guide was created by a national workgroup composed of representatives of the ten Mental Illness Research, Education and Clinical Centers (MIRECCs), at the request of and in collaboration with the Office of Mental Health Services, VA Central Office. Experts among the MIRECCs (see appendix) and VA Central Office identified resources that they and others recommend to their own clients. Multiple nominations were selected for inclusion in this guide, as the type of resource or approach that a veteran or family member finds helpful is likely to vary. This resource guide is not intended to be exhaustive, and as noted above, is not an endorsement of any commercial product. The guide is designed to provide information on many established resources available for a variety of mental health conditions.

For each book, the following information is included:

Name of author (Year of publication). *Title of Book*. Publisher. Approximate cost. Reading level (if available). AGSH recommendation (if applicable).

Approximate Cost

Costs of resources may vary compared to what is listed here; many of the resources identified may be on sale and available at a reduced cost. In addition, used books may be available for purchase at lower cost.

Reading Level

Reading level is included when it was available. All reading levels are based on the Flesch-Kincaid Index, which utilizes word and sentence length to determine the readability of a given resource.

AGSH

The *Authoritative Guide to Self-Help Resources in Mental Health* (Norcross et al., 2003), published by Guilford Press, is a reference of self-help materials, based on a survey of psychologists, in which respondents were asked to rate identified self-help resources. Where “AGSH” appears after a book or website citation in this document, it indicates that the resource is recommended by the authors of the AGSH, based on respondent ratings.

Depression

Books

Addis, M. E. & Martell, C. R. (2004). *Overcoming Depression One Step at a Time: The New Behavioral Activation Approach to Getting Your Life Back.* New Harbinger. \$19.95 paperback. 9th grade reading level.

This book is written as a self-help guide to overcoming depression based on behavioral activation therapy. It is filled with behavioral exercises designed to increase activity and increase the possibility of rewards.

Burns, D. D. (1999). *The Feeling Good Handbook.* Plume. \$25.00 paperback. 10th grade reading level. AGSH

This book is a popular self-help text based on cognitive therapy for dealing with depression, as well as procrastination and various types of anxiety. It includes easy to follow, step-by-step instructions. This resource also addresses improving intimacy and communication with a partner and managing conflict in relationships.

Golant, M. & Golant, S. K. (1998). *What to Do When Someone You Love Is Depressed: A Practical, Compassionate, and Helpful Guide.* Owl Books. \$15.00 paperback. 11th grade reading level.

This book is written for caregivers and family members who have a loved one with depression, but can be a resource for patients who do not readily recognize that they have a problem. This book addresses issues of intimacy and communication when one individual in the relationship is depressed. This version also includes questions submitted by readers. Please note that a revised and expanded 2nd edition of this book published in 2007 by Macmillan is available for \$16.00 paperback.

Greenberger, D. & Padesky, C. A. (1995). *Mind Over Mood: Change How You Feel by Changing the Way You Think.* Guilford. \$23.95 paperback. AGSH

Based on the principles of cognitive therapy, this resource describes the model of how thoughts influence mood. The majority of the book focuses on cognitive restructuring and the use of the thought record. The text describes and illustrates various exercises for each section of the thought record template including recognizing automatic thoughts, evaluating evidence for thoughts, creating alternative or balanced thoughts, and uncovering core assumptions and beliefs. There are numerous blank forms including depression and anxiety inventories. This book is available in English and Spanish.

Hayes, S. C. (2005). *Get Out of Your Mind and Into Your Life: The New Acceptance and Commitment Therapy.* New Harbinger. \$19.95 paperback. 9th grade reading level.

This book is based on Acceptance and Commitment Therapy (ACT). This approach targets emotional avoidance by (a) addressing problematic control of internal experiences such as negatively evaluated memories, thoughts, and emotions; and (b) promoting acceptance of emotion and thought through practices of willingness and being present in the current moment. Additionally, ACT explicitly explores valued living and works with readers to regain a vital life by engaging in behavior change that is consistent with personal values.

Knaus, W. J. & Ellis, A. (2006). *The Cognitive Behavioral Workbook for Depression: A Step-by-Step Program*. New Harbinger. \$21.95 paperback. 11th grade reading level.

This book is based on the late Dr. Ellis' Rational Emotive Behavior Therapy (REBT) –a type of cognitive behavioral therapy that focuses on examining and changing self-defeating thoughts, beliefs, and actions. This self-help guide helps the reader to develop REBT skills, using step-by-step instructions, for overcoming depression.

Lewinsohn, P., Munoz, R., Youngren, M., & Zeiss, A. (1992). *Control Your Depression*. Simon and Schuster. \$16.95 paperback. 9th grade reading level. AGSH

This book is based on a social learning model of depression. The premise is that challenging beliefs, changing social interactions, and increasing the frequency of pleasant activities will lead to changes in emotions. The book guides the reader in crafting a personal change plan to address his/her depression and become one's own coach.

McQuaid, J. R., Carmona, P. E., & Segal, Z. V. (2004). *Peaceful Mind: Using Mindfulness and Cognitive Behavioral Psychology to Overcome Depression*. New Harbinger. \$14.95 paperback. 10th grade reading level.

This book addresses the integration of mindfulness (e.g., meditation and awareness) and cognitive behavioral therapy. Activities are designed to change how readers approach their daily lives in order to develop greater peace of mind.

Pettit, J. W., Joiner, T. E., & Rehm, L. P. (2005). *The Interpersonal Solution to Depression: A Workbook for Changing How You Feel by Changing How You Relate*. New Harbinger. \$19.95 paperback.

Based on interpersonal psychotherapy (IPT), people who are depressed are prone to impaired social skills, interpersonal dependency, and interpersonal inhibition. This book offers practical exercises to help the individual learn how mood and relationships are connected and how to change the way that he/she relates to other people.

Smith, M. J. (1985). *When I Say No, I Feel Guilty*. Mass Market Paperback. \$7.99 paperback. 11th grade reading level.

This book offers a variety of strategies to develop assertiveness skills and manage feels of guilt. Other topics include being persistent, dealing successfully with criticism, and more effective communication in professional and personal relationships.

Strosahl K. D. & Robinson, P. R. (2008). *The Mindfulness and Acceptance Workbook for Depression*. New Harbinger. \$21.95 paperback.

This workbook is based on the principles of Acceptance and Commitment Therapy (ACT). The focus of this approach is on living a full life and addressing the avoidance of pleasurable and productive activities that can contribute to ongoing depression, rather than focusing on symptom reduction.

Williams, J. M. G., Teasdale, J. D., Segal, Z. V., & Kabat-Zinn, J. (2007). *The Mindful Way through Depression: Freeing Yourself from Chronic Unhappiness*. Guilford. \$19.95 paperback and audio CD.

This book melds cognitive therapy and mindfulness to focus on breaking mental habits that contribute to unhappiness as well as promoting resilience. It is written in easy-to-understand language. The book includes an audio CD with exercises for overcoming depression.

Websites

National Institute on Aging—Don't Let the Blues Hang Around

A publication of the National Institute on Aging, this fact sheet contains information on causes, symptoms, and treatment of depression.
<http://www.nia.nih.gov/HealthInformation/Publications/depression.htm>

National Institute of Mental Health (NIMH)

Excellent website with downloadable fact sheets and publications.
 AGSH <http://www.nimh.nih.gov/health/topics/depression/index.shtml>

WebMD

Includes videos, frequently asked questions, self-help tips, and info on support groups. <http://www.webmd.com/depression/default.htm>

FamilyDoctor

Includes frequently asked-questions and coping strategies.
<http://familydoctor.org/online/famdocen/home/common/mentalhealth/depression/046.html>

National Alliance on Mental Illness

Information on support groups and mental health advocacy.
<http://www.nami.org/>

Help Guide

Self help and coping tips on recovering from depression.
http://www.helpguide.org/mental/depression_tips.htm

Bipolar Disorder

Books

Basco, M. R. (2005). *The Bipolar Workbook: Tools for Controlling Your Mood Swings.* Guilford (Guilford). \$18.95 paperback. 9th grade reading level.

This book employs a cognitive behavioral therapy model of mood and also discusses effective medication management. The text helps readers to recognize early warning signs of mood swings and develop plans for managing manic and depressive episodes. It may serve as a complement to psychotherapy or as a self-help guide in conjunction with medication management.

Burgess, W. (2006). *Bipolar Handbook: Real-Life Questions with Up-to-Date Answers.* Penguin Group. \$14.95 paperback. 11th grade reading level.

This resource addresses a wide range of questions about bipolar disorder, including common questions about what the term “bipolar” means, the biological basis of the disorder, a description of the diagnostic criteria, and medications used to treat bipolar disorder. This book also addresses sleep, smoking, work and relationship issues, as well as crisis management for family and friends. It includes a resource section with websites and national organizations.

Miklowitz, D. J. (2002). *The Bipolar Disorder Survival Guide: What You and Your Family Need to Know.* Guilford. \$19.95 paperback. Junior college reading level. AGSH

This book is a more advanced text for individuals with bipolar disorder and their families. It discusses current research and is filled with case studies. The text also provides resources for the reader.

Mondimore, F. M. (2006). *Bipolar Disorder: A Guide for Patients and Families (2nd Edition).* Johns Hopkins University Press. \$18.95 paperback. College reading level.

This book is an advanced text for individuals with bipolar disorder and their families. The text provides a history of bipolar disorder and its treatment. It also describes current treatments and explains how to get the most out of them to manage symptoms and live better.

Papolos, D. & Papolos, J. (2006). *The Bipolar Child: The Definitive and Reassuring Guide to Childhood's Most Misunderstood Disorder (3rd edition).* Broadway Books. \$27.95 hardcover. College reading level. AGSH for 1999 edition

This comprehensive resource for parents and professionals is divided into three sections. The first presents in-depth discussions on the difficulty of diagnosis, potential benefits and side effects of various medications, and a review of the other treatments available. The second section addresses the genetic and biological basis of bipolar disorder. The last section provides detailed information about specific behavior strategies for day-to-day difficulties, as well as examples of individual education plans and classroom accommodations.

Please note a paperback version of this book is available for \$15.95.

Torrey, E. F. & Knable, M. B. (2005). *Surviving Manic Depression: A Manual on Bipolar Disorder for Patients, Families, and Providers*. Basic Books. \$18.00 paperback. College reading level.

This is an advanced text for individuals with bipolar disorder and their families. This book discusses current research and treatments and how to manage/avoid medication side effects. There is also a chapter on children/young adults with bipolar disorder.

Websites

National Institute of Mental Health

Excellent information about multiple mental health topics under the “Health and Outreach” category. The second link includes information about bipolar disorder.

<http://www.nimh.nih.gov/nimhhome/index.cfm>

<http://www.nimh.nih.gov/healthinformation/bipolarmenu.cfm>

The Depression and Bipolar Support Alliance.

Very helpful for resources about depression and bipolar disorder such as signs and symptoms, helping a loved one, and recovery.

<http://www.dbsalliance.org>

International Society of Bipolar Disorder

One of the best places to start looking for information. People with bipolar disorder and family members may be interested in the “Resource” section, which includes frequently asked questions, websites with additional information, and a free video about bipolar disorder. <http://www.isbd.org>

National Alliance on Mental Illness

Excellent website for information on various mental health topics, as well as opportunities for support and advocacy. Second link is information on bipolar disorder.

www.nami.org

http://www.nami.org/Template.cfm?Section=By_Illness&Template=/TaggedPage/TaggedPageDisplay.cfm&TPLID=54&ContentID=23037&lstd=325

Child and Adolescent Bipolar Foundation

An excellent website on children and adolescents with bipolar disorder, and information on other resources.

www.bpkids.org

National Alliance for Research on Schizophrenia and Affective Disorders (NARSAD)

Good general information about serious mental illnesses and other mental disorders with links to research.

www.narsad.org

